

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

Maria Larissa Silva Santos

Como romper com
uma ideologia
geográfica?



O caso do Centro Histórico
de Ciudad Juárez, México

SÃO PAULO
2017

MARIA LARISSA SILVA SANTOS

**Como romper com uma ideologia geográfica?
O caso do Centro Histórico de Ciudad Juárez, México**

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Bacharela em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Mendes Antas Jr.

São Paulo
2017

Nome: SANTOS, Maria Larissa Silva.

Título: Como romper com uma ideologia geográfica? O caso do Centro Histórico de Ciudad Juárez, México

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Bacharela em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Mendes Antas Jr.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. Ricardo Mendes Antas Jr.

Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof^a. Dra. Maria Mónica Arroyo

Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. Rafael Antonio Duarte Villa

Universidade de São Paulo

Julgamento: _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Claudia e Laércio, pelo amor e apoio incondicionais.

A Miriam, pela amizade e companheirismo desde o início da graduação. A Andrea, pelo carinho, atenção e preciosas revisões.

Aos colegas do NUPRI (Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais) – Gustavo, Francesca, Thiago, Camila, Margarita, Isabelle e Ignácio – pela companhia e pela parceria nos trajetos de pesquisa que tenho trilhado desde 2014. A Nayara e Rayssa, amigas que o Projeto CineGRI me presenteou e que sei que posso contar em todas as horas.

Aos queridos amigos geógrafos do LABOPLAN – Ali, Aline, Bianca, Gabriela, Igor, Mari, Mel, Maíra, Bruno, Thiago, Vitinho e Wagner – pelas boas conversas, refeições, viagens e aprendizados construídos no meio delas. A Kauê, pela leitura atenciosa e pelos saberes compartilhados desde as reuniões do Grupo de Estudos de Terceiro Mundo (GETM). A Natali, pela leitura atenciosa e pelo companheirismo desde as reuniões da Revista Paisagens.

A Eric, pela amizade de longa data e pelos valiosos comentários a este trabalho. A Andrea Gutiérrez, Daniela Miglierina, Rodolfo Quiroz e Romina Iuso, amigos queridos que fiz recentemente e que me ajudaram a resistir à dura rotina de escrita deste trabalho.

A meus amigos *chilangos* da UNAM, Juan Manuel e Leia Denisse, pela ajuda com a preparação para o campo em Juárez.

Ao professor Sérgio Peña Medina e ao Colef de Ciudad Juárez, pela orientação e amparo institucional durante o estágio de pesquisa realizado.

A Carolina Rosas Heimpel, César del Real Rodríguez, Cynthia Lopez, Gabriela Minjares, Felipe Galán Uribe, Hector Padilla, Juan Enrique Díaz, Leobardo Alvarado, Maricela Morones, Mario Dena, Miriam Castellanos, Patrícia Castillo, Salvador Barragán, Vaneza Chávez e Vanessa Vargas, pela generosidade e o tempo que me cederam com as entrevistas que pude realizar em Juárez.

Aos amigos *juarenses* Michelle, Ángel, Brenda e Violeta Padilla, Alan, David e Anahí Acosta, Raúl, Juan Enrique e Jorginho, que tive a sorte de conhecer ao longo do estágio e que embelezaram minha experiência com a doçura e hospitalidade deles e de suas queridas famílias.

Ao professor Tom Slater, da *University of Edinburgh*, por me apresentar importantes ferramentas teóricas para compreender as desigualdades urbanas, que orientaram parte substantiva da reflexão contida neste trabalho.

Ao professor Rafael Villa, pela orientação que desde 2014 tem me ofertado, possibilitando que eu possa aprender mais sobre algo que me intriga e instiga – a insegurança na América Latina. Agradeço pela confiança no meu trabalho e pelo incentivo a seguir pesquisando.

Ao professor Ricardo Mendes, pela cuidadosa orientação que possibilitou o amadurecimento deste trabalho desde uma perspectiva geográfica.

(...) Ciudad Juárez se puede definir tanto por esos bellos atardeceres que lo caracterizan como por lo que significa el caer de la noche: representa un lugar lleno de sol y de vida y al mismo tiempo un espacio desolado, impregnado por la oscuridad, el miedo y la muerte. Aquí uno puede enamorarse, divertirse, trabajar, estudiar, vivir; sin embargo, lo que no deberíamos permitirnos como sociedad es dejar de escuchar, olvidar o ser indiferente a esos gritos que desgarran día a día nuestra ciudad, pues hacerlo implica negar una parte importante de la realidad. No dejemos que la memoria se haga polvo, ni que el olvido ponga bajo tierra nuestro duelo.

Amalia Rodríguez
Juaritos Literario, 2017

RESUMO

SANTOS, Maria Larissa Silva. **Como romper com uma ideologia geográfica? O caso do Centro Histórico de Ciudad Juárez, México.** 2017. 98 p. Trabalho de Graduação Individual - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2017.

A história de Ciudad Juárez é conformada por uma sequência de processos violentos que deixaram suas marcas na geografia da cidade. O centro histórico, enquanto área privilegiada para visualizar essa acumulação desigual de tempos, em função da maior disponibilidade de rugosidades em seu território, é particularmente afetado por estes processos. Atualmente, o centro histórico é alvo de disputas em torno da estabilização de um significado diferente ao que o caracteriza localmente. De “cidade dos excessos e vícios”, a “cidade dos feminicídios e do narcotráfico”, a produção de narrativas estigmatizadas – aqui consideradas ideologias territoriais – sobre Ciudad Juárez é um processo fundamental na conformação da geografia de seu centro histórico. Neste trabalho, nos propomos a estudar duas estratégias de luta contra uma ideologia geográfica a respeito do centro histórico de Ciudad Juárez. Primeiro, a busca das autoridades municipais por apagar uma imagem urbana marcada pela insegurança e impunidade, responsável por reduzir significativamente a dinâmica turística da Zona Centro. Segundo, a proposta de um coletivo popular chamado *Juaritos Literario*, que se propõe a vincular os espaços de ficção, que retratam Ciudad Juárez na vasta produção literária de autores mexicanos e estrangeiros, com seu equivalente real dentro do traçado urbano, a partir de um projeto chamado *Cartografías Literarias de Ciudad Juárez*. Estas duas estratégias, embora se posicionem imediatamente contra o mesmo processo de estigmatização da cidade, propõem formas diferentes de se relacionar com a geografia do centro, propondo experiências estéticas que variam em função das respectivas intencionalidades subjacentes a cada um dos projetos. Deste modo, a questão de fundo que orienta esta investigação é: que abordagem deve ser dada às rugosidades que conformam o centro histórico para superar uma ideologia geográfica historicamente conformada na região?

Palavras chaves: *centro histórico; Ciudad Juárez; estigma; ideologia geográfica.*

ABSTRACT

SANTOS, Maria Larissa Silva. **How to tackle a geographical ideology? The case of the Historic Centre of Ciudad Juárez, México.** 2017. 98 pp. Undergraduate Dissertation. Department of Geography, Faculty of Philosophy, Languages and Literature, and Human Sciences, University of São Paulo, 2017.

The history of Ciudad Juárez is made of a number of violent processes, which left their marks in the geography of the city. Such processes particularly affect the historic centre, which is a privileged zone to visualise an unequal accumulation of time because of the wider availability of older spatial forms in its territory. Currently, there are a set of disputes around the stabilisation of a different local meaning to the historic centre. From “city of excesses” to “city of femicides and drug trafficking”, the production of stigmatised narratives – or geographical ideologies – about Ciudad Juárez is a fundamental process in the constitution of its geography. In this dissertation, I will analyse two strategies which aim to tackle a geographical ideology about the historic centre of Ciudad Juárez. Firstly, the municipal authorities search to erase an urban image characterised by insecurity and impunity, responsible for significantly reducing the touristic dynamic of the Central Zone. Secondly, the proposal of a popular movement called *Juaritos Literario*, which suggests linking the fiction spaces, that portrait Ciudad Juárez in the wide literary heritage built by Mexican and foreign authors, to their real equivalents inside the urban environment, through a project named *Cartografías Literarias de Ciudad Juárez*. Although these two strategies stand against the same process of stigmatisation of the city, they propose different ways of relating to its geography, suggesting aesthetical experiences that vary according to the intentionality of each project. Therefore, the question guiding this research is: which approach must be given to the geography of the historic centre in order to overcome a geographical ideology historically built in the region?

Keywords: *historic centre; Ciudad Juárez; stigma; geographical ideology.*

LISTAS

MAPAS

1. Ciudad Juárez x El Paso.....14
2. Centro Histórico de Ciudad Juárez.....15
3. Ciudad Juárez e seu Centro Histórico.....20
4. Cenários de morte.....28
5. Crescimento histórico de Ciudad Juárez até 1992.....48

FIGURAS

1. Traçado urbano de Ciudad Juárez (1894)....23
2. Planos para o centro ao longo das administrações do estado de Chihuahua e Ciudad Juárez (1986-atualidade).....47
3. Proposta de 'reabilitação' da Manzana 14, uma das zonas de comércio informal mais dinâmicas do centro.....55
4. Ilustração do Juárez C. C.60
5. Primeira *ruta literaria*, 'Aquí a la vuelta... de página' (2016).....75
6. Segunda *ruta literaria*, 'Callejones en Proscenio' (2017).....76

GRÁFICOS

1. Homicídios anuais em Ciudad Juárez (1990 - 2016).....34
2. Homicídios mensais em Ciudad Juárez (Jan. 2010 a Dez. 2016).....39
3. Crescimento populacional de Ciudad Juárez (1980-2015).....47

QUADRO

1. Estrutura dos conteúdos blog Juaritos Literario.....74





FOTOGRAFIAS

1. Retângulo do El Noa Noa, abaixo do monumento roubado das mãos de Juan Gabriel, na calçada dos bares ilustres da Av. Juárez.....	25
2. Entrada do Bar Kentucky.....	26
3. Barra de El Recreo.....	27
4. El Club 15.....	27
5. Grafite 'ni una más' (à esquerda) e cruz negra com fundo rosa (à direita) no cruzamento entre Av. Vicente Guerrero e Av. Lerdo.....	31
6. 'Cruz de Clavos' do Puente Santa Fe, passagem internacional entre Ciudad Juárez e El Paso.....	31
7. Grafites feministas na Calle Ignacio Mariscal.....	32
8. Comércio de rua no Centro Histórico (Av. 16 de Septiembre).....	49
9. Avenida Juárez e Puente Santa Fé ao fundo nos anos 1950s (em cima) e em 2015 (embaixo).....	57
10. Ex-hipódromo/galgódromo de Cd. Juárez.....	61
11. Mural do Museu Tin Tan, com bicicletas estacionadas durante 'recorrido noturno' por Ciudad Juárez.....	69
12. 'Pachucos' dançando em frente ao Museu da Revolução na Fronteira.....	69
13. Uma das casas de Juan Gabriel em Juárez, localizada na calle Colombia, com altar em homenagem ao cantor no jardim frontal.....	71
14. Inauguração do 'Paseo de las Estrellas'.....	71
15. Coletivo Fixie Beat em percurso pelo Centro Histórico, ao fundo o Museu de la Revolución en la Frontera.....	77



SIGLAS

CCE	Conselho Coordenador Empresarial
CENAPRA	Centro Nacional para la Prevención de Accidentes
COMPSTAT	Compare Statistics
CROC	Confederación Revolucionaria de Obreros
FICOSEC	Fideicomiso para la Competitividad y Seguridad Ciudadana FICOSEC Juárez
FNT	Foro Nacional del Trabajo
FR-EE	Fernando Romero Enterprise
IADA	Instituto de Arquitectura, Diseño y Arte
ICSA	Instituto de Ciencias Sociales y Administración
IME	Indústria Maquiladora de Exportação
IMP	Instituto Municipal de Investigación y Planeación
LEED	Leadership in Energy and Environmental Design
LMOP	Liga Municipal de Organizaciones Populares
NAFTA	North American Free Trade Agreement
PAN	Partido Acción Nacional
PMDUCH	Plan Maestro de Desarrollo Urbano del Centro Histórico de Ciudad Juárez
PMRSUCH	Plan Maestro de Revitalización Social y Urbana del Centro Histórico
PPCH	Plan Parcial del Centro Histórico
PPDUZC	Plan Parcial de Desarrollo Urbano, Zona Centro
PRI	Partido Revolucionario Institucional
SEDESOL	Secretaria de Desarrollo Social
UACJ	Universidad Autónoma de Cd. Juárez
UNAM	Universidad Autónoma de México
ZTP	Zero Tolerance Policing



Catedral de Nuestra Señora de Guadalupe | Foto: Larissa Santos, 2017

SUMÁRIO

12 INTRODUÇÃO

18 COMO SE CONSTRÓI UM ESTIGMA?

22 Cidade dos excessos: a "lenda negra" de Juárez

27 Cidade dos feminicídios: vida e morte na fronteira do neoliberalismo

33 Cidade do narcotráfico: "tiradero nacional de muertos"

38 Cidade pacificada: o que sustenta a 'narcopaz' de Juárez

43 HISTORICÍDIO DO CENTRO HISTÓRICO

45 Entre o PRI e o PAN: entraves aos projetos de refuncionalização do centro

53 Alisar para gentrificar: a linguagem e a estética do "historicídio"

58 "Is the border the new urban frontier?" Os desafios para uma gentrificação do Centro Histórico de Ciudad Juárez

65 O PAPEL DAS RUGOSIDADES NA SUPERAÇÃO DE UM ESTIGMA TERRITORIAL

68 Os artistas e o centro, a arte e o território

72 *Juaritos Literario*: a prática estética das "rutas literarias"

78 Resistir desde uma territorialidade dissidente: a importância das rugosidades

82 CONSIDERAÇÕES FINAIS

85 REFERÊNCIAS

93 APÊNDICES E ANEXOS

INTRODUÇÃO

No final da tarde de 31 de janeiro de 2017, uma terça-feira, uma voz feminina soou nos autofalantes do avião, anunciando que dentro de vinte minutos aterrissaríamos no Aeroporto Abraham González, em Ciudad Juárez. Da janela do avião, a monotonia da paisagem árida e monocromática do deserto de Chihuahua foi cortada pelos grandes eixos viários e numerosos galpões industriais das maquiladoras, sobre as quais eu ouvi pela primeira vez nas aulas de geografia do colégio, que tratavam dos efeitos da globalização no Terceiro Mundo. Meu imaginário estava permeado por uma série de leituras que havia feito até o momento sobre Juárez, em minha preparação para o trabalho de campo, cujos temas incluíam desde o desenvolvimento econômico desta fronteira, sustentado por uma exploração desmedida da mão de obra migrante que construiu esta metrópole, até os feminicídios e disputas territoriais entre cartéis de narcotraficantes – processos com implicações extremamente dolorosas para a população que ali vive. Tudo o que eu pensava saber sobre aquela realidade, que tanto me intrigava e na qual eu estava prestes mergulhar, se encontrava influenciado, ainda que inconscientemente, pelos estigmas que caracterizam internacionalmente essa urbe.



Conforme nossa altitude diminuía, os tetos industriais se tornavam mais esparsos no terreno, sendo possível identificar com maior nitidez outras construções situadas nas franjas da zona metropolitana Juárez/El Paso. Habitações muito precárias, desmanches de automóveis e a última imagem de que me recordo antes de propriamente tocarmos o chão é a de cruces de madeira povoando uma paisagem desértica, me levando a supor que o que tinha diante de meus olhos era um cemitério improvisado. Provavelmente um memorial a vítimas de processos que eu estava interessada a compreender melhor e que eu tinha consciência de que não operavam exclusivamente naquele território, senão também em realidades muito mais próximas de mim, em meu país de origem. Meu coração acelera, meu corpo se sensibiliza mais à aterrissagem e escuto o senhor sentado ao meu lado dizer num tom de alívio: *“llegamos”*. Lhe tomo como boas-vindas ao que seria meu lar pelas próximas quatro semanas.

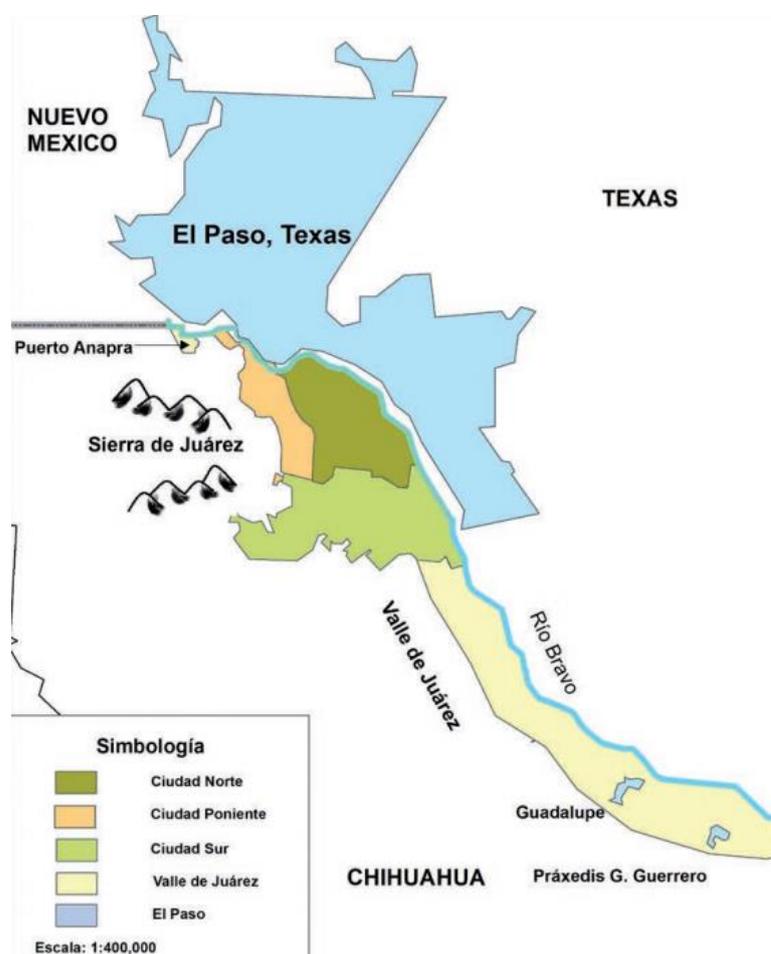
Cheguei a Juárez motivada por uma inquietação de pesquisa influenciada por minha formação universitária em Geografia, amplamente amparada por paradigmas teórico-metodológicos que se preocupam em compreender as desigualdades urbanas desde uma perspectiva crítica aos processos violentos que têm operado nos territórios latino-americanos em um contexto neoliberal. Como em qualquer investigação científica, nos colocamos perguntas “boas” e “ruins”, seguimos pistas falsas, encontramos novas perguntas e somos forçadas a reorganizar a prioridade de nossos interesses de pesquisa. O objetivo desta introdução é contar em linhas gerais esta trajetória investigativa, bem como apresentar as estratégias utilizadas para produzir a reflexão que se seguirá ao longo dos três capítulos que conformam este trabalho.

Minha inquietação inicial foi suscitada pela abordagem que as autoridades municipais estavam dando ao centro histórico de Ciudad Juárez desde 2014, alegadamente responsável por recuperar a cidade de uma onda de criminalidade sem precedentes, que havia ocorrido entre os anos 2008 e 2010. As notícias de jornais nacionais e internacionais davam as boas-vindas aos turistas, afirmando que era seguro voltar ao centro histórico de Juárez, conhecido por sua pujança no início do século XX e na época de auge econômico da cidade, com a industrialização que se iniciou nos anos 1960. Seria essa mais uma estratégia de gentrificação? Quais seriam os agentes envolvidos neste processo? Qual seria o diferencial dessa estratégia para “pacificar” um território tão estratégico para o lucrativo comércio internacional de drogas? Estas foram algumas das perguntas que, de início, me provocaram a estudar Juárez.

Localizada no ponto médio da linha fronteira norte do México, fazendo fronteira com os estados do Texas e New Mexico (mapa 1), Ciudad Juárez apresenta atualmente uma população de aproximadamente 1.391.180 habitantes (INEGI, 2015) e considerando a zona metropolitana binacional – que inclui as cidades de El Paso, Texas e Las Cruces, New Mexico –, a população praticamente dobra, alcançando 2,7 milhões de habitantes. Apesar de todos os estigmas que permeavam minhas leituras, acadêmicas e jornalísticas, sobre Juárez, eu reconhecia desde o início que antes de qualquer coisa, o que eu gostaria

de estudar era uma metrópole. Detentora de uma série de particularidades – especialmente em função de sua condição fronteiriça –, é verdade, porém, ao mesmo tempo, havia passado por processos que diversas outras cidades, dentro e fora da América Latina, são submetidas. A literatura que até então eu havia revisado a respeito da história desta urbe sinalizava que Ciudad Juárez apresentava, em diversos sentidos, um caráter laboratorial para uma série de políticas econômicas neoliberais, que incluíam intervenções territoriais muito significativas e que, posteriormente, foram aplicadas em outras cidades da república mexicana e mesmo em outros países, como é o caso de seu emblemático programa industrial fronteiriço, com a implantação do complexo industrial maquilador, tratado com mais detalhes no primeiro capítulo deste trabalho.

Mapa 1: Ciudad Juárez x El Paso



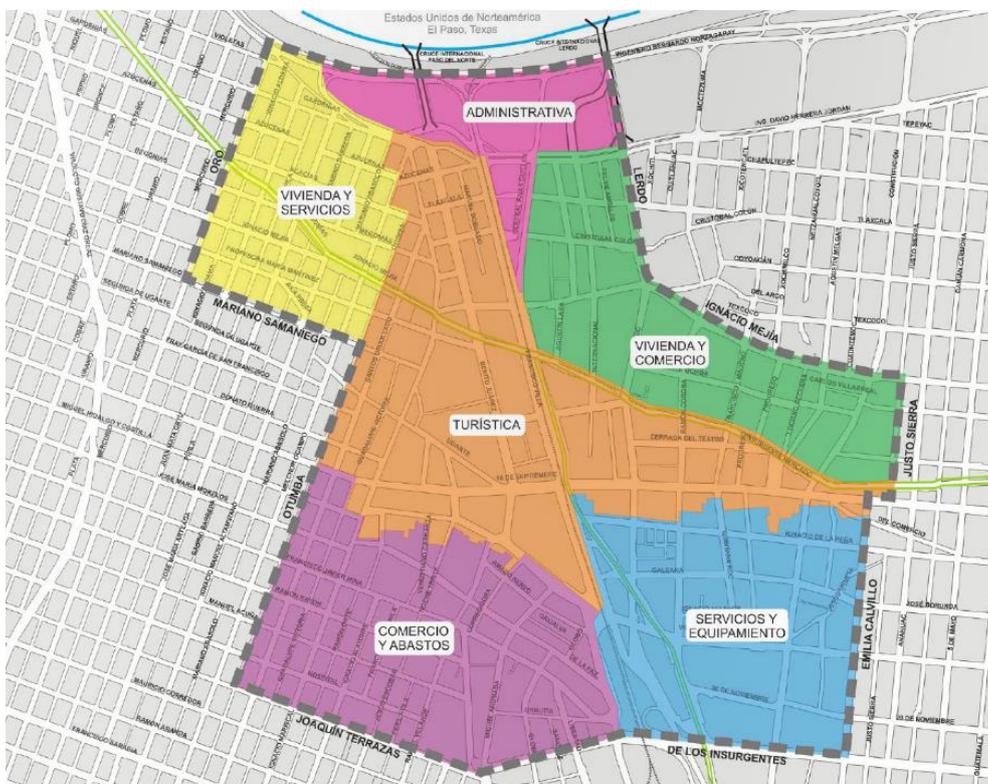
Fonte: BARRIOS, 2014, p. 248

A história de Ciudad Juárez é conformada por uma sequência de processos violentos que deixaram suas marcas na geografia da cidade. O centro histórico, enquanto porção privilegiada para visualizar essa acumulação desigual de tempos (SANTOS, [1978] 2004), é particularmente afetado por estes processos, constituindo-se contemporaneamente como alvo de disputas em torno da estabilização de um significado diferente ao que o caracteriza nacional e internacionalmente. De “cidade dos excessos e

vícios”, a “cidade dos feminicídios e do narcotráfico”, a produção de narrativas estigmatizadas a respeito de Ciudad Juárez é um processo fundamental na conformação de sua geografia, e compreendê-la melhor é condição básica para entender essa produção ideológica a respeito do centro histórico desta cidade. Nesse sentido, os estigmas passaram a assumir uma centralidade maior em minha investigação, ao passo que a revisão de documentos oficiais relacionados a intervenções territoriais no centro apontavam para uma repetição do argumento de renovação da imagem urbana da cidade.

O centro histórico (mapa 2) não é mais a única centralidade de Juárez, porém constitui-se como aquela onde essa sequência de estigmas pode ser observada com maior nitidez nas formas espaciais remanescentes na paisagem do centro. Estima-se que em 2010, a população desta zona correspondia a 4.144 de habitantes, um número que vinha diminuindo em relação aos anos anteriores (IMIP, 2014). Por outro lado, o centro histórico constitui-se em uma zona extremamente dinâmica da cidade em termos comerciais – tanto no que se refere a mercados lícitos quanto ilícitos. Enquanto zona de transborde de todas as linhas de transporte coletivo, o centro é parada obrigatória dos usuários das chamadas *rutas* – como chamam os ônibus em Juárez. Ademais, pode-se encontrar de tudo a menor preço nas lojas e mercados do centro histórico, de modo que muitos trabalhadores que vivem nas periferias da cidade fazem suas compras aí.

Mapa 2: Centro Histórico de Ciudad Juárez



Fonte: IMIP, 2014

Ao longo do trabalho de campo, foram instrumentalizados diferentes procedimentos para obtenção dos dados que deram fôlego a esta reflexão. O primeiro

deles se refere à revisão documental realizada no *Instituto Municipal de Planeación e Investigación* (IMIP), em cuja biblioteca se encontravam os documentos elaborados para o centro histórico desde 1988. Também tive a possibilidade de participar de alguns eventos que foram fundamentais para constituir um *background* mais amplo e bem informado acerca das questões trabalhadas nesta pesquisa. O primeiro deles foram os encontros “*Comentemos el Centro*” (anexo I), promovidos pelo governo municipal com o objetivo de congregar diferentes grupos que atuam na Zona Centro para discutir a formação de um patronato para o centro histórico, abordado mais extensivamente no segundo capítulo deste estudo. O segundo, foi um evento acadêmico organizado pelo *Instituto de Arquitectura, Diseño y Artes* (IADA) da *Universidad Autónoma de Ciudad Juárez* (UACJ), chamado “*Segundo Encuentro [Re]imaginando la ciudad desde el borde*” (anexo II).

Além disso, foram realizadas uma série de entrevistas semiestruturadas (apêndice I) com representantes dos grupos focais mapeados antes do trabalho de campo. Estes grupos correspondem aos planejadores urbanos – que por sua vez, se subdividem entre funcionários do IMIP, órgão responsável pela elaboração dos planos “*maestros*” que regulam o centro histórico e as demais zonas da cidade, e funcionários do governo, que atuam nas divisões de obras públicas e planejamento urbano; representantes da sociedade civil organizada, que incluem artistas plásticos e performativos e ativistas de diferentes movimentos sociais com a pauta do direito de acesso à cidade; acadêmicos, que vivem e trabalham com temas relacionados a Ciudad Juárez; jornalistas que trabalham em Juárez; e empresários locais que atuam de alguma forma na Zona Centro, seja com seus negócios, seja com a elaboração de projetos para a “reativação” desta zona. Os roteiros que guiaram estas entrevistas encontram-se nos apêndices II a V, e apesar das entrevistas com acadêmicos e jornalistas também terem sido semiestruturadas, foram conduzidas com base em roteiros muito específicos, relacionados ao trabalho individual de cada entrevistado.

Em termos metodológicos, com o objetivo de ultrapassar uma análise epifenomênica dos estigmas, assumimos que as observações de campo, a análise estrutural e a construção teórica avançam em uníssono e se reforçam mutuamente ao invés de se oporem umas às outras em um estéril conflito de prioridades (WACQUANT, 2008). É nesse sentido que se organizam os capítulos deste trabalho, congregando aspectos teóricos e empíricos em conjunto, com a finalidade de compreender de maneira mais satisfatória processos que ocorrem a partir da interação de diferentes agentes, intencionalidades e escalas. Enquanto uma análise geográfica, congrega de maneira integrada os dados morfológicos da paisagem e as relações/ações sociais que os produzem e são por eles influenciados.

Com o fim de problematizar a pergunta que intitula este trabalho – como romper com uma ideologia geográfica? –, esta reflexão encontra-se dividida em três capítulos. O primeiro deles propõe uma periodização dos sucessivos estigmas territoriais que têm caracterizado Ciudad Juárez, considerando o processo ideológico de formulação desses

estigmas enquanto fundamental para compreender a história urbana recente de Juárez. Já o segundo capítulo analisa como o centro histórico tem sido pensado pelas autoridades municipais ao longo dos últimos anos, e de que forma esses agentes têm buscado romper com uma ideologia geográfica tão consolidada historicamente. Por fim, o terceiro capítulo se detém em estratégias alternativas para lidar com a questão do estigma, buscando compreender que tipo de relação com a geografia do centro histórico é capaz de efetivamente romper com uma ideologia geográfica, haja vista os sucessivos fracassos dos projetos municipais para refuncionalizar esta zona.

1

COMO SE CONSTRÓI UM ESTIGMA?

A HISTÓRIA DE UMA IDEOLOGIA GEOGRÁFICA SOBRE
O CENTRO HISTÓRICO DE CIUDAD JUÁREZ



O discurso sobre o espaço corresponde a uma pré-ideação básica na produção do próprio espaço (MORAES, 2005), e é a partir destes discursos que buscaremos caracterizar nossa área de estudos. Este capítulo pretende descrever a evolução histórica dos sucessivos estigmas que têm caracterizado o centro histórico de Ciudad Juárez desde o início do século XX, antes de nos determos no que de fato nos interessa nessa investigação, que são as formas de desafiar estes estigmas conduzidas por diferentes agentes – nomeadamente, os planejadores urbanos responsáveis pela gestão do centro histórico e o coletivo cultural *Juaritos Literario*. Este capítulo discorrerá sobre o processo de produção de uma cidade estigmatizada a partir do caso particular de Ciudad Juárez, por meio de uma periodização dos diferentes estigmas que têm caracterizado a cidade no último século. A questão que nos orientará é a de como se construiu a imagem deteriorada que incomoda tanto aos planejadores urbanos quanto aos juarenses em geral, cuja complexa e dinâmica história tem sido reduzida a “rótulos” depreciativos.

O sociólogo francês Loic Wacquant (2008) desenvolve o conceito de estigmatização territorial para se referir ao ato de “macular” determinado lugar em função de características como violência, pobreza, origens étnicas de sua população etc. De acordo o autor, essa imposição é operada por um circuito de produção simbólica que atua tanto “de cima para baixo”, a partir de autoridades simbólicas como o Estado, o jornalismo e a própria academia, quanto “de baixo para cima”, através de procedimentos de produção de sentido que reproduzem uma identidade degenerada na escala da própria população destes lugares penalizados¹. Este conceito corresponde a uma contribuição teórica de Wacquant às até então três formas de estigma definidas pelo sociólogo canadense Eving Goffman (1963)², às quais adiciona o estigma territorial como uma quarta tipologia de estigma. A desqualificação, assim como o distanciamento mútuo, são aspectos centrais que caracterizam a criação simbólica de “infernos urbanos onde a violência, o vício ou o abandono conformam a normalidade” (WACQUANT, 2008), processo que atravessa todo o recorte temporal da periodização que nos propomos a elaborar neste capítulo.

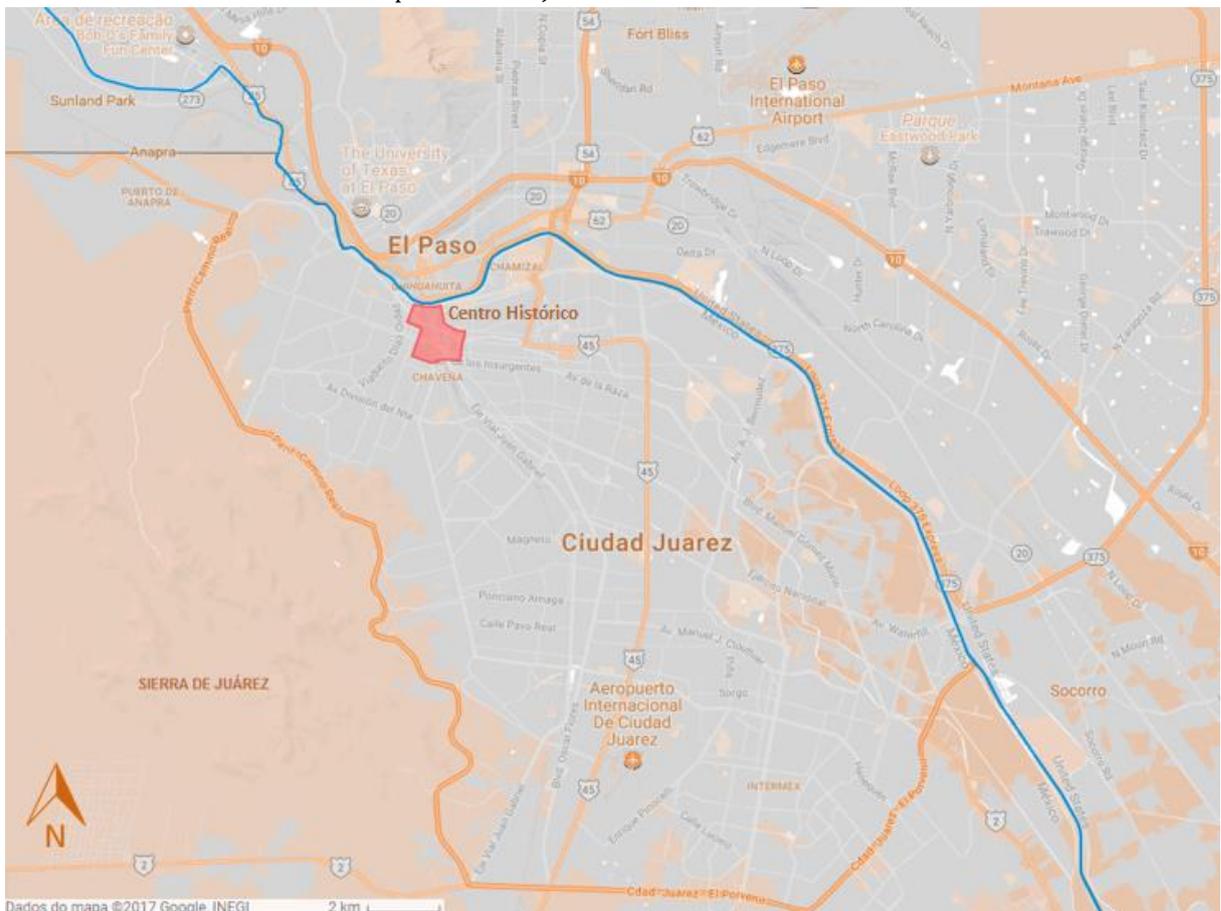
O objetivo dessa periodização é empiricizar a história e a geografia dos processos que originam o estigma territorial de Juárez como sítio que promove a banalização da violência e impunidade, cuja supressão é o mote principal dos planejadores urbanos municipais e estaduais que têm buscado refuncionalizar esta zona nos últimos trinta anos. A opção pelo conceito de refuncionalização espacial refere-se à escala do objeto de investigação deste trabalho: o centro histórico de Ciudad Juárez (mapa 3), que apesar se estar conectado a processos mais amplos de reestruturação urbana – como aquela que

¹ A partir dessa abordagem, Wacquant funde duas perspectivas teóricas que se complementam: a primeira, “de cima para baixo”, foi teorizada mais extensivamente por Pierre Bordieu ([1993], 1999), enquanto a segunda, “de baixo para cima”, por Erving Goffman (1963).

² Em seu livro *“Stigma: notes on the management of spoiled identity”*, Goffman (1963) identifica três grandes formas de estigma: abominações do corpo (em função de deformidades físicas e deficiências), defeitos de caráter individual (como alcoolismo, homossexualidade, desemprego, distúrbios mentais e convicções políticas) e estigma tribal de raça, nação e religião.

tornou a cidade um polo industrial da indústria maquiladora³ a partir dos anos 1960, alterando por completo a dinâmica econômica da cidade – sofreu mudanças valorativas em seus usos ao longo dos últimos anos. Nesse sentido, é impossível estudar um processo de refuncionalização espacial sem se deter na história das práticas e formas espaciais, “as que desapareceram, aquelas das quais restam apenas resíduos e as que assumiram novos papéis em função de outras recém-criadas” (ANTAS JR., 2011, p. 8). É interessante ressaltar que o centro histórico de Ciudad Juárez trata-se de um centro que não é geograficamente central, e portanto que pode se expandir apenas em 180°, o que denota, nesse caso, uma articulação estrutural com a cidade vizinha ao norte, El Paso, no Texas.

Mapa 3: Ciudad Juárez e seu centro histórico



Elaboração própria, 2017

Antes de começar a traçar essa periodização, entretanto, nos deteremos em caracterizar os estigmas como ideologias geográficas (ou territoriais, ou espaciais), que, de acordo com o geógrafo brasileiro Antonio Carlos Robert Moraes, correspondem a um

³ Indústria de montagem de materiais e peças produzidas nos Estados Unidos, que retornam ao país de origem como produtos finalizados/montados, a partir de onde são comercializadas com o mundo inteiro. Além da “sangria” macroeconômica que este tipo de indústria promove nas economias nacionais onde ocorre a montagem, nesse caso, o México, as “maquilas” são conhecidas pelas condições de trabalho precárias e abusivas às quais submetem suas/seus trabalhadoras/trabalhadores.

(...) conjunto de discursos a respeito do espaço que substantivam as concepções que uma dada sociedade, num momento determinado, possui acerca do seu meio (desde o local ao planetário) e das relações com ele estabelecidas (MORAES, 2005, p. 33).

As ideologias geográficas alimentam tanto as concepções que regem as políticas territoriais dos Estados – como buscaremos analisar no segundo capítulo, com as diretrizes normativas que têm regido o planejamento urbano na Zona Centro nos últimos anos – quanto a autoconsciência que os diferentes grupos sociais constroem a respeito de seu espaço e de sua relação com ele – como veremos no terceiro capítulo, com o caso do coletivo *Juaritos Literario*.

Embora Moraes não faça uma distinção entre ideologias geográficas, espaciais e territoriais, neste estudo optamos por ressaltar o conteúdo territorial destas ideologias, uma vez que, no caso de Juárez, o discurso depreciador do centro produz também uma forma específica da sociedade se relacionar com o mesmo e, portanto, de usar este território. A densidade simbólica e identitária do conceito de território nos parece fundamental para compreender o processo de estigmatização que temos estudado, sobretudo no que se refere às estratégias de resistência que, como veremos no capítulo três, reclamam a identidade fronteiriça a partir da história contada pela paisagem centro.

A degradação simbólica da cidade, através dos sucessivos estigmas, tem efeitos diretos sobre a degradação material de seus espaços e moral de seus habitantes, cujos direitos de acesso à cidade são retirados. Contar a história dos estigmas é uma outra forma de contar a história de um processo que a socióloga Saskia Sassen (2002) chama de transformação da cidade em um “espaço desnacionalizado”, isto é, a atribuição de uma vasta gama de direitos a agentes econômicos transnacionais e a privação de direitos que deveriam ser nacionalmente garantidos à população local, considerada “descartável” e “indesejável” (SASSEN, 2002, p. 111). Os estigmas territoriais atuam de modo a garantir a retirada de direitos de certos grupos associados negativamente a estes territórios, considerados agentes de degradação, para dar lugar aos agentes que supostamente têm a capacidade de usufruí-los melhor.

Desde já, temos notado que estes estigmas, embora tenham características marcadas pelos eventos do contexto no qual foram formulados, se acumulam uns sobre os outros, reforçando aspectos do anterior e trazendo novos elementos, histórica e conjunturalmente determinados. Por exemplo, a “cidade dos feminicídios” dos anos 1990 trata estes crimes com a mesma impunidade que imperava nos “anos dourados” do “turismo proibido” em Juárez na primeira metade do século XX. Ou, ainda, os cartéis da droga que dominam hoje o território juarense apenas dão um novo caráter aos negócios ilícitos que operam nesta fronteira desde os anos 1920. Quando um novo estigma chega para “substituir” o que o precede, encontra no mesmo lugar de sua determinação uma construção ideológica preexistente a respeito deste espaço, que apresenta elementos aos quais ele deve adaptar-se para poder determinar-se.

Este movimento assemelha-se muito ao que ocorre com as formas espaciais que o geógrafo brasileiro Milton Santos chama de rugosidades, significativamente presentes no centro histórico, por exemplo. De acordo com o autor,

As rugosidades são o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades nos oferecem, mesmo sem tradução imediata, restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados (SANTOS, [1978] 2004, p. 173).

Como a produção de formas espaciais pela sociedade manifesta projetos, interesses, necessidades e utopias (MORAES, 2005), não nos parece estranho que a produção de ideologias territoriais acompanhe o movimento de produção da própria paisagem, uma vez que a sociedade não pode ser pensada como uma instância exterior ao próprio espaço. As rugosidades, portanto, não corresponderiam apenas às formas espaciais materialmente remanescentes no território, mas também às práticas espaciais que as viabilizam e condicionam.

É importante ressaltar que esse processo não apresenta uma dinâmica uniforme e unidimensional em outros contextos que também sofrem com a estigmatização territorial, pois as diferentes paisagens resultam de tramas históricas de múltiplas determinantes, referentes a suas diferentes formações sócio-espaciais.⁴ Em função disso, também não é possível afirmar a perenidade eterna dos estigmas sobre Ciudad Juárez, uma vez que, como poderemos observar no capítulo final deste trabalho, existem outras narrativas que disputam novos significados para o centro histórico. A periodização que se segue nos auxiliará a compreender melhor não apenas a conformação do centro em termos morfológicos, mas também evidenciará os diferentes tipos de violência – estrutural, política, simbólica e cotidiana – contidas nas práticas espaciais que têm moldado o centro histórico nos últimos anos.

1. *Cidade dos excessos: a “lenda negra”⁵ de Juárez*

A “má fama” de Ciudad Juárez se encontra historicamente associada às diferenças socioeconômicas entre as comunidades ao norte e ao sul da fronteira. A origem, bem como a repetição, da “lenda negra” do espaço fronteiriço mexicano é de fundamental importância para compreender a produção de uma cidade estigmatizada como Juárez.

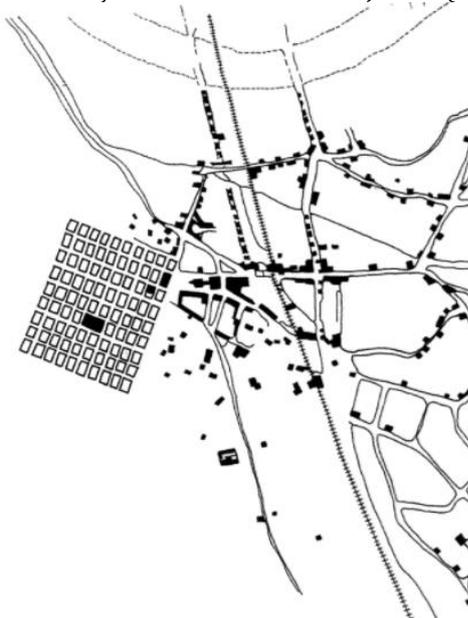
⁴ Milton Santos (1977) desenvolve o conceito de Formação Sócio-Espacial, derivado do conceito marxista de Formação Econômico-Social, para se referir a uma totalidade espacial em macro escala (nacional). Este conceito nos possibilita compreender a evolução bem como a situação atual de uma determinada realidade histórico-geográfica.

⁵ O termo se refere ao aspecto sombrio e perigoso da vida noturna em Ciudad Juárez e, embora tenha ganhado grande popularidade com os eventos mais recentes de crimes violentos relacionados aos feminicídios e ao narcotráfico, já era utilizado por jornalistas e representantes do movimento protestante puritano – sobretudo originais do lado norte da fronteira – para aludir aos bordéis, cantinas, cassinos e salões de baile onde todo tipo de vícios e pecados era permitidos.

Este primeiro estigma que nos propomos a descrever se consolidou durante a década de 1920, com a proibição do consumo de álcool nos Estados Unidos, quando a cidade foi formalmente etiquetada como um espaço de excessos, vícios e violência (PEREYRA, 2010).

Em 1900, Juárez era uma cidade de oito mil habitantes, com o antigo tecido colonial estabelecido sem o ordenamento das “*Leyes de Indias*”⁶; a oeste, este tecido se estendia sobre a área adjacente à moderna quadrícula planejada para uso habitacional e equipamento público (figura 1). O primeiro decênio deste século foi particularmente difícil para a economia local, em função do fechamento de uma série de casas de jogos e da supressão da zona livre por Porfírio Díaz. Foi nessa época que a cidade foi alvo da primeira tentativa de “renovar a imagem urbana”, por iniciativa do governador Enrique Creel, cuja gestão estadual se estendeu de 1904 a 1906. O governador propôs “dar uma nova imagem a Ciudad Juárez, promovendo o prolongamento, ampliação e traçado de novas ruas, assim como a construção de obras públicas” (MARTÍNEZ, 2010, p. 18, tradução livre). Seu objetivo era estimular a ocupação e construção no centro populacional da cidade, porém o resultado real foi a concentração da propriedade do solo urbano e uma conseguinte especulação, traduzida na proliferação de terrenos baldios.

Figura 2: Traçado urbano de Ciudad Juárez (1894)



Fonte: SÁINZ, 2004, p. 96

Durante a luta revolucionária (1911-1919) muitos edifícios públicos foram completamente destruídos, ao mesmo tempo em que os bairros mais antigos da cidade foram se formando, como é o caso da colônia Bellavista, Arroyo Colorado, Barrio Alto e La Chaveña, que hoje compõem o centro histórico da cidade. É durante uma situação de crise econômica ao sul da fronteira que a cruzada moralista avança no norte, adquirindo um

⁶ Legislação promulgada pela coroa espanhola para regulamentar vida social, política e econômica dos povoadores das colônias, incluindo os aspectos de gestão e ordenamento territorial (SÁINZ, 2004).

corpo legal que culmina no proibicionismo dos anos 1920. O aumento da demanda por álcool, especialmente por soldados do Fort Bliss,⁷ caracteriza os anos de excessos que correspondem à acumulação original de capital para muitas das famílias fronteiriças, que viriam a constituir uma insipiente burguesia urbana nas décadas seguintes (MARTÍNEZ, 2010).

Rutílio García Pereyra, historiador da Universidade Autónoma de Ciudad Juárez, argumenta em seu livro *“Ciudad Juárez, la fea”* (2010) que a lenda negra de Juárez se explica fundamentalmente por uma transferência e racialização dos atributos de imoralidade, degeneração e perversidade de El Paso a Ciudad Juárez,⁸ operada hegemonicamente pelos detentores dos meios de comunicação de massa, a saber, a imprensa escrita tanto em inglês quanto em espanhol. Segundo Rutílio,

(...) o conjunto de imagens estigmatizadas é uma invenção de um grupo de *anglos* que fazem uso de seu poder econômico e político para impor-se hegemonicamente, cujo propósito é diminuir a presença de uma cultura hispano-mexicana com raízes profundas em uma região onde os *anglos* assumem o papel de conquistadores (2010, p. 52, tradução livre).

Atualmente, em tempos de sucessivas tentativas de “recuperação” da imagem urbana da cidade, os anos 1920 são saudosamente evocados com objetivo de “reativar” e promover o turismo no centro histórico. O fato é que depois destes anos, a fronteira passou a ser imaginada como lugar dos jogos de azar, do álcool, da prostituição e da impunidade, onde qualquer “imoralidade” era permitida.

Ciudad Juárez era conhecida principalmente por seus métodos originais de entreter a turistas americanos dissipados (...) eram milhares os turistas que cruzavam a ponte todo ano para jogar às pressas, ou passar uma noite de amor com uma desconhecida em Keno, (...) Ciudad Juárez era uma população mexicana fronteiriça típica, com casas de adobe de um andar, com lojas, praças, cassinos, praças de touros, restaurantes chineses e lojas de souvenirs (...) (SIMPICH, 1920, p. 66-67, tradução livre).

Enquanto as pessoas cruzavam ao norte para desenvolver atividades de trabalho, estudo e comércio, cruzar ao sul significava poder realizar atividades que não eram tão fáceis ao norte da fronteira (FRAGOSO *et al*, 2010). Com o fim da proibição, em 1933, começa a florescer também o turismo diurno no centro, com lojas de “curiosidades” (*souvenirs*), restaurantes e hotéis. No final dos anos 1930 e início dos 1940, pequenos estabelecimentos industriais locais passam a ter êxito, o que não impediu que as atividades de diversão e lazer continuassem populares no centro histórico.

⁷ Base de treinamento militar localizada no Condado de El Paso, no estado do Texas.

⁸ A imagem urbana de El Paso costumava ser muito deteriorada pela imoralidade, prostituição e criminalidade na virada do século XIX para o XX (WHITE, 1942; 1923; 1924), o que resultou em uma reação conservadora que culminou nas cruzadas moralistas e finalmente no proibicionismo das primeiras décadas do século XX.

O rótulo produzido pela “lenda negra” de Juárez, por sua vez, apresenta uma dimensão ambígua, assumido por vezes como positivo na história da cidade. Este período ficou conhecido como os anos dourados da vida noturna nesta urbe, deixando importantes resquícios na paisagem da Zona Centro, onde se encontram diversos bares, cantinas e casas noturnas herdeiras destes anos boêmios. Muitos destes estabelecimentos se vangloriam de haver recebido a grandes personalidades da época, como Marilyn Monroe, Frank Sinatra e Elizabeth Taylor. Bares como El Noa Noa (fotografia 1) – onde o aclamado cantor mexicano Juan Gabriel estreou como artista alguns anos depois –, o Kentucky (fotografia 1), El Recreo (fotografia 2) e o Club 15 (fotografia 3) constituem-se atualmente como importantes rugosidades que nos remetem a estes anos. Como genuínas rugosidades, estes lugares têm muito a nos contar.

Fotografia 1: Retângulo do El Noa Noa, abaixo do monumento roubado das mãos de Juan Gabriel, na calçada dos bares ilustres da Av. Juárez



Foto: Larissa Santos, 2017

Inaugurado em 1920, o Kentucky (fotografia 2), localizado na Avenida Juárez, a poucos passos da passagem fronteiriça Santa Fé, é um dos bares mais antigos e reconhecidos de Ciudad Juárez. Sua fama foi precoce, pois era um lugar frequentado por “gringos” em busca de álcool de diversão nos anos da Lei Seca. Seu nome é frequentemente associado à invenção do drink Margarita – a lenda diz que um homem pediu ao barman, Don Lorenzo Hernández, uma bebida especial que levasse o nome de sua esposa. Rodeado por múltiplas histórias, incluindo as de ficção,⁹ seus donos afirmam que artistas como Marilyn Monroe, Elizabeth Taylor, Jim Morrison, John Wayne e Al

⁹ Como é o caso de “*Everything Begins and Ends at the Kentucky Club*”, de Benjamin Alire Sáenz (2014).

Capone tenham bebido em sua tradicional *barra*. O bar ainda esteve envolvido em uma polêmica recente com a governadora e ativista indígena Tarahumara, María Rosalinda Guadalajara, a quem proibiram a entrada no bar sob o pretexto de que os tarahumaras¹⁰ aí entravam para pedir dinheiro ou podem entrar para roubar (VILLAPANDO, 2016).

Fotografia 2: Entrada do Bar Kentucky



Foto: Juaritos Literario, 2016

Um elemento emblemático da ficção juarense é a construção do bar, este lugar insígnia tão representativo de diversos momentos vividos pela cidade e, particularmente, pelo centro histórico. A vida noturna em Juárez foi e continua sendo mitificada: os próprios bares criam uma ficção de si mesmos. Assim é o caso de *El Recreo* (fotografia 3), que foi fundado um ano depois do *Kentucky*, em 1921, e é uma das poucas cantinas que suportaram os anos de desolação, mantendo intactas as tradições de não haver mulheres atrás da barra trabalhando e a prioridade no bom trato aos fregueses. *El Recreo* foi ainda cenário de inspiração aos poetas Miguel Ángel Chávez, autor do best-seller local “*Policía de Ciudad Juárez*” (2012), e Mauricio Rodríguez, autor de “*De Obregón... El Recreo*” (2012). Muitos destes bares foram utilizados pela literatura como pano de fundo ou elemento componente de narrativas menos orgulhosas desses anos pretéritos. César Silva Márquez, autor da novela negra “*La balada de los arcos dorados*” (2014), trata do tema da violência que assola Juárez a partir de um resgate de espaços reais como o *Club 15* (fotografia 4),

¹⁰ Povo nativo do México, também chamado *rarámuri*. assentado no desértico estado de Chihuahua e caracterizado por seu caráter nômade. São alvos de racismo dentro e fora do México (ALMODÓVAR, 2015; ARTEAGA, 2017).

trazendo à tona a memória de uma situação que ainda compõe as dinâmicas desta cidade fronteiriça: os feminicídios.

Fotografia 3: *Barra do El Recreo*



Foto: *Juaritos Literario*, 2017

Fotografia 4: *Club 15*

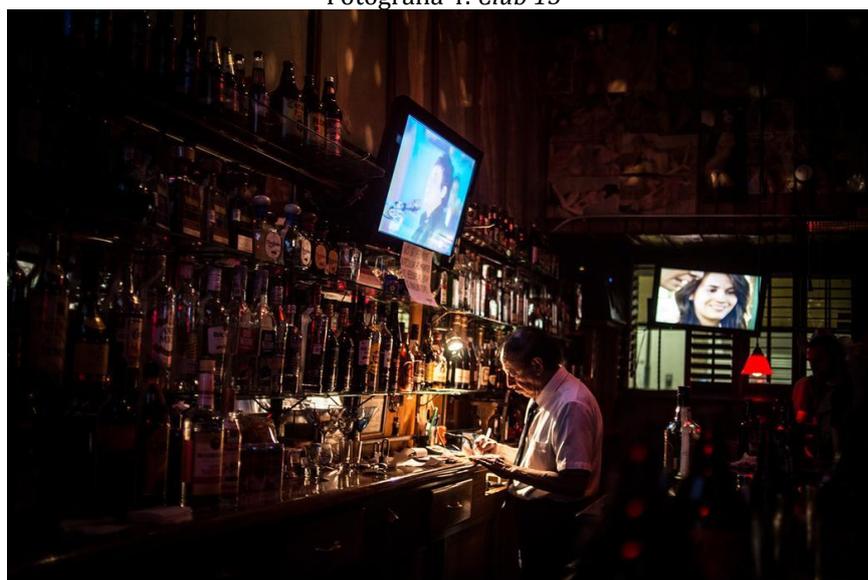


Foto: *Azahara Gómez*, 2015

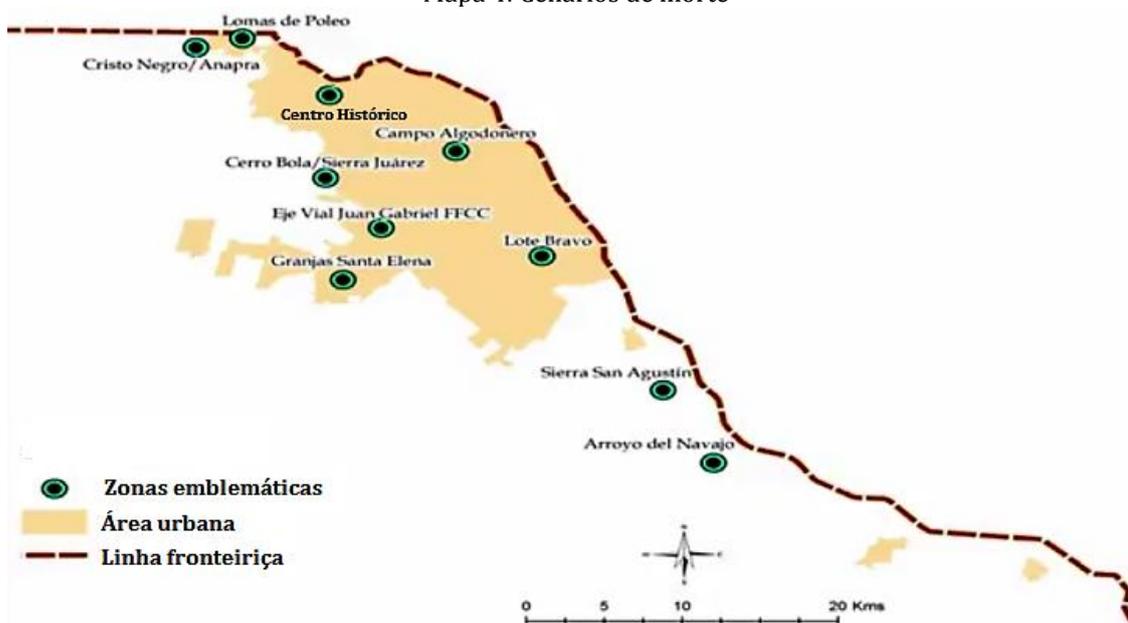
2. *Cidade dos feminicídios: vida e morte na fronteira do neoliberalismo*

Ciudad Juárez passou a ser internacionalmente conhecida como um lugar de perigoso para as mulheres a partir dos anos 1990, quando se fizeram públicos diversos casos de desaparecimentos e assassinatos de mulheres pobres em diferentes pontos da cidade. O perfil geral das vítimas obedece a um padrão, que explica em grande medida o descaso com o qual estes crimes são tratados – são jovens, morenas, bonitas e pobres, em muitos casos, parte da mão de obra “dócil” e barata da indústria maquiladora de exportação (IME). Outro traço fundamental das vítimas é que, em uma cidade planejada para automóveis, todas eram pedestres e “caminhavam longas distâncias para tomar um

transporte até o outro lado da cidade” (FRAGOSO, 2010, p. 93, tradução livre). Durante os anos 1990, diversos movimentos sociais começaram a delinear publicamente os primeiros vínculos entre a violência urbana e a IME, afirmando que muitas mulheres foram mortas não enquanto saíam de um bar, festa ou simplesmente andavam sozinhas por ruas escuras, senão em seus caminhos entre suas casas e as plantas industriais (QUIÑONES, 1999).¹¹

Localizado no Vale de Juárez, o deserto Arroyo del Navajo (mapa 4) está situado no sudeste da cidade e foi palco de uma série de buscas por parte de ativistas e familiares de desaparecidas, ocasionalmente apoiados por agentes da *Fiscalía General del estado de Chihuahua*, procurando restos mortais e objetos pertencentes às vítimas. A falta de interesse em encontrar evidências e mesmo a obstrução de buscas são alegadas por familiares como práticas recorrentes dos agentes de segurança, de modo que a relação entre familiares e fiscais é marcada por uma profunda desconfiança.

Mapa 4: Cenários de morte



Elaboração própria, 2017, com base na “Feminicide Data Base”. Unit of Statistics of Geomatics Services. El Colegio de la Frontera Norte.

Liberalização, livre comércio e fluxo de mercadorias e industrialização orientada para a exportação: estas palavras de ordem ditaram o desenvolvimento de Juárez como um polo industrial desde meados dos anos 1960 (SCHIMDT, 1998). Em 1965, a IME emergiu em Juárez, substituindo os campos de algodão que se localizavam ao redor da cidade desde 1923. A hibridez que a condição fronteira atribui à região permitiu aos industriais da IME tirar vantagens das normas (ou falta delas) em ambos os países. O

¹¹ Muito movimentos sociais, inclusive, se apropriam deste discurso dominante para reiterar que suas filhas não mereciam desaparecer por serem “boas meninas” e não levarem uma “*doble vida*”, como trabalhadoras sexuais ou frequentadoras de lugares de “reputação duvidosa” (FRAGOSO, 2006).

protagonismo da IME na cidade desde os anos 1970 explica em grande medida a conexão entre a cidade perversa dos anos 1920 e a cidade feminicida dos anos 1990. Além do *ethos* de violência que caracteriza ambas, um elemento que as aproxima é a impunidade. Um ponto crucial na lenda negra de Ciudad Juárez é a construção de uma “terra sem lei”, marcada pela corrupção das autoridades que impediam o solapamento efetivo das atividades delitivas. Nesta terra sem lei, as vítimas de feminicídios, longe de alcançar justiça, têm seus assassinatos justificados com argumentos múltiplos, que variam desde culpar as vítimas por provocarem os crimes até responsabilizar suas mães por terem formado “meninas da rua” (BEJARANO, 2002, p. 138, tradução livre).

Além de trazer consigo a produção do estereótipo da operária-assassinada, a indústria maquiladora é um agente fundamental para compreender a impunidade à qual nos referimos. Sua instalação na fronteira norte do México se opera sob um projeto que a antropóloga mexicana Júlia Monárrez Fragoso (2010) chama de (des)governabilidade neoliberal, que garante uma série de excepcionalidades jurídicas e fiscais a estas multinacionais, fenômeno que é aprofundado com a assinatura do *North American Free Trade Agreement* (NAFTA) em 1994. Além disso, a indústria dispõe de uma vantajosa disponibilidade de mão de obra barata e majoritariamente feminizada nesta região, o que torna sua ação potencialmente mais rentável. Na busca pelo abatimento de custos, a maquiladora é conhecida por não se ater às normativas trabalhistas, apresentando salários industriais muito baixos, extraindo de suas trabalhadoras o máximo possível e descartando-as quando lhe convém. A indústria maquiladora autoriza o “estado de exceção como um estado legal” (FRAGOSO et al, 2010, p. 78), e a impunidade com a qual os feminicídios são usualmente tratados pelo Estado mexicano reafirma a existência de um estado corporativista cuja atribuição primária é assegurar os interesses de agentes transnacionais, como a IME.

Como já comentamos, o processo de criação de ideologias territoriais não resulta em uma mera estigmatização dos lugares, senão também de seus habitantes. Os habitantes da fronteira norte do México, um sítio de fácil penetração cultural, são comumente identificados como pessoas desarraigadas e carentes de identidade nacional. As mulheres foram particularmente afetadas por estes rótulos, sendo estigmatizadas como mulheres de reputação duvidosa (FRAGOSO et al, 2010, p. 71). Com o nascimento da indústria maquiladora em Ciudad Juárez em meados dos anos 1960, resultante do Programa Industrial Fronteiriço (PIF) iniciado em 1965, houve uma intensa migração de mulheres desde diferentes estados da república, em busca de emprego e melhores salários. Nos anos 1960, Ciudad Juárez era a que mais crescia no país, constituindo-se em um “microcosmo do porvir nacional” (CASTAÑEDA, 2015, p. 33, tradução livre) graças às radicais transformações econômicas e sociais promovidas pelo PIF. Por transgredirem diferentes espaços historicamente masculinizados (como a fábrica, e espaços públicos como as ruas, os ônibus e os bares), as mulheres operárias que viviam em Juárez, em virtude da maior independência econômica oferecida pelo trabalho na maquila, eram etiquetadas como “*maquilocas*” (FRAGOSO et al, 2010, p. 73).

Em poucos anos, estas novas personagens da narrativa urbana, introduzidas por uma visível reorganização internacional do trabalho sob as políticas neoliberais do estado mexicano, se tornariam potenciais vítimas da tragédia social dos feminicídios. Por situarem-se em um espaço-tempo que em tese não as pertenciam, segundo a estrutura de violência correspondente ao patriarcado, as vítimas de desaparecimentos foram castigadas com estupro, torturas, a morte e finalmente a impunidade destes crimes, que não são devidamente investigados e menos ainda punidos (HIERRO PÉREZ-CASTRO, 2004).

Os feminicídios em Juárez representam uma alegoria do que tem acontecido com este território durante os últimos quarenta anos, sobretudo com o aprofundamento da globalização neoliberal¹² promovido pelo NAFTA, que implicou em uma acumulação desregulada por algumas famílias da cidade (SEGATO, 2004), não apenas de poder econômico, como também territorial, influência política e, por conseguinte, certa imunidade aos efeitos das leis. As vítimas são expropriadas de seus espaços-corpos através das violações sexuais, um “ato alegórico por excelência da definição *schmidtiana*¹³ de soberania – controle legislador sobre um território e sobre o corpo de outro como anexo a esse território” (SEGATO, 2004, p. 81, tradução livre, nota nossa). De acordo com a antropóloga argentina Rita Segato,

(...) as humildes mortas de Juárez, desde a pequena escala de sua situação e localidade, (...) nos conduzem a uma releitura mais lúcida das transformações que atravessa o mundo em nossos dias, enquanto se torna, a cada instante, mais inóspito e aterrador (SEGATO, 2004, p. 91, tradução livre).

Desde os anos 1990, o centro histórico tem sido considerado uma “zona vermelha” para o desaparecimento de mulheres, assim como um lugar de intensos conflitos estéticos. As seguintes imagens (fotografias 5, 6 e 7) são exemplos de intervenções artísticas em diferentes pontos do centro. Estas pequenas transgressões estéticas reclamam a memória das mortas e desaparecidas, referindo-se diretamente aos feminicídios e à luta pela vida de mulheres em Ciudad Juárez. Na fotografia 5, identificamos apenas um dos muitos exemplos que se podem encontrar nos postes do centro, localizada precisamente no cruzamento de dois importantes eixos viários, a Avenida Vicente Guerrero, donde hoje também se encontram murais com pinturas dos rostos de mulheres desaparecidas. A fotografia 6 corresponde à emblemática Cruz de Clavos, localizada na passagem fronteiriça do centro histórico em direção aos Estados Unidos (na Avenida Juárez), erigida em homenagem às vítimas de feminicídio na cidade.

¹² Aqui entendemos o processo de globalização neoliberal como o ápice do processo de internacionalização capitalista, caracterizado por um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação – que possibilitam a esse sistema uma presença planetária – e por um sistema de ações “responsável pelo essencial dos processos políticos atualmente eficazes”, que visa assegurar a emergência e hegemonia de um mercado global (SANTOS, 2001, p. 12).

¹³ Que se refere ao conceito desenvolvido por Carl Schmidt principalmente na obra “*Théologie Politique*” (1988).

Por fim, a fotografia 7 sinaliza a principal bandeira do movimento feminista na cidade, que é exatamente o direito à vida, que como pudemos observar, se encontra sob permanente disputa.

Fotografia 5: Grafite “*ni una más*” (à esquerda) e cruz negra com fundo rosa (à direita) no cruzamento entre Av. Vicente Guerrero e Av. Lerdo



Foto: Larissa Santos, 2017

Fotografia 6: “*Cruz de Clavos*” do Puente Santa Fe, passagem internacional entre Ciudad Juárez e El Paso

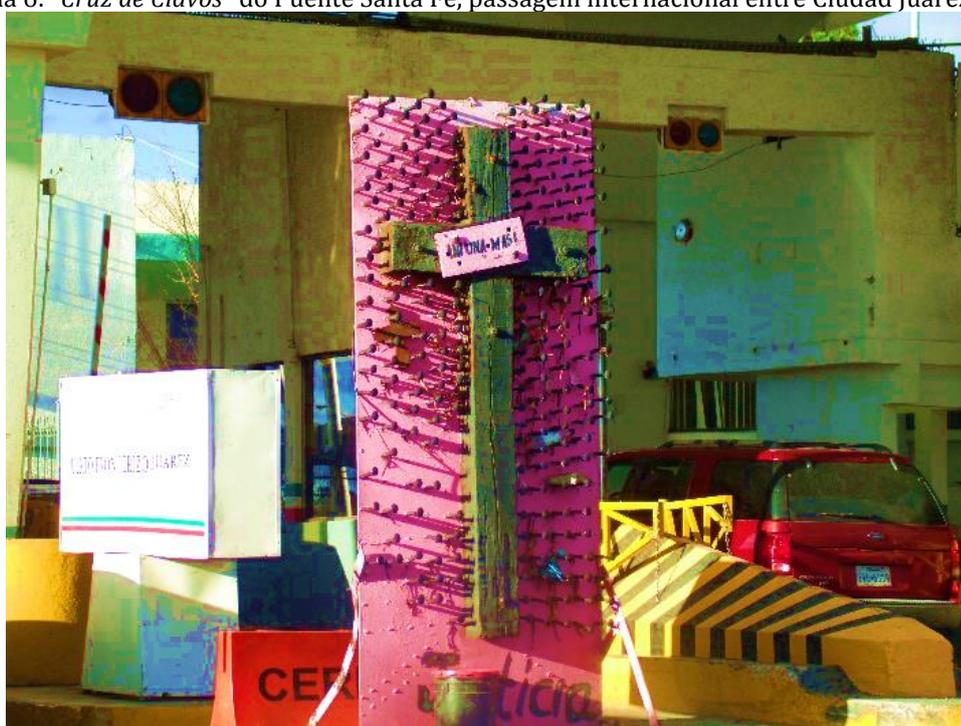


Foto: Larissa Santos, 2017

Fotografia 7: Grafites feministas na *calle* Ignacio Mariscal



Foto: Larissa Santos, 2017

Em função de sua condição geográfica fronteiriça e de sua história de exploração neoliberal, Ciudad Juárez constitui um microcosmo urbano onde os nexos entre diferentes tipos de violência – estrutural, política, simbólica e cotidiana – podem ser visivelmente observados. No que se segue, buscaremos abordar a construção destas ideologias territoriais a partir da proposta do antropólogo estadunidense Philippe Bourgois (2001) que elenca a existência dos quatro tipos de violência supracitados, iniciando pela violência estrutural. No processo de urbanização de cidades do Terceiro Mundo sob o processo de globalização neoliberal, as formas particulares de violência periférica (como os feminicídios e a narco-criminalidade) derivam de uma violência estrutural, situada na base de produção de outras formas de violência (SANTOS, 2001).

Atualmente, esta violência estrutural se manifesta através de dois tipos de perversidade: a tirania da informação e a tirania do dinheiro. Um exemplo de tirania da informação é o imaginário estigmatizado criado juntamente com a chegada da IME à fronteira norte, que simplifica a atual dinâmica de violência em Juárez colocando em polos opostos a IME, associada positivamente ao desenvolvimento e ao progresso, e a violência (BERNDT, 2013). A tirania do dinheiro só é possível mediante a tirania da informação, uma vez que a última é responsável por tornar o dinheiro violento e tirânico, mecanismo a partir do qual a equivalência entre desenvolvimento econômico/industrial e segurança, paz e estabilidade, muito frequente no contexto juarensense, é completamente possível. Estes dois tipos de tirania se encontram profundamente imbricados, uma vez que juntos respondem a um único propósito ideológico: ocultar as conexões presentes entre os feminicídios e a produção da IME. Tais interações entre diferentes tipos de violência fazem possível a produção hegemônica de uma idade que serve bem às demandas da

produção global de commodities, que por sua vez não se encontra fora de uma dinâmica de violência, mas depende desta para se reproduzir.

3. Cidade do narcotráfico: “tiradero nacional de muertos”

A associação imediata entre América Latina e narcotráfico, apesar de simplista, é indicadora de um estigma regional internacionalmente difundido de corrupção, impunidade e perigo. Este “narco-estigma” é reforçado por muitos produtos culturais, tais como filmes, telenovelas, música e literatura produzidos dentro e fora da América Latina (CABAÑAS, 2014). Suas implicações são particularmente fortes na fronteira norte do México, um ponto privilegiado nas rotas de tráfico de drogas em direção ao maior mercado consumidor de drogas do mundo e também uma região onde muitas cidades têm se tornado conhecidas como “no go zones”.

Ciudad Juárez é um desses lugares, que, sobretudo depois dos anos 1990, passou a ser conhecida pelos feminicídios e “juvenicídios”¹⁴, pelas altas taxas de impunidade judicial e pela transformação de sua paisagem urbana através de uma arquitetura crescentemente fortificada (GUTIÉRREZ, 2014), além da forte incidência de políticas de securização urbana. Este conceito, desenvolvido pelo geógrafo brasileiro Lucas Melgaço, se refere ao “processo de implantação de objetos e formas urbanas voltado à busca por algum tipo de segurança” (MELGAÇO, 2010, p. 66). De acordo com o autor,

(...) securizar não significa necessariamente tornar um local mais seguro, visto que o termo concerne apenas à implantação de objetos motivada pelo anseio por segurança, não à garantia de eficiência dos mesmos (MELGAÇO, 2010, p. 67).

Trata-se de um processo que responde ao discurso do medo, resultante de um processo prévio de estigmatização que nos propomos a estudar nesse capítulo. O atual contexto violência em Juárez é frequentemente considerado um resultado de disputas entre cartéis, e, portanto, entre “narcos”, supostamente responsáveis por degradar a cidade. O estigma territorial de Juárez enquanto território do narcotráfico se fortaleceu ainda mais com a onda de criminalidade de 2008 a 2010, quando foi por duas vezes considerada a cidade mais violenta do mundo (ORTEGA, 2010).

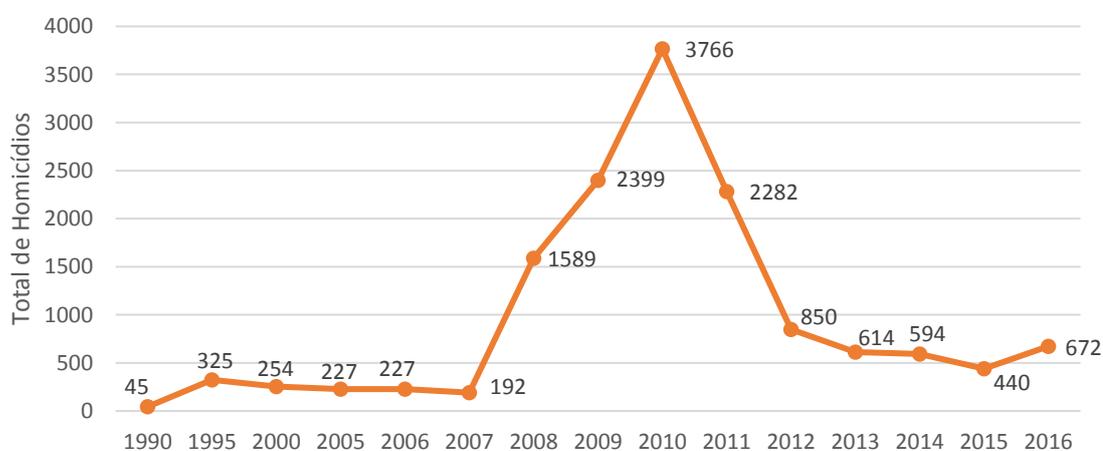
Desde 2006, quando o ex-Presidente mexicano Felipe Calderón Hinojosa (2006-2012) declarou guerra às drogas e ao crime organizado, os assassinatos, sequestros e extorsões cresceram dramaticamente. Este evento é significativo para a história da cidade, na medida em que representou um marco em termos de aumento da

¹⁴ Assassinato de jovens com impunidade. O termo *juvenicídios* tem sido crescentemente utilizado para designar a maioria dos assassinatos a jovens pobres no México (SIERRA, 2014), e protestos contra “la ley de Leyzaola” denunciaram este tipo de crime, bem como a arbitrariedade e impunidade da Polícia Municipal durante os anos em que Leyzaola esteve à frente destas forças sob o slogan “todos son delincuentes” (MURILLO, 2012).

criminalidade. O “Operativo Conjunto Chihuahua” consistiu em uma empreitada iniciada em março de 2008, com a implementação de 2.026 soldados, que contavam com um apoio tático cuja finalidade era acabar com a corrupção das instituições de segurança pública, através da sistemática aplicação de “testes de confiança”. O resultado foi um incremento no número de crimes violentos, ao qual o governo respondeu com o aumento de efetivos nas ruas, que se elevou para 7.000 soldados em 2009 (VARGAS, 2012). Estas duas operações atestaram a ineficiência do chamado Policiamento de Tolerância Zero (ZTP, sigla em inglês) ¹⁵ em Ciudad Juárez.

Em escala nacional, entre 2006 e 2012, mais de 120 mil mexicanos foram mortos e muitos outros desaparecidos, com uma taxa de condenação inferior a 10% entre as queixas formalizadas (RODRÍGUEZ NIETO, 2012). De 2008 a 2011, o exército e a polícia federal assumiram as forças de segurança pública de Juárez, o que representou uma ostensiva militarização da vida cotidiana na cidade. Entre 2008 e 2012, Ciudad Juárez perdeu 20% de sua população. As taxas de desemprego se elevaram em 20% neste período, e a criminalidade contribuiu com o colapso de centenas de negócios locais e com o abandono de mais de 25% das residências. Os homicídios de homens jovens quadruplicaram de 2008 a 2012, como podemos observar no gráfico 1, e as taxas de impunidade superaram os 90% entre 2008 e 2010 (WRIGHT, 2011).

Gráfico 1: Homicídios anuais em Ciudad Juárez (1990-2016)



Fonte: Instituto Nacional de Estadística y Geografía

¹⁵ O policiamento de Tolerância Zero ou “ao estilo Nova York” é a estratégia policial inaugurada nos anos 1990 em Nova York sob administração do prefeito Rudolph Giuliani, que já esteve em Ciudad Juárez em 2011, oferecendo consultoria em um evento chamado “Juárez Competitiva”, cujo objetivo era discutir como “limpar a imagem da cidade” (ESTROP, 2012). Este tipo de policiamento impõe uma conduta punitiva pré-determinada por parte dos agentes de segurança a qualquer infração da lei, visando a eliminar condutas indesejáveis. Se caracteriza por uma permanente e ostensiva presença policial nos espaços públicos e pelo “agressive enforcement of minor offences” (BOWLING, 1999, p. 1). É comumente associada a dramáticas reduções nos níveis de criminalidade nas cidades onde é aplicada, porém diversos estudos têm apontado para sua ineficácia nesse sentido (BOWLING, 1999; SWANSON, 2013), ressaltando efeitos como o incremento da violência policial contra determinadas comunidades étnico-raciais, como foi o caso de Nova York com os afro-americanos e hispânicos (BOWLING, 1999) o de Guayaquil com comunidades indígenas (SWANSON, 2013).

Esse aparentemente interminável ciclo de violência resultou na consolidação de uma ideologia geográfica de alcance internacional. O reflexo deste estigma em termos de políticas públicas se dá a partir de um movimento que Wacquant (2007) descreve da seguinte maneira:

Uma vez que um lugar é publicamente taxado como “zona sem lei” ou “estado fora da lei”, fora de uma norma comum, é fácil para as autoridades justificarem medidas especiais, desviando tanto da lei quanto do costume, o que pode ter o efeito – se não a intenção – de desestabilizar e marginalizar ainda mais seus ocupantes, sujeitando-os aos ditames de desregulação do mercado de trabalho e os tornando invisíveis ou excluídos de um espaço cobiçado (WACQUANT, 2007, p. 69, tradução livre).

É nesse contexto excepcional que passa a ganhar visibilidade entre as políticas municipais de segurança em Juárez o chamado Policiamento de Tolerância Zero, justificado pela retórica da Teoria da Janela Quebrada.¹⁶ A última vez que essa abordagem foi aplicada na cidade foi a partir de março de 2011, pelo Coronel Julián Leyzaola. Conhecido por sua abordagem “linha-dura” ao lidar com o crime, o chefe Leyzaola assumiu a liderança das forças policiais de Juárez depois de trabalhar na mesma função em Tijuana, cidade fronteira conhecida por haver sido pacificada em tempos de intensa corrupção dos oficiais da polícia. Em Juárez, sua estratégia foi basicamente “dividir para dominar”, setorizando a cidade em zonas individuais (“*crime hotspots*”), apoiado por um sistema computacional chamado COMPSTAT¹⁷, onde patrulhas eram sistematicamente conduzidas. Leyzaola é inclusive acusado por muitas infrações a direitos humanos cometidos durante suas intervenções pessoais em campo, caracterizada por uma dura abordagem contra qualquer potencial “*cholo*”¹⁸ – o que inclui qualquer homem jovem em Juárez.

É importante ressaltar que durante estes anos de numerosos assassinatos, que se explicam por um lado pela disputa por mercados ilegais e por outro pela estratégia militarizada de segurança pública, houve um incremento no desaparecimento e assassinato de mulheres, atualmente persistente na cidade e vinculado em grande medida ao mercado de tráfico de pessoas. Entretanto, este tipo de crime, tão difundido pela

¹⁶ A teoria da janela quebrada (*broken window theory*) corresponde a um discurso acadêmico – e também político, instrumentalizado em diversos contextos por sua capacidade de angariar votos – que sustenta a ZTP, proposto em 1982 por James Q. Wilson, um cientista político estadunidense, e George L. Kelling, ex-chefe de polícia de Kansas City. Trata-se da crença que pequenos “delitos” supostamente conduzem a crimes mais graves (WILSON e KELLING, 1982).

¹⁷ Sistema de gerenciamento pessoal baseado em resultados usado pelo Departamento de Polícia da Cidade de Nova York e por outros que importaram o policiamento “ao estilo Nova York”, para mapear áreas designadas como de alta incidência criminal. Ele atesta a inaplicabilidade da Teoria da Janela Quebrada, uma vez que ao invés de tratar todos os tipos de infração indiscriminadamente, propõe concentrar esforços em áreas definidas por tipo de infração, incorporando, portanto, a lógica inversa da retórica da tolerância zero (WACQUANT, 2009).

¹⁸ Designação local para criminosos, normalmente associados ao narcotráfico, tomados então como uma ameaça pública.

grande mídia no período referente à cidade dos feminicídios, foi ocultado, desaparecendo das manchetes locais nos anos pós-2008.

Se recorreu aos velhos argumentos governamentais de que as jovens haviam fugido com seus parceiros ou tinham uma “*doble vida*”, chegando a afirmar que faziam parte de alguma organização delitiva à qual se devia seus assassinatos (BARRIOS, 2014, p. 216, tradução livre).

Neste contexto de narcoviolência e militarização, podemos identificar ao menos dois outros tipos de violência, além da estrutural, que já abordamos quando nos referimos à agência da indústria maquiladora sobre a onda de feminicídios desde os anos 1990. São elas a violência política e a violência cotidiana. Bourgois define violência política direta como “violência física direcionada e terror administrado por autoridades oficiais sobre os que se opõem a estas, como repressão militar, tortura policial e resistência armada” (2001, p. 8, tradução livre). No caso específico do México, a violência política não se encontra claramente conectada com uma ideologia política tradicional. A repressão conduzida tanto pela polícia quanto pelo exército nos anos intensa militarização da vida cotidiana em Juárez, operada em nome da guerra às drogas, compõe um tipo de violência que interage com outras formas para produzir um espaço violento nas cidades mexicanas. A ideologia da guerra às drogas, que tem guiado as forças municipais, estaduais e federais de segurança no México, não tem alvos aberta e claramente definidos. Os alvos oficialmente alegados são os criminosos. Contudo, o caso de Juárez é uma clara expressão de que, nas práticas espaciais, essa ideologia atua através de uma estratégia de gerência punitiva da pobreza. Esta criminalização da pobreza, que se expressa territorialmente, atribui, portanto, uma dimensão territorial à ideologia de guerra às drogas.

Existe, ainda, a violência cotidiana, que corresponde à violência normalizada no nível micro-interacional, sentida nas relações interpessoais, interações psicológicas e práticas diárias dos sujeitos (BOURGOIS, 2001). Estas são, por sua vez, moldadas por forças políticas, econômicas e institucionais, que interagem de maneira articulada de modo a produzir um cotidiano marcado pela violência. Em Juárez, seus efeitos são sentidos de diferentes maneiras.

Pessoas nos restaurantes contam suas histórias de guerra, em tom abafado. Elas falam sobre como assistiram um homem ser assassinado, como seu vizinho ficou órfão quando seus pais foram assassinados, como o tio de um amigo é uma mula de drogas, sobre a casa segura próxima a suas casas, etc. (CHAPARRO, 2014, tradução livre).

A presença de atores armados legais e ilegais e a militarização da vida em seu conjunto descrevem um contexto de medo generalizado, com sociabilidades e territorialidades particulares (BARRIOS, 2014). Além de deixar seus traços nos tratos interpessoais, os efeitos psicológicos deste tipo de violência são igualmente trágicos. Em 2014, Dra. Georgina Cárdenas, diretora do Laboratório de Ensino Virtual e Cyberpsicologia da UNAM (Universidad Autónoma de México), conduziu uma terapia para pessoas com stress pós-

traumático – um típico distúrbio de sobreviventes de guerra – em Juárez. De acordo com ela, “(...) 30% dos 1,4 milhão de habitantes de Ciudad Juárez sofrem de stress pós-traumático como uma consequência direta da onda de violência” (CHAPARRO, 2014, tradução livre).

O estigma de “*tiradero nacional de muertos*” se refere imediatamente ao rótulo que Juárez recebe entre os anos 2008 e 2010, de cidade com os mais altos níveis de homicídio do mundo (ORTEGA, 2010). As perdas foram sem precedentes, e a relação dos juarenses com a morte passou a ser marcada por uma “naturalidade” muito maior, uma vez que todos lidavam cotidianamente com casos próximos de episódios violentos. Esta psicosfera de tensão, incerteza e insegurança, a partir da criação de “mundos de morte” é apresentada pelo pensador camaronês Achille Mbembe (2011) como uma das implicações da produção de uma ordem necropolítica. Esta ordem se caracteriza por um conjunto coeso de formas contemporâneas de subjugação da vida pelo poder da morte, resultado de forças sobrepostas em uma rede heterogênea de implementadores de violência onde confluem agentes de segurança do Estado, cartéis de narcotraficantes e elite governante – todos buscando exercer o direito de soberania (MBEMBE, 2011). A conformação de uma ordem urbana necropolítica em Juárez, nesse sentido, é resultado da convergência e intersecção de múltiplas forças e processos, que, de acordo com Rosa Linda Fregoso (2006), professora de *Latin American & Latino Studies* da *University of California Santa Cruz*, são basicamente quatro: militarização, desnacionalização, neoliberalismo e “ingovernabilidade”.

A militarização, orientada pela ideologia de guerra às drogas, atua de modo a ameaçar a existência de grupos marginalizados – basicamente os pobres e quaisquer que desafiem as políticas econômicas neoliberais em curso neste território. A desnacionalização, já mencionada anteriormente a partir do trabalho de Sassen (2002), se refere ao que Hannah Arendt chamou de “arma das políticas totalitárias” (1968, p. 269, tradução livre), que envolve a retirada de direitos nacionalmente garantidos a grupos considerados “indesejáveis” e a atribuição de uma vasta gama de direitos a atores transnacionais, em contrapartida.

O neoliberalismo tem uma história já consolidada em Juárez, a partir da privatização e compressão do setor público. Em termos de contribuição para a conformação de uma ordem urbana necropolítica, o neoliberalismo pode ser responsabilizado pela emergência de “organizações da sociedade incivil” (FREGOSO, 2006), que atuam de modo a preencher o vácuo resultante desse relativo abandono governamental do setor público. Os cartéis de drogas são exemplos de organizações da sociedade incivil. O Cartel de Juárez, por exemplo, é uma corporação envolvida no comércio internacional de drogas, armas, veículos roubados e mesmo no tráfico de pessoas, que opera em cumplicidade com a polícia e oficiais públicos.

Por fim, a ingovernabilidade, enquanto dado político muito particular a essa região, entraria como um quarto elemento na conformação desta ordem urbana necropolítica.

Corresponde à descontinuidade existente durante as alternações partidárias no poder, que veremos com mais detalhes no próximo capítulo. Não se trata de uma “falta de governo”, mas da “subordinação dos procedimentos democráticos e do sistema judicial ao controle autoritário” (PADILLA, 2003, p. 113, tradução livre) dos grupos que dominam este território. A ingovernabilidade permite a penetração do crime organizado nas estruturas estatais e a formação de uma ordem necropolítica de poder na região.

4. *Cidade pacificada: o que sustenta a “narcopaz” em Juárez?*

Sobretudo a partir de 2015, as manchetes de jornais nacionais e internacionais anunciavam que os turistas já podiam retornar a Juárez (VALENCIA, 2015; DOMÍNGUEZ, 2016), apontando para a superação do extraordinário ciclo de violência vivido pela cidade entre 2008 e 2012. Este discurso atribui as mudanças positivas nos níveis de criminalidade em Ciudad Juárez à abordagem de tolerância zero conduzida pelo Cel. Julián Leyzaola quando este assumiu o controle das forças policiais, em 2011. Em 2012, ao final da administração de Calderón, o caso de Ciudad Juárez foi apresentado como modelo de êxito da referida estratégia de segurança pública. A seguinte administração anunciou ainda que esta seria a estratégia a ser seguida no resto do país (MARTÍNEZ, 2013), reiterando o caráter laboratorial de aplicação de políticas neoliberais desta urbe.

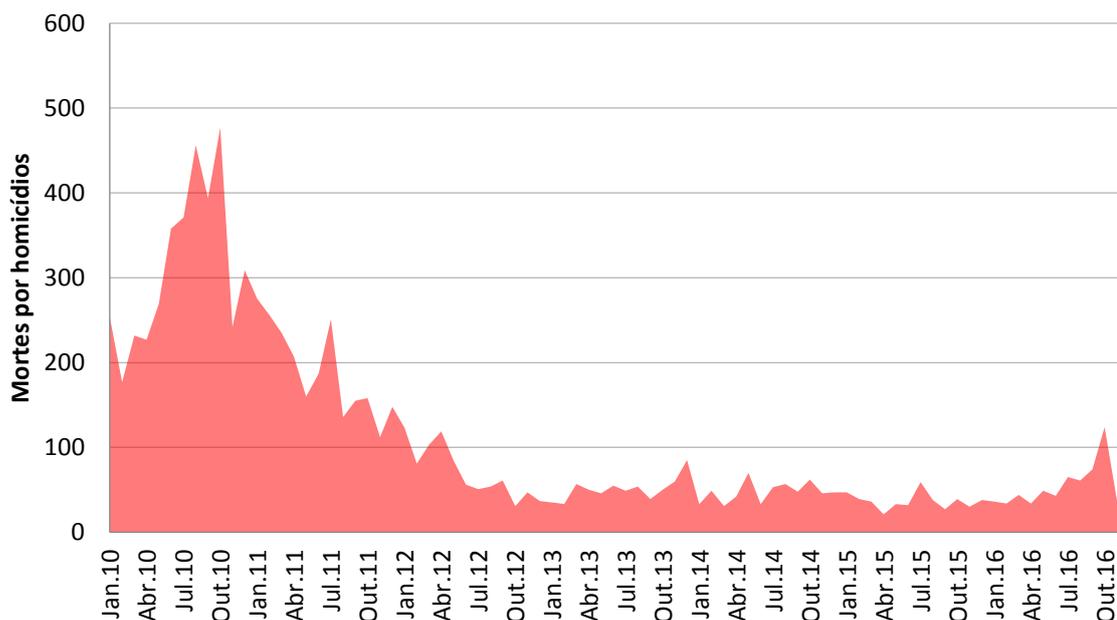
A suposta superação desta onda de violência através do policiamento “ao estilo Nova York” em Juárez é uma história sobre vingança. De um lado, coloca os heróis, agentes de resgate – “super-policiais”, empreendedores e tomadores de decisão que declaram guerra ao narcotráfico – e de outro, os vilões – pequenos e grandes narcotraficantes –, responsáveis pela degradação da cidade e pela dinâmica de violência que marca sua história recente (WRIGHT, 2013). A vingança inócua do bem contra o mal, entre os bons e maus personagens, entretanto, torna essa narrativa mítica. Nas seguintes linhas, buscaremos desmistificar o despropósito dessa vingança, nos perguntando em que medida a participação da polícia pode ser verificada no significativo declínio nas taxas de homicídio em Juárez a partir de 2011 (gráfico 1). Buscaremos ainda compreender o que sustenta a frágil estabilidade que a cidade apresenta em termos de segurança pública, que permanece oculta pelo discurso triunfante de recuperação da cidade das mãos dos criminosos.

Pelo menos três razões desafiam o protagonismo das forças policiais conduzidas por Leyzaola na diminuição dos homicídios em Juárez. Primeiramente, uma breve revisão da história recente da cidade nos atesta que ele não foi o primeiro a aplicar a abordagem do ZTP em Juárez. Em 1998, o Governador Patricio Martínez implementou o “Programa Tolerância Zero” conhecido por “colocar a cidade para dormir cedo” (GASPAR DE ALBA e GUZMÁN, 2010). A política não foi considerada como responsável por uma mudança significativa na taxa anual de homicídios ou em outros indicadores de criminalidade à época. Como vimos anteriormente, o ZTP foi aplicado ainda duas vezes sob o contexto de Guerra às Drogas no México (pós-2006), com o *Operativo Conjunto Chihuahua*, em março de 2008, responsável por colocar o exército nas ruas para combater o narcotráfico, e em

seguida com a *Operación Coordinada Chihuahua*, a partir de janeiro de 2010, responsável por substituir o exército pela polícia federal, com o objetivo de ampliar a efetividade contra crimes de grande impacto, abordagem que vai contra os princípios da teoria da janela quebrada, que diz todos os crimes deveriam ser tratados com a mesma intransigência. O resultado dessas políticas foi uma elevação das taxas de homicídio e crimes violentos. Nesse caso, por que os benefícios do ZTP só vieram a ser celebrados depois da intervenção de Leyzaola?

A segunda razão que questiona a efetividade desta intervenção é que ela pode apenas ter ocorrido em um momento estatisticamente favorável. As taxas mensais de homicídios em Juárez mostram que os números alcançaram seu último pico (com 477 homicídios por mês) em outubro de 2010. Desde então, os números começaram a cair, e quando Leyzaola, com seus “punhos de aço”, assumiu a coordenação da polícia local, cinco meses depois, essa taxa já estava em decadência. No mês em que Leyzaola assumiu seu posto, em março de 2011, os números já haviam caído quase pela metade, com 235 homicídios. Essa tendência geral permaneceu durante os meses seguintes, como indica o gráfico 2.

Gráfico 2: Homicídios mensais em Ciudad Juárez (Janeiro de 2010 a Dezembro de 2016)



Fonte: INEGI

Além disso, “quando o crime violento atinge um pico extraordinário e sem precedentes” (como ocorreu de 2008 a 2010), “as chances são de que as coisas melhorem” (BOWLING, 1999, tradução livre). Ademais, a drástica redução democrática que ocorreu em Ciudad Juárez desde o início da onda de criminalidade em 2007, foi reforçada por outros fatores, tais como a crise econômica internacional que afetou diretamente a

empregabilidade da IME, principal fonte de trabalho da cidade nos últimos anos.¹⁹ De acordo com o “*Survey de Percepção Pública sobre Insegurança em Ciudad Juárez de 2009*”, cerca de 230.000 pessoas migraram da cidade entre 2007 e 2009 (UACJ/CENAPRA, 2009), o que representa um número muito alto para uma cidade que em 2005 apresentava uma população de 1.313.338 habitantes (INEGI, 2005). Embora tais forças de deslocamento afetem a grandes setores da população, seus efeitos são obviamente mais severos sobre grupos populacionais mais vulneráveis em termos de renda (VARGAS, 2012).

O terceiro ponto que desafia a influência de Leyzaola nas taxas descendentes de homicídios ressalta a participação da polícia como substancialmente importante nesse processo. Entretanto, não da maneira heroica de combate ao crime que o discurso de ZTP sugere, senão a partir de um pacto velado com organizações criminosas relacionadas ao narcotráfico. Um erro comum no qual muitos jornalistas incorrem ao analisar o caso juarense é argumentar que existem duas principais explicações independentes para a redução da violência na cidade: os esforços de segurança por parte do governo e o conflito entre diferentes facções pelas rotas de narcotráfico. Contudo, a situação de Juárez não pode ser entendida fora de um conjunto inter-relacionado de forças e interesses que envolve atores dos cartéis, oficiais das forças de segurança, comerciantes de negócios legais no centro da cidade e mesmo a indústria maquiladora – todos interessados em fazer concessões e alianças em nome da estabilidade do mercado, onde as drogas são apenas uma das mercadorias.

A “guerra por Juárez” foi ganha em 2010 pelo Cartel de Sinaloa (RODRÍGUEZ NIETO, 2012), anteriormente liderado por outro “vilão” da narrativa neoliberal, Joaquim “El Chapo” Guzmán, cuja captura não foi suficiente para conter o controle do cartel sobre Ciudad Juárez e diversos outros territórios. Porém, a vitória de Sinaloa não é apenas pelo controle absoluto das rotas, mas também pelo controle da aplicação da lei, incorporando “peças da polícia federal e do exército em seus esquemas” (DUDLEY, 2013). Tais incorporações só foram possíveis graças a uma intensa operação do Cartel de Sinaloa contra níveis superiores das elites responsáveis pela aplicação da lei, que inclui uma lista de “executáveis”, extorsões e sequestros de quaisquer que ousassem ameaçar o controle territorial do cartel na região (RODRÍGUEZ NIETO, 2012).

Nos últimos dez anos foram assassinadas mais de 13 mil pessoas, dezenas de milhares de comércios foram fechados e centenas de milhares de casas foram abandonadas.

Atualmente existe um lucrativo negócio de reconstrução da cidade e de especulação imobiliária com todas as propriedades abandonadas e depreciadas; a maquila continuou crescendo e o tráfico de pessoas, armas

¹⁹ O total de trabalhadores do setor industrial em Juárez decresceu significativamente depois da crise econômica global de 2008. Em 2007, o número correspondia a 211.909, mudando para 178.089 em junho de 2010 (VARGAS, 2012).

e estimulantes ilegais não se deteve, só foi reestruturado (BARRIOS, 2014, p. 218).

Ainda assim, a estratégia de estabilização da cidade é utilizada como modelo nacional em termos de segurança pública. Trata-se de um território sobre o qual se podem ensaiar um conjunto de políticas que poderão ser replicadas em diversos outros lugares, reduzindo os eventuais erros e inconsistências destas políticas a meros “danos colaterais” (*idem*).

A fragilidade da *narcopaz* (FELBAB-BROWN, 2011) se deve, entre outros motivos, à possibilidade de retorno do Cartel de Juárez (autodeclarado “*Nuevo Cartel de Juárez*”), ainda presente em gangues ativas como *La Línea* e *Los Aztecas*, que por sua vez são apoiadas por outras facções (CHAPARRO, 2014). Apesar disso, as alianças táticas estabelecidas entre o Cartel de Sinaloa e as forças de segurança mexicanas expressam uma mudança significativa nos “arranjos entre aqueles que movem as drogas, aqueles com armas e aqueles em posição de autoridade política” (VULLIANY, 2015). Esse pacto visa a, primeiramente, estabilizar o mercado de drogas, que corresponde geograficamente a uma constelação reticular de regiões (às vezes bairros inteiros) marcados sob o comando dos *punteros* (operadores de pontos de venda de drogas chamados *puntos*). Em caso de quebra do pacto, os *punteros* podem ligar para polícia intervir e realizar a detenção, sequestro ou assassinato de quaisquer infratores deste “pacto” (sejam narcotraficantes ou membros das forças de segurança), para que “o fluxo de drogas e novo modelo de negócios permaneça intacto” (VULLIANY, 2015). A expressão territorial deste pacto afirma que a ZTP não está propriamente direcionada aos *narcos*, apesar do discurso que a legitima afirmar isso repetidamente.

A instável *narcopaz* que repousa sobre Juárez atualmente comprova que a verdadeira história da cidade é mais complexa do que uma luta entre bons e maus. O policiamento de tolerância zero adotado em 2011 se mostra insatisfatório como uma razão direta da estabilização da região, contudo elucida importantes aspectos do processo contemporâneo que o geógrafo escocês Neil Smith chama de globalização do revanchismo (SMITH, 2009). Em seu discurso de legitimação, o ZTP funde diferentes níveis de vingança – globalmente associado à guerra às drogas e ao terrorismo, lutando contra as ameaças internacionais que representam os *narcos*; e localmente relacionado a um processo de gentrificação de matriz securitária que esta política supostamente possibilita, expulsando e criminalizando a pobreza. Na prática, através da associação das forças de segurança pública com atores criminosos, visando a alcançar a estabilidade da *narcopaz*, esta política fundamentalmente discriminatória declara a crise de um estado neoliberal em prover segurança a seus cidadãos. O caso do ZTP em Juárez é uma evidência de como a contraditória “mão invisível” do neoliberalismo que reina nesta fronteira desde os anos 1970 se conecta ao punho de aço do policiamento de tolerância zero através de uma articulação de vingança e revanchismo.

A periodização dos estigmas territoriais que caracterizaram e ainda caracterizam Ciudad Juárez nos revela que este território foi alvo de diferentes formas de violência ao longo do último século. Precisamente o centro histórico desta urbe se caracteriza como um lugar privilegiado para reconhecer os vínculos existentes entre os diferentes estigmas, pois cada um deles deixou marcas significativas na paisagem do centro, que ainda hoje resistem e mobilizam diferentes reações nos atores que cotidianamente constroem e convivem neste espaço.

2 HISTORICÍDIO DO CENTRO HISTÓRICO

ALISAR PARA GENTRIFICAR



(...) quando Ciudad Juárez ia celebrar seu 350º aniversário (...) o 8 de dezembro de 2009 se comemorou apenas com uma discreta cerimônia oficial no Monumento a Juárez e com as moedas de prata que a Sociedade de Historiadores colocou à venda, nada mais. Não houveram grandes resenhas cheias de orgulho sobre todas as batalhas ganhar por gerações prévias de juarenses. Não se ofereceram séries de conferências. Não houve festas. Nem *spots*. Ninguém vendeu xícaras nem camisetas que celebrassem uma cidade tão forte. Não foram colocadas em palcos nem se ouviram canções sobre os momentos grandiosos da fronteira. Por acaso ninguém conhecia a história de Ciudad Juárez? Mais importante, não havia quem compreendesse o poder curador, inspirador e fortalecedor de nos sabermos “uma cidade imbatível”? Aparentemente não (CASTAÑEDA, 2015, p. 14, tradução livre).

Os sucessivos estigmas territoriais de “cidade dos excessos”, “cidade dos feminicídios” e “cidade do narcotráfico”, que têm caracterizado Ciudad Juárez desde o início do século XX, atuam na mortificação de uma história rica em complexidade e resiliência, que compreende tanto períodos de crise quanto de prosperidade. Não é de domínio público, por exemplo, o fato de que Ciudad Juárez foi por duas vezes capital da república; ou que foi a primeira fronteira mexicana a contar com eletricidade, pavimento, água potável, saneamento básico e gás natural; ou mesmo que, durante a Revolução Mexicana, abrigou a milhares de refugiados (CASTAÑEDA, 2015). O silenciamento dessa história ocorre paralelamente ao aumento da visibilidade de outras narrativas acerca do centro, profundamente estigmatizadas, como descreve o capítulo anterior. Neste capítulo, a proposta é discutir uma das respostas a esse processo, que se manifesta por um lado nos sucessivos planos de remodelação do centro histórico desde 1988, quando o primeiro plano para o centro foi publicado, e por outro lado nas efetivas intervenções responsáveis por modificar a paisagem do centro, que não necessariamente reproduzem *ipsis litteris* o que preveem os planos urbanísticos.

Buscando responder à questão que dá título a este trabalho – como romper com uma ideologia geográfica? – as autoridades municipais de Ciudad Juárez têm desenvolvido nos últimos 30 anos uma série de projetos de intervenção no centro com esta finalidade. Uma análise dos planos de remodelação do centro histórico, realizada com base em uma pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas, mostra que o argumento de “regeneração” da imagem urbana, em favor de uma “reativação” dos negócios no centro histórico, tem sido repetidamente evocado para justificar as intervenções que têm alterado mais significativamente a paisagem desta zona nos últimos anos.

De acordo com Moraes (2005), para estudar ideologias geográficas como estas que têm norteado a ação dos planejadores urbanos que nos propomos a analisar neste capítulo, é fundamental captar seus contextos de formulação, sua difusão, suas condições de assimilação, os agentes em movimento e os interesses que veiculam. É no sentido de rastrear a eficácia política destas ideologias que se estrutura esse capítulo. A questão de

fundo que o orientará é como a ideologia geográfica que tem caracterizado Ciudad Juárez através de diversos estigmas desde os anos 1920, com o florescimento do “turismo negro” na fronteira – vinculado ao álcool, drogas e prostituição –, tem justificado uma forma específica de lidar com as rugosidades espaciais do centro histórico, com vistas a uma remodelação capaz de tornar o espaço do centro atrativo a uma classe média e alta que hoje tem receio até mesmo de cruzar esta zona. De acordo com responder essa questão, este capítulo se divide em três partes.

Na primeira parte, contextualizaremos o processo de formulação dos planos estudados, com foco sobre as dificuldades político-institucionais que estes documentos encontram historicamente para se concretizarem na escala no centro histórico, elucidando a dimensão territorial das disputas políticas que caracterizam o espaço do centro. Em seguida, nos debruçaremos sobre os planos, precisamente sobre a forma como estes se encontram ancorados em um argumento de renovação da imagem urbana da cidade que, por sua vez, implica uma forma específica de lidar com as rugosidades espaciais (SANTOS, [1978], 2004). Estas correspondem ao espaço construído do centro, diretamente submetido aos processos de refuncionalização desenhado pelos referidos documentos. Por fim, refletiremos sobre as implicações territoriais deste projeto “regenerador” à luz do conceito de alisamento do território (GUATTARI, 1985), que se refere à “reterritorialização artificial” motivada por uma “subjetividade capitalística” que atua como condição fundante de uma possível gentrificação (SMITH, 1996) da zona. Estes conceitos nos fornecerão ferramentas para discutir a forma como diferentes gestões administrativas têm concebido um projeto de reestruturação do centro histórico pautado no esquecimento e no apagamento de uma história assumida como violenta e vergonhosa, negligenciando um histórico – passado e presente – de resiliência e vitalidade impressos no cotidiano e nas rugosidades do centro.

1. Entre o PRI e o PAN: entraves aos projetos de remodelação do centro

Para compreender o processo de reestruturação do centro histórico de Ciudad Juárez, é fundamental ter-se em conta o contexto político-institucional da elaboração dos planos e intervenções nesta zona. As disputas político-partidárias entre o Partido Revolucionário Institucional (PRI) e o Partido Ação Nacional (PAN), tanto na administração municipal quanto estadual, atuam de maneira determinante no estabelecimento de limites ao planejamento urbano em Ciudad Juárez, sobretudo na Zona Centro, que nos últimos trinta anos já foi alvo de diversas tentativas fracassadas de refuncionalização. Isso se deve ao fato de que essa disputa partidária, para além de uma dimensão ideológica, apresenta uma base territorial, que buscaremos elucidar com o caso do centro histórico. Este território se caracteriza como um campo de disputas entre diferentes grupos – proprietários, empresários locais, comerciantes formais e informais e mesmo facções criminosas.²⁰ Alguns destes em diversos momentos assumiram o controle

²⁰ Desde os anos 1990 o narcotráfico é pontuado pelas autoridades municipais como um problema fundamental do centro histórico, responsável por elevar os níveis de insegurança pública nesta zona (IMIP,

da administração pública com a finalidade de intervir de maneira direta no processo de produção de uma cidade de acordo com seus interesses (QUIJADA, 2013).

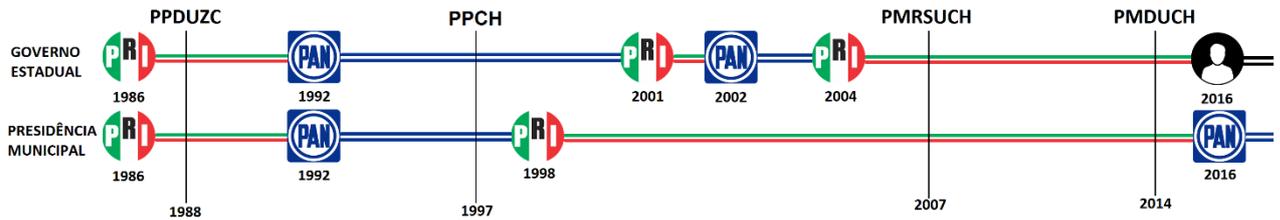
Para tanto, apresentaremos de maneira panorâmica os planos elaborados para a zona centro desde finais dos anos 80, ressaltando os aspectos contextuais da elaboração de cada um destes projetos que elucidam os desafios que o processo de reativação do centro tem enfrentado nos últimos anos. Essas propostas encontram-se formalmente documentadas em quatro projetos que, embora apresentem formas distintas, visam ao objetivo comum de “regenerar” e “revitalizar” esta zona. São eles:

- Plan Parcial de Desarrollo Urbano, Zona Centro (PPDUZC), de 1988;
- Plan Parcial del Centro Histórico (PPCH), de 1998;
- Plan Maestro de Revitalización Social y Urbana del Centro Histórico (PMRSUCH), de 2007;
- Plan Maestro de Desarrollo Urbano del Centro Histórico de Ciudad Juárez (PMDUCH), de 2014.

Antes de nos determos com maior profundidade nos dados contextuais referentes a cada um dos planos, é importante ressaltar um aspecto que atravessa toda a questão do planejamento urbano em Ciudad Juárez no recorte temporal selecionado. Todos os planos de desenvolvimento municipal se circunscrevem ao marco do plano de desenvolvimento estatal, que por sua vez se fundamenta em diretrizes nacionais. A Constituição Política do Estado de Chihuahua não especifica atribuições de autoridades municipais e estaduais em matéria de planejamento, controle e operação do desenvolvimento urbano, porém outorga faculdades aos municípios no exercício de obras, financiamentos e serviços públicos (QUIJADA, 2013). Uma maior ou menor coordenação entre a escala municipal e estadual tem impactos diretos sobre o planejamento territorial em Juárez, e nesse sentido, a figura 3 busca ilustrar a distribuição histórica dos planos analisados no decorrer das diferentes administrações estaduais e municipais. As trocas de governo, e sobretudo de partido no poder, implicam na troca de funcionários e funções nas divisões de planejamento urbano, na mudança de diretrizes e prioridades para as diferentes zonas, correspondendo, no limite, ao abandono do projeto urbanístico precedente.

1998, p. 57). Embora a disputa dos cartéis de droga pelo centro não se dê expressamente no plano político, como é o caso dos demais grupos mencionados, sua agência na zona centro passa a assumir crescente importância depois da declaração de guerra ao narcotráfico, em 2006, ao mesmo tempo em que a própria disputa pelo centro passou a ganhar maior visibilidade, uma vez que em resposta à tragédia dos anos 2008 a 2010 “muitas vezes se uniram para fazer coisas pela cidade” (SALAS, 2017, tradução livre).

Figura 4: Planos para o centro ao longo das administrações do estado de Chihuahua e Ciudad Juárez (1986-atualidade)



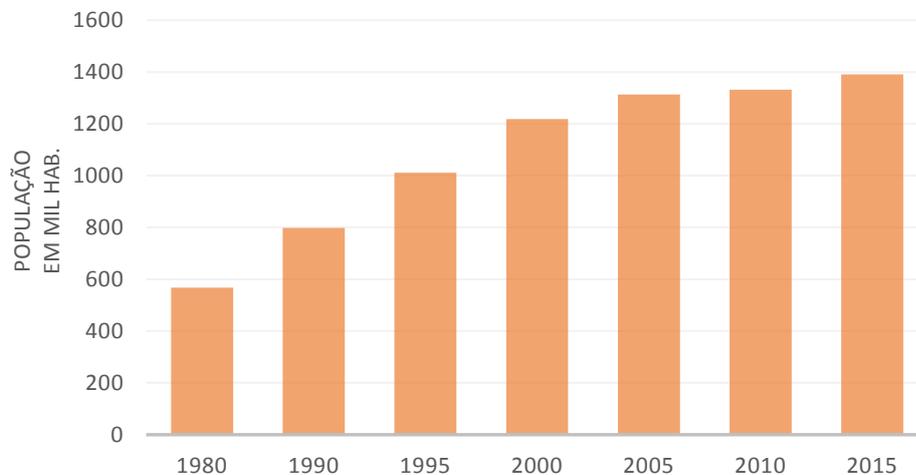
Elaboração própria, 2017

O primeiro plano para o centro foi formalmente elaborado pelo Governo Federal, através da Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Ecologia, como uma das ações prioritárias de apoio ao desenvolvimento urbano de Ciudad Juárez (MÉXICO, 1988). A elaboração federal de um plano direcionado ao centro de uma cidade fronteiriça como Juárez é um fato elucidativo do momento econômico vivenciado pelo país e precisamente pela fronteira norte na década de 1980, quando o governo federal converte a Indústria Maquiladora de Exportação (IME) no eixo estruturante do projeto econômico nacional e regional. Segundo a historiadora da Universidad Autónoma de Ciudad Juárez (UACJ) Guadalupe Santiago Quijada,

Como em nenhum outro momento da história juarense, os investidores locais intervieram diretamente no ordenamento da cidade, na organização da economia e na administração pública de Ciudad Juárez (QUIJADA, 2013, p. 620, tradução livre).

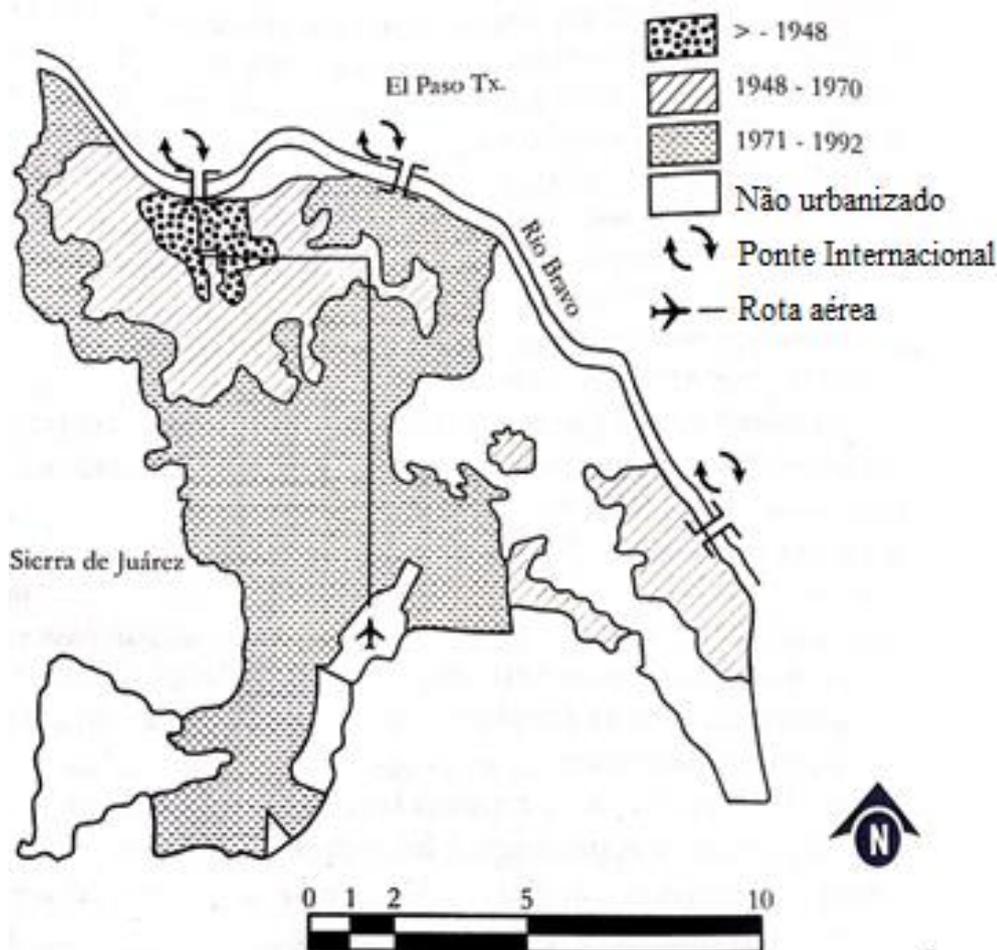
Em função da instalação da IME nas franjas da cidade, que se inicia em meados dos anos 1960, houve um significativo incremento populacional (gráfico 3) e consequente descentralização e expansão física da área urbana da cidade (IMIP, 1998 [2001]), como se pode observar no mapa 5.

Gráfico 3: Crescimento populacional de Ciudad Juárez (1980-2015)



Fonte: INEGI

Mapa 5: Crescimento histórico de Ciudad Juárez até 1992



Fonte: VILLAREAL, [2003] 2008, p. 44, tradução livre

O centro histórico, por sua vez, conservou seus limites, passando por um esvaziamento populacional e de certas atividades, que migraram em direção aos novos núcleos: as famílias de alto e médio nível de renda para as novas zonas residenciais ao leste e a população migrante e de baixos recursos a oeste da cidade, com a fundação de colônias populares e com o surgimento de assentamentos espontâneos para os segmentos de menor renda. Segundo dados do *Instituto Municipal de Investigación y Planeación* (IMIP), entre 1950 e 1980 o centro perdeu 25.634 habitantes (IMIP, 1998, [2001] p. 29). É no sentido de “otimizar o uso do solo e distribuí-lo integralmente na cidade” (IMIP, 1988) que o primeiro “*Plan Parcial de Desarrollo Urbano de la Zona Centro*” emerge, assumindo como um de seus principais objetivos o melhoramento da imagem urbana da cidade, elemento que atravessa todos os quatro documentos analisados.

Um importante limite político-institucional já reconhecido pelo PPDUZC de 1988 e ainda não superado pelos planos posteriores (incluindo o mais recente, de 2014) se refere à saturação das vias centrais pelas “*rutas*” – ônibus e vans responsáveis pelo serviço de transporte coletivo urbano e suburbano, cujos terminais se concentram todos no centro da cidade, ponto de origem e destino das viagens em direção à periferia. De acordo com o

documento, “isso foi consequência de limites político-institucionais que impedem a regulação e organização eficiente do transporte, gerando-se uma situação de anarquia na prestação do serviço” (MÉXICO, 1988, p. 32, tradução livre). Muito em função da articulação centralizada do transporte público em Juárez, o espaço do centro é extremamente dinâmico do ponto de vista comercial. Grande parte da população das colônias mais periféricas – e de menor renda – faz suas compras no centro (fotografia 8), pois além de passarem obrigatoriamente pelo centro em seus trajetos diários, podem encontrar de tudo a menor preço. Apesar das numerosas tentativas por parte dos governos federais, estaduais e municipais elaboradas desde os anos 1980, o sistema de transporte local continua apresentando graves deficiências, que seriam facilmente solucionadas por uma proposta que já aparece no plano de 1988: “uma hierarquização de origem-destino em função dos pontos de interesse, determinados pelas concentrações de atividades econômicas importantes e sua relação com as zonas habitacionais” (*idem*).

Fotografia 8: Comércio de rua no centro histórico (Av. 16 de Septiembre)



Foto: Larissa Santos, 2017

O segundo plano, de 1998, já é lançado sob a tutela do Instituto Municipal de Investigación y Planeación (IMIP), fundado em 1995 sob a administração municipal e estatal do PAN, e ainda hoje a principal instância de planejamento urbano em Juárez. Neste mesmo ano (1995), foi lançado o plano de desenvolvimento urbano para toda a cidade, que se propunha a deter seu crescimento no sentido sul, padrão que caracterizava as administrações anteriores dos *priistas* Manuel Quevedo Reyes (1977-1980) e Jaime Bermúdez Cuarón (1986-1989)²¹, e reorientá-lo a sudeste, sobre a ribeira do Rio Bravo e paralelo a El Paso, Texas. A recuperação da prefeitura pelo PRI simultaneamente a um

²¹ Estes dois ex-presidentes municipais adquiriram à época enormes propriedades no sul da cidade, orientando o desenvolvimento de infraestruturas e o planejamento urbano nessa direção, com a finalidade de se beneficiarem (MARTÍNEZ, 2010, p. 25).

governo estadual também *priista*, por Héctor Murguía Lardizábal (2004-2007), representou a modificação do plano de desenvolvimento urbano para incluir aos limites do centro a população do posto fronteiro Jerónimo-Santa Marta, que está localizado ao sul da cidade, com uma área superior a 15 mil hectares, o que evidencia que a troca de governo vem acompanhada de uma proposta renovada para a cidade (MARTÍNEZ, 2010, p. 26). É importante ressaltar que, com a criação do IMIP, as dinâmicas distintas das administrações *panistas* e *priistas*²² mostram-se mais claras, pois ao passo que nas gestões do PAN “se planeja muito, mas se executa pouco”, nas administrações *priistas* “se executa muito sem seguir as diretrizes de planejamento do IMIP” (SALAS, 2017, tradução livre).

Outro ponto de divergência importante entre o PRI e o PAN em termos de gestão urbana do centro histórico é a questão dos vendedores ambulantes. Desde 1988, todos os planos pontuam a questão do comércio informal como um problema do centro que afeta negativamente a circulação nas vias públicas (MÉXICO, 1988, p. 29)²³, o meio ambiente e a saúde pública (IMIP, 1998, p. 42)²⁴ e a imagem urbana da cidade (IMIP, 2007, p. 175)²⁵. Entretanto, a postura que tem adotado historicamente o PRI em relação aos ambulantes é de alento aos comerciantes ambulantes, a partir da expedição de licenças e realocações para que atuem em determinadas áreas da cidade²⁶. Por outro lado, a resposta do PAN tem sido mais radical, no sentido de cortar a emissão de licenças e aumentar impostos sobre os comerciantes que já as possuem.

A disputa pelo centro passou a assumir maior visibilidade depois da declaração de guerra ao narcotráfico em 2006, precisamente depois da onda de homicídios que assolou a cidade entre 2008 e 2010, quando o centro se consolidou como zona inabitável e território de disputas dos carteis de droga. É importante ressaltar, entretanto, que desde 1988 os planos apontam a “falta de segurança pública” (MÉXICO, 1988, p. 54, tradução livre) como um problema da zona centro, que apresentava “o índice mais alto de delinquência e criminalidade comparada com o resto da cidade” (CD. JUÁREZ, 1989, tradução livre). Sob um contexto de guerra às drogas, este argumento ganha maior

²² Referentes ao Partido da Ação Nacional (PAN) e ao Partido Revolucionário Institucional (PRI), respectivamente.

²³ “... en la zona centro se presentan problemas principalmente por la invasión de la vía pública por el comercio ambulante (...). Esto no sólo dificulta la circulación vehicular, sino que en algunas vías la imposibilita” (MÉXICO, 1988, p. 29).

²⁴ “Generalmente el comercio informal dificulta el suministro y operación de los servicios públicos, representa un foco de infecciones e interfiere en la seguridad pública por las dificultades de circulación vial” (IMIP, 1998, p. 42).

²⁵ Na seção “imagen urbana” do parágrafo sobre espaços exteriores, a erradicação do comércio informal em vias públicas aparece como “sin duda una de las acciones imprescindibles que propone este plan” (IMIP, 2007, p. 175).

²⁶ Esta postura mais “aberta” do PRI em relação aos ambulantes responde às pressões que emergem de centrais corporativas como a CTM (Confederación de Trabajadores de México), FNT (Foro Nacional del Trabajo), LMOP (Liga Municipal de Organizaciones Populares) e CROC (Confederación Revolucionaria de Obreros), as duas últimas, componentes fundamentais das bases populares de apoio do partido (BARBA, 1990).

robustez, incluindo o narcotráfico e a prostituição como indicadores desta fragilidade do centro:

A zona centro tem sido historicamente lugar de diversão e espalhamento, o que tem acarretado uma série de **transtornos sociais** que se transformam em alarmantes índices de **delinquência, narcotráfico e prostituição**. A análise exposta na seção de segurança pública deste plano já nos indica que a porcentagem mais alta de faltas administrativas e delitos penais da cidade ocorrem nesta zona. Estes fatos favorecem o despovoamento e a deterioração do ambiente urbano da zona centro (PMRSUCH, 2007, p. 129, tradução livre, grifos nossos).

A onda de insegurança de 2008 a 2010, que coincide com a época em que o exército se responsabilizou pelo policiamento da cidade, corresponde a um momento marcante de deterioração da zona e de reconhecimento dos grupos criminosos como agentes importantes na disputa pelo centro. A importância do “resgate” do centro, acompanhando uma retórica de resgate da cidade como um todo, começou a ganhar visibilidade depois dos eventos de 2008 a 2010, que adicionaram a narcoviolência às problemáticas já tradicionais do centro, relacionadas ao comércio ambulante, à saturação viária pelas linhas de ônibus, à prostituição e à indigência. De acordo com a geógrafa estadunidense Melissa Wright, o PMRSUCH

(...) detalhou diversas fases iniciando com a compra de propriedades, tanto por trocas voluntárias quanto por aplicação de domínio eminente, seguidas da demolição de propriedades comerciais e residenciais na porção oeste do centro para abrir caminho para novas estruturas (WRIGHT, 2013, p. 839, tradução livre).

Em 2014, o PMDUCH organizou de maneira muito detalhada e sistematizada pautas que desde 1988 vinham se somando aos planos de desenvolvimento urbano para a zona centro. Após sua publicação, diversas modificações passam a ocorrer na paisagem do centro histórico (MORONES, 2016), cujo projeto de regeneração é atribuído à coordenação do arquiteto Jose Eleno Villalva Salas, responsável pelo projeto de regeneração do centro histórico durante a administração municipal do *priista* Enrique Serrano Escobar (2013-2016). Com a eleição do candidato independente Armando Cabada, em finais de 2016, o projeto do centro volta a enfrentar limites para seguir as diretrizes estabelecidas pelo plano do IMIP, de 2014. Em 2017, iniciaram-se esforços para retomar o projeto, porém não da forma que o IMIP havia proposto no último documento, o qual segundo membros da nova administração municipal se encontrava desatualizado e inviável tendo em vista a atual conformação fundiária do centro histórico (CASTAÑÓN, 2017).

A proposta de Juan Enrique Díaz Aguilar, atual responsável pelo projeto do centro histórico, foi a de criar um patronato para a reabilitação da zona²⁷, com um estatuto interno e personalidade jurídica própria, inspirado pelo que ocorre do outro lado da fronteira, com o *El Paso Downtown Management District*, organização governamental autofinanciada criada em 1997 com o objetivo de “revitalizar” o centro de El Paso. O resultado na cidade vizinha pode ser lido como bem-sucedido por alguns e catastrófico por outros – uma dinâmica especulativa que hoje se manifesta na acentuada gentrificação do centro histórico (PAREDES, 2014). O principal argumento para a conformação do patronato em Juárez é exatamente o fato de que a efetiva reabilitação do centro nunca ocorre porque não se dá continuidade aos sucessivos planos lançados sob diferentes administrações municipais e estaduais. Nesse sentido, o patronato reuniria três comitês: um de infraestrutura, um acadêmico e um institucional, de modo que neste último participariam instâncias dos governos municipais e estaduais (CASTAÑÓN, 2017), haja vista que outro argumento frequentemente evocado para responder à questão “por que o centro continua pouco atrativo aos turistas e ao investimento privado?” é o de que “não se conseguiu colocar de acordo os diferentes atores que estão relacionados com o centro para que trabalhem”, como afirmou o atual diretor do IMIP Roberto Mora Palacios (OLIVAS, 2017, tradução livre).

Como podemos observar desde 1988, a falta de coordenação entre instituições municipais, sobretudo nas direções de obras públicas e planejamento municipal, tem ocasionado uma duplicidade de funções que provoca o entorpecimento do processo de planejamento da cidade em diferentes momentos de sua história (QUIJADA, 2013). A existência de múltiplas direções dificulta o processo decisório e promove a competição por adquirir posições de poder (SEDESOL, 1992), e na escala do centro histórico essa realidade se manifesta nessa diferença entre diretrizes do IMIP e as do governo municipal e estadual. Além disso, a descontinuidade nos planos promovida pela alternância de poder entre o PRI e o PAN não caracteriza uma “falta de governo” ou de planejamento, mas a subordinação dos procedimentos democráticos e do sistema judicial ao controle autoritário dos grupos que dominam os territórios em Ciudad Juárez, que caracteriza o que o cientista político juarense Héctor Antonio Padilla Delgado (2003) chama de “*ingobernabilidad*”. Estima-se que desde 2007 foram investidos mais de 35 milhões de dólares pelo poder público para a reabilitação do centro histórico (OLIVAS, 2017), que ainda não obteve resultados significativos em função dos interesses conflitantes dos diversos grupos de poder que interagem na região. A questão à qual nos dedicaremos a seguir é de que maneira todos estes entraves político-institucionais orientaram formas

²⁷ A ideia de criação patronato já se encontra presente no PMRSUCH, de 2007, como se pode observar no seguinte trecho: “A partir del lanzamiento de una convocatoria dirigida a la comunidad en general para anunciar la revitalización del Centro Histórico de Ciudad Juárez, deberá constituirse este organismo formal y legalmente, pudiendo adoptar la figura de consejo o patronato, según sea preferible para los fines establecidos” (IMIP, 2007, p. 213).

específicas de as autoridades públicas lidarem com as rugosidades espaciais que conformam o centro.

2. *Alisar para gentrificar: a linguagem e a estética do “historicídio”*

Durante os últimos anos, Ciudad Juárez tem sido internacionalmente conhecida pelas altas taxas de homicídio que, inclusive, foram responsáveis por torná-la a “cidade mais violenta do mundo” entre 2008 e 2010 (ORTEGA, 2010). Este estigma territorial, que atinge particularmente o centro, é um dos elementos que contribui não apenas para o esvaziamento e abandono turístico da zona, mas para a mortificação de uma história rica e diversa, como ilustra a jornalista e psicóloga juarense Cecilia Ester Castañeda na citação que abre este capítulo. Os planos de remodelação do centro histórico, acima mencionados, buscam lutar contra essa condição de deterioração que hoje constitui o espaço do centro a partir de um processo diametralmente oposto à “revitalização” que estes documentos repetidamente evocam – a partir do que chamaremos de “historicídio”. Sob o argumento de “renovação da imagem urbana”, estes projetos se propõem a mortificar uma história assumida como vergonhosa e digna de ser apagada, e para elucidar as contradições desta estratégia refletiremos a seguir sobre a dimensão geográfica deste historicídio, a partir dos conceitos de rugosidades (SANTOS, [1978], 2004) e alisamento do território (GUATTARI, 1985).

O plano de 1988 apresenta como objetivo geral programar ações de desenvolvimento com a finalidade de “**revitalizar** e adequar o funcionamento urbano das áreas de estudo” (IMIP, 1988, p. 5, tradução livre, grifo nosso); “**reativação** do comércio e dos serviços, fortalecendo sua integração com os mercados regionais” (*idem*, p. 8) e “**melhorar a imagem urbana**” (*idem*, p. 10). A identificação de uma imagem urbana deteriorada se refere a “edifícios em mal estado, falta de áreas verdes, confusão visual por excesso de publicidade em fachadas sobre banquetas, mal cheiro e lixo em via pública” (*idem*, p. 55), o que nos permite perceber que diversas questões de naturezas bastante distintas são enquadradas em um mesmo problema: o da imagem urbana deteriorada. Ainda apontando os problemas do centro, o documento de 1988 sinaliza a “**invasão** comercial da vida pública” (*idem*, p. 54, grifo nosso) pelo comércio informal, nitidamente criminalizando a atividade dos comerciantes ambulantes.

As casas de adobe, com seu caráter artesanal, estão entre as estruturas mais antigas do centro, e representam um importante traço arquitetônico de Ciudad Juárez. Devido às suas condições climáticas desérticas, a cidade foi largamente favorecida pelas vantagens térmicas do adobe, que por sua densa espessura impede a entrada de frio e calor na residência, conservando um ambiente interno agradável (MORONES, 2016). No PDUZC, entretanto, as casas de adobe, por sua antiguidade, “requerem **reposição**” (IMIP, p. 37, grifo nosso). Estas estruturas, em geral construídas entre 1913 e 1920, são testemunhos e evidências de uma época em que os juarenses conviveram mais harmonicamente com a natureza (MORONES, 2016).

O modesto adobe seria a base de suas construções e do maior êxito das colheitas agrícolas: as frutas e sua conservação, o melhor vinho do norte do México. Produtos que percorriam toda a região. (...) Nessas casas simples de muros grossos de adobe viveram os paseños, tanto os famosos quanto os desconhecidos. A presença do Licenciado Benito Juárez e o papel de destaque que desempenhou durante a Revolução Mexicana falam da história oculta em suas ruas, sem pretensões de grandeza (IMIP, 1998, [2001] p. 14, tradução livre).

As casas de adobe são um exemplo do que o geógrafo brasileiro Milton Santos chamaria de rugosidades. Elas correspondem ao espaço construído, ao tempo histórico que se transformou em paisagem, nos oferecendo resquícios de uma divisão internacional do trabalho pretérita, “manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados” (SANTOS, [1978] 2004, p. 173). A proposta de “reposição” enunciada pelo PPDZUC – que inclui a destruição prévia das casas de adobe – nos remete ainda a uma tentativa de gentrificação, que para recuperar o valor e os usos econômicos de determinada zona, precisa antes destruí-la econômica e socialmente (SMITH, 2002).

No PPCH, de 1998, temos também diversas referências a uma estratégia muito semelhante ao plano de 1988, explicitada desde o nome do conselho responsável pela elaboração do plano: Conselho para a Renovação da Zona Centro. Entretanto, vale ressaltar o avanço que o PPCH apresenta em relação ao plano anterior no sentido de reconhecer a negligência com a qual as autoridades municipais têm lidado com o centro histórico, como se pode observar no trecho a seguir:

Não demos oportunidade a essas velhas e desorganizadas ruas do centro, nem a seus edifícios e casas, de reluzir dignas diante de qualquer visitante. (...) Assim, é impossível pensar que os juarenses peçam, resgatem e protejam algo que não conhecem, alheio a seu orgulho, a sua identidade, a seu apreço. (...) A história, nossa própria história, nos reclama esta dívida pendente, por nós mesmos, por nosso decoro (IMIP, 1998, [2001], p. 15, tradução livre).

O documento é muito mais detalhado no sentido de mapear as problemáticas do centro, porém, o objetivo final continua sendo “a **reativação** econômica e a **renovação** da imagem urbana (...) do centro da cidade” (IMIP, 1998, [2001] p. 58, tradução livre, grifos nossos).

Já no PMRSUCH, de 2007, o argumento de regeneração assume ainda mais centralidade. Partindo do pressuposto que “O processo de deterioração urbana e econômica do centro histórico de Ciudad Juárez se reflete na má qualidade de sua imagem urbana e funcionalidade” (IMIP, 2007, p. 7, tradução livre), o plano coloca como uma ação prioritária e impostergável

(...) impulsionar a funcionalidade e o uso intensivo do Centro Histórico, realizando uma campanha de **revalorização** e difusão da zona através de eventos, publicidade, promoção e investimento em obras que detonem, por seu impacto, a produtividade e **recuperação** da imagem da zona (IMIP, 2007, p. 217, tradução livre, grifos nossos).

No “*Plan Maestro de Revitalización Social y Urbana del Centro Histórico de Ciudad Juárez*” (PMRSUCH), as propostas relacionadas a transporte e circulação, iluminação pública, ordenamento do comércio e residência se dirigem todas a este objetivo geral de recuperação da imagem urbana.

Por fim, o PMDUCH de 2014, além de realizar um diagnóstico detalhado em termos demográficos e geoestatísticos (em termos históricos, podemos afirmar que os planos de 1998 e de 2007 são mais detalhados que o PMDUCH), a característica de destaque deste documento é a projeção de cenários futuros. Para além das metas e projetos de curto, médio e longo prazo, o plano literalmente desenha os cenários resultantes das intervenções por ele propostas. A figura 3 ilustra com clareza o caráter padronizador das intervenções propostas pelo plano, pois embora o centro comercial exibido se encontre em frente a duas rugosidades importantes do centro histórico – a Catedral de Ciudad Juárez e a Missão de Guadalupe (ao lado esquerdo da catedral) – seus elementos constitutivos não valorizam o conteúdo histórico do centro, podendo ser encontrados em qualquer shopping center de uma grande cidade no mundo. O detalhe do canto superior direito da imagem, um logo da Starbucks – franquia internacionalmente conhecida pela personalidade de seus produtos e pelos altos preços de seus cafés – ratifica o caráter gentrificador deste projeto.

Figura 3: Proposta de “reabilitação” da *Manzana 14*, uma das zonas de comércio informal mais dinâmicas do centro



Fonte: IMIP, 2014

Em 2015, seguindo as diretrizes do PMDUCH, é operada uma intervenção que modifica substantivamente a paisagem do centro, a partir da padronização das fachadas da Av. Juárez, a mais turística da região, assim consagrada durante os anos de ouro da vida noturna em Ciudad Juárez (fotografia 4). A Juárez, em sua época de ouro, chegou a ser comparada com Las Vegas, visto que se tratava de um espaço onde a festa, o descontrole e o álcool se mesclavam em perfeita sintonia com o caráter “exótico” da gastronomia do jogo em tempos de proibições no país vizinho. A avenida estava repleta de estrangeiros e locais alheios aos limites nacionais, representando uma das artérias principais que conecta Ciudad Juárez a El Paso Street, do outro lado. Hoje em dia, continua sendo amplamente transitada e visitada, sobretudo durante a noite ainda que não como naqueles tempos, sendo entendida como sinônimo de bares e celebração. Em 2015 se concretiza, sob coordenação do Arquiteto Eleno Villalba, uma proposta já lançada em 1988 que, mediante a alegada poluição visual causada pela publicidade em vias públicas, apontava a necessidade de um “ordenamento publicitário” e “**reabilitação** de fachadas” (MÉXICO, 1988, p. 39, tradução livre, grifo nosso). Em 2007, este projeto também havia sido reiterado pelo PMRSUCH, que com o “Programa de resgate de ruas”, que se propunha a “trabalhar de forma ampla para **reabilitar** a imagem urbana das ruas da zona centro” (IMIP, 2007, p. 215, tradução livre, grifo nosso).

Fotografia 9: Avenida Juárez e Puente Santa Fé ao fundo nos anos 1950s (em cima) e em 2015 (embaixo)



Fonte: Roberto Lopez Díaz (foto superior, coleção pessoal) e Agustin Hernández (2015)

Os casos ilustrados pela fotografia 9 aludem a um processo que o filósofo francês Félix Guattari nomeia como alisamento do território, e que se refere a uma “reterritorialização artificial” consonante com uma subjetividade capitalística que alisa espaços estriados (GUATTARI, 1985). Ao equacionar a “reabilitação” destes espaços à incorporação de uma psicofera de mercado, presente na experiência estética oferecida pelos espaços lisos e vazios de rugosidades, estes projetos se propõem a executar o historicídio dos espaços em questão. Esta psicofera é capaz de reterritorializar por completo espaços como o centro de histórico de Juárez, os Lquais privados de suas rugosidades – formas espaciais que garantem suas particularidades – convertem-se em espaços fantasmáticos, desprovidos de conteúdo histórico e identificação por parte dos que o produzem cotidianamente, como ilustra a figura 3.

Esta figura é ainda elucidativa de uma contradição importante desta subjetividade capitalística, à qual se refere Guattari, no que tange à sua abordagem às rugosidades espaciais. Embora a destruição de certas rugosidades seja fundamental no processo de alisamento do território, a completa extinção das mesmas tampouco é interessante dentro desta dinâmica historicida, que se reproduz em consonância com os “constantes movimentos do capital e de sua lógica de apropriação material de tudo que possa alimentar seus interesses mercantis” (PALLAMIN, 2017, p. 11). Este projeto gentrificador também busca se utilizar das potenciais vantagens paisagísticas e mesmo logísticas que essas rugosidades podem oferecer, atribuindo novos usos e significados às mesmas. O PPDUZC de 1988, por exemplo, se refere às infraestruturas viárias do centro histórico como elementos a serem aproveitados dentro de um plano de reativação econômica da zona.²⁸

O historicídio, operado por esse alisamento do território, apresenta uma linguagem própria, que norteia os quatro documentos analisados, e que se materializa não apenas nas palavras utilizadas, mas também na valorização de uma estética específica, constituindo-se como condição fundamental para a transformação destes espaços em mercadorias consumíveis por uma classe detentora de um alto poder de compra. Nesse processo, não ocorre apenas a mortificação de um patrimônio histórico materializado nas formas espaciais antigas, mas o apagamento da história de homens e mulheres que constroem cotidianamente o espaço do centro, para os quais não há lugar dentro destes espaços lisos.

3. *“Is the border the new urban frontier?” Os desafios para uma gentrificação do centro histórico de Ciudad Juárez*

No livro *“The New Urban Frontier: Gentrification and the Revanchist City”* (1996), Neil Smith descreve como, em função de um reconhecimento inicial do potencial especulativo de espaços centrais, ocorre o retorno do capital aos centros urbanos outrora abandonados pelas classes burguesas, através de um processo de gentrificação que ameaça a vida da classe trabalhadora, que aniquila seus espaços por meio de investimentos da burguesia. Gentrificação é uma estratégia urbana global que se manifesta com particularidades nas diferentes formações sócio-espaciais, porém poderia ser definida como transformação de uma área vazia ou de classe trabalhadora em uma área de uso residencial e/ou comercial para a classe média (LEES *et al*, 2008). É comumente descrita através do ciclo de desinvestimento, aquisição de terras, aumento de aluguéis, remoções/despejos e repovoamento das áreas anteriormente “degradadas” por uma classe média com maior poder de compra. Em Ciudad Juárez, este ciclo está longe de se completar, porém não têm faltado tentativas de colocá-lo em marcha. A questão que se coloca é, frente às sucessivas tentativas de gentrificar o espaço do centro, conduzidas

²⁸ “Es importante mencionar que estas zonas se localizan sobre los principales ejes de conexión con la vecina ciudad de El Paso, Texas, lo que determina su desarrollo en materia de infraestructura completa, además de otorgarle mayor plusvalía por el servicio que representa” (MÉXICO, 1988, p. 26).

tanto pelo Estado, como pudemos observar nos planos acima discutidos, quanto por agentes privados, como veremos adiante, o que afinal tem impedido que este ciclo se feche?

O processo de desinvestimento, acentuado pela crise financeira de 2008 – que arruinou muitas fontes de trabalho, forçando milhares de famílias a deixarem a cidade – foi muito importante para configurar o atual mercado de terras em Juárez. A onda de homicídio entre 2008 e 2010 constitui um marco na referida situação de desinvestimento, pois nessa época um quarto das residências foram abandonadas (WRIGHT, 2013). Em 2016, haviam cerca de 24 mil moradias abandonadas, número ainda mais alto em anos anteriores, e nos últimos anos essas propriedades têm sido etiquetadas pelos agentes públicos como “*foco rojo*” de incêndios, além de uma ameaça à segurança das famílias que permaneceram morando nessas colônias (ORTEGA, 2014; VELARDE, 2015). Em outras palavras, o desinvestimento não apenas se mostra como uma realidade patente, como também tanto agentes públicos quanto investidores privados têm progressivamente instrumentalizado a situação de desinvestimento, assim como o estigma territorial que a acompanha, para justificar os investimentos públicos e sobretudo privados na cidade (MARTÍNEZ, 2012).

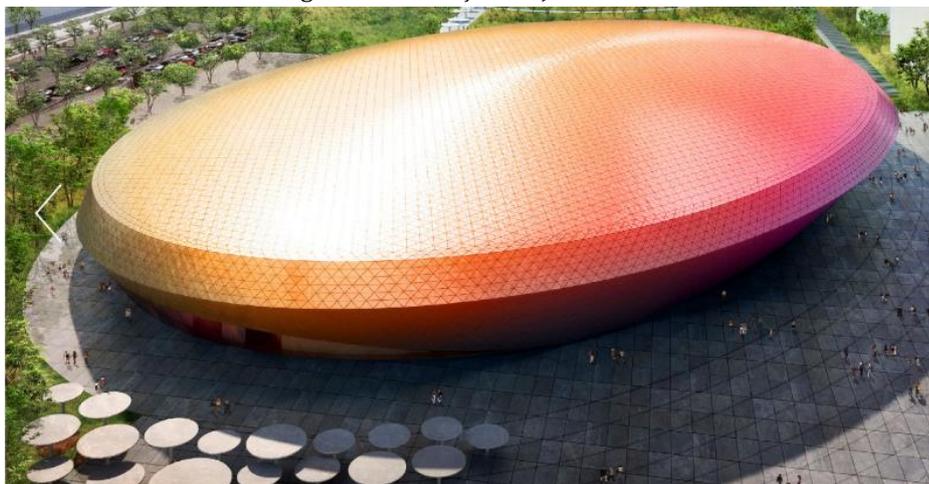
O arquiteto mexicano Fernando Romero, genro do internacionalmente conhecido empresário Carlos Slim, é proprietário do FR-EE, um escritório de arquitetura global e design industrial, sediado em Nova York e na Cidade do México, que em 2015 lançou um projeto arquitetônico de um centro de convenções para Ciudad Juárez. O projeto foi desenhado para servir como o

(...) instigador para a **revitalização** da área. O edifício é a pedra angular da visão: seu volume, forma elipsoidal e fachada metálica apartam o edifício, **um ícone para o futuro desenvolvimento e evolução de Ciudad Juárez**. O interior é projetado para ser o mais flexível possível e irá acomodar diferentes grupos de exposições e convenções com suas respectivas necessidades. O maior espaço, que também servirá como uma sala de concertos, é projetado para 5.000 pessoas. Todos os materiais e soluções arquitetônicas no edifício alcançaram os padrões LEED Gold (FR-EE, 2015, tradução livre, grifos nossos).

Juárez C.C. (figura 4), como seus designers o chamam, não é o primeiro projeto desenhado pelo FR-EE para Ciudad Juárez. Em 2001, o escritório propôs a construção de um “*Bridging Museum*” no coração do vale do Río Grande/Río Bravo para celebrar o fortalecimento dos laços entre Estados Unidos e México. Romero lançou a “filosofia” que orienta Juárez C.C. no livro “*Hyperborder: The Contemporary U.S.-Mexico Border and Its Future*” (ROMERO, 2008), um esforço de pesquisa bastante significativo sobre a fronteira México-Estados Unidos, que também poderia ser considerado como um material de “sondagem de mercado” para desenvolver outros projetos arquitetônicos para a

fronteira.²⁹ A obra caracteriza o espaço fronteiriço como um lugar dinâmico e promissor para diferentes tipos de negócios, particularmente aqueles vinculados ao setor imobiliário. Muitos outros projetos inovadores, propostos por diferentes arquitetos, desenvolvem concepções interessantes sobre o espaço fronteiriço e suas potencialidades especulativas (DPR-BARCELONA, 2011).

Figura 4: Ilustração do Juárez C. C.



Fonte: FR-EE, 2015

O centro de convenções é um dos que estiveram mais próximos de sair do papel, pois se refere a um projeto existente há mais de 15 anos na cidade, porém o custo da versão entregue por Fernando Romero, superior a 32 milhões de dólares, foi levantado pelo Conselho Coordenador Empresarial (CCE) como um obstáculo para sua execução. A questão orçamentária é uma possível resposta à pergunta “por que o ciclo de gentrificação não se fecha em Juárez?”, pois por se tratar de uma cidade pobre (SALAS, 2017), administrada por um Estado cada vez menos público que assume como prioridades as dos investidores privados na região, muitas vezes investimentos mais substantivos não podem ser efetuados pelo poder público.³⁰ O CCE estuda a possibilidade de adotar uma estrutura capaz de crescer por módulos, que demandaria um capital inicial reduzido (CORONADO, 2016). Desde seu surgimento, o projeto já mudou de localização três vezes, em função da falta de coordenação entre os três níveis de governo. A última localização, decidida em 2013, foi o ex-hipódromo/galgódromo de Juárez (fotografia 11), um terreno de 59 hectares onde o centro de convenções ocuparia apenas oito.

²⁹ O utópico projeto *Border City*, lançado em 2016 pelo FR-EE na *London Design Biennale* cujo tema foi “utopia”, é outro exemplo de projeto guiado pela “filosofia” de *Hyperborder*. Corresponde a um “*master plan*” hexagonal de uma cidade construída no meio do deserto, a oeste da mancha urbana de Ciudad Juárez e na fronteira com El Paso, Texas (MISRA, 2016).

³⁰ Outro fenômeno interessante que se refere mais diretamente ao centro histórico de Ciudad Juárez é a atuação de alguns “filantropos” que, interessados na recuperação do centro, compram alguns edifícios icônicos, porém deteriorados, para reativá-los, como é o caso do histórico restaurante *La Nueva Central* (já recuperado e em atuação) e do bar *La Fiesta* (em reparos), de propriedade do Sr. Francisco Yepo, um importante empresário local, bem como o *Cine Victoria*, atualmente bastante deteriorado, mas que foi comprado pelo Sr. Frank Devlyn, proprietário da rede de ópticas Devlyn.

Fotografia 10: Ex-hipódromo/galgódromo de Cd. Juárez



Foto: Larissa Santos, 2017

O Hipódromo de Ciudad Juárez é outra rugosidade sob ameaça na cidade. Durante os anos 1970, foi considerado um ícone do “progresso e glamour” na região fronteiriça (ORTEGA, 2011). Essa propriedade federal, concedida à gestão de diversos executivos nos últimos anos, fechou completamente suas portas em 2008, quando retornou às mãos do governo federal. Em agosto de 2009, os antigos funcionários do hipódromo fizeram uma greve porque suas indenizações e benefícios não haviam sido pagos após o fechamento do estabelecimento. Em 2010, o ex-presidente Felipe Calderón, durante visita à fronteira, prometeu reabilitar a propriedade e torná-la um espaço público capaz de recuperar “a glória de uma Juárez limpa e moderna” (CALDERÓN *apud* ORTEGA, 2011, tradução livre). Calderón anunciou um referendo chamado *Juárez propone* para descobrir o que os juarenses queriam que o ex-hipódromo se tornasse. As propostas variaram entre transformar as dependências do prédio em espaços esportivos, bibliotecas públicas, uma escola de artes, um museu ou um zoológico, com aproximadamente 44% dos votos relacionados a dependências esportivas, 29% usos culturais e 27% relacionadas a usos de entretenimento. Todas as propostas, entretanto, consistiram na suposição de que o prédio antigo, cuja construção custou aproximadamente US\$ 35 milhões de dólares, seria reabilitado e usado como um espaço público. Em 2011, o prefeito Héctor Murguía anunciou a demolição do prédio principal em função de um incêndio que este havia sofrido, ainda que apenas papéis houvessem sido queimados neste evento, não afetando em nada a estrutura do prédio (AMAYA e ARELLANO, 2016).

O caso do centro de convenções é bastante paradigmático em relação ao que Vanessa Vargas Hernández, ocupante da comuna *Xolombia*³¹, identifica como o maior problema do centro histórico: a especulação.

³¹ *Xolombia* é uma comuna e um espaço cultural localizado nos arredores do centro histórico de Ciudad Juárez, precisamente na Calle Colombia, inicialmente ocupado por jovens universitários, artistas de rua e ativistas políticos. O prédio (uma casa com estilo arquitetônico americano) foi abandonado e encontrado em condições muito deterioradas pelos primeiros ocupantes. Agora é um ambiente de encontro para

Esta situação de destruir para depois voltar a construir. Destruímos o que existe para voltar a extrair mais-valia e tornar rentáveis os espaços. Dizemos “isso já não serve” ou talvez os grupos de trabalhadoras sexuais já se apropriaram deste lugar, então é necessário tirá-las daí e torná-lo novamente bonito, né? Então no final o Estado não está fazendo coisas para as pessoas, não é? (HERNÁNDEZ, 2017, tradução livre).

A especulação imobiliária, por sua vez, não é um problema recente do centro. Já em 1988, o PPDUZC reconhece o potencial especulativo da zona centro, ao afirmar que o fato de o preço do solo na área central ser o mais elevado de toda a cidade se constituía como um

(...) limite de primeira ordem à ação governamental, impossibilitando a aquisição de solo. Por outro lado, se observam altos valores do solo em função do uso atual e seu potencial de acumulação em processo constante, características contrastantes com a qualidade das construções na área (MÉXICO, 1988, p. 26, tradução livre).

Em 1998, o PPCH identifica 61.451 m² de lotes subutilizados ou baldios na zona centro, “situação que representa um patrimônio subaproveitado (...) Claro que isso é sintomático de uma realidade subdesenvolvida e condicionada no produtivo e no mental, que inibe o espírito empreendedor” (IMIP, 1998, p. 147, tradução livre).

Mas afinal, o que todas essas tentativas fracassadas de investimento a longo prazo têm a nos revelar, para além dos limites político-institucionais do planejamento urbano em Ciudad Juárez? Nossa hipótese é a de que estes investidores ainda não encontraram atrativos suficientes para aplicarem seus capitais neste território, e isso é particularmente verdade para o centro histórico, onde temos observado avanços mais significativos através de intervenções de curto prazo, que se referem a um objetivo gentrificador no longo prazo. Além da Avenida Juárez (fotografia 9), a *calle* Ignacio Mariscal (fotografia 7), estigmatizada como “zona vermelha” de prostituição, foi “limpa” pelas intervenções recentes de “regeneração” do centro histórico³² (CASTAÑON & OROZCO, 2009), ressaltando outro caráter fundamental das políticas contemporâneas de “resgate” do centro: sua dimensão de limpeza social.

Este aspecto é importante na medida em que é a presença e resistência desses grupos indesejáveis que tem impedido o fechamento do ciclo de gentrificação. Estes grupos incluem as trabalhadoras sexuais e os artistas de rua, que têm no centro seu local de trabalho; os idosos, que têm no centro seu lugar de sociabilidade; e as pessoas em

movimentos sociais e políticos, um espaço cultural com atividades para comunidade local e um lar para muitos jovens e que estudam e/ou trabalham na cidade.

³² Obviamente, tais medidas não foram capazes de “erradicar” a prostituição do centro histórico; ao contrário, marginalizaram ainda mais as trabalhadoras sexuais para zonas ainda mais invisíveis, aprofundando a situação de vulnerabilidade à qual são submetidas.

situação de rua (homens, mulheres, crianças, pessoas com deficiência física e/ou mental), que têm no centro seu eventual “lar”. Entretanto, os grupos criminosos que aí desenvolvem atividades ilícitas são os principais agentes evocados pelas políticas de “regeneração” e limpeza social como os alvos a serem eliminados do centro por agentes públicos a partir do uso da força, como descrito no capítulo anterior, com a operação conduzida pelo Cel. Leyzaola a partir de 2011. A imagem estigmatizada de Ciudad Juárez, bem como a insegurança relacionada ao narcotráfico, que encontra na condição fronteiriça uma vantagem estratégica para o tráfico internacional de drogas, ainda mantém a classe média longe de demonstrar qualquer interesse em ocupar o centro. Como a questão da insegurança é um desafio de dimensões extraordinárias, a administração municipal tem buscado atacar a questão da imagem urbana, promovendo uma espécie de “maquiagem” capaz de esconder os problemas enraizados na história urbana de Juárez.

A proposta deste estudo foi fazer o caminho analítico oposto ao que chamamos de historicídio. A partir de um mergulho na história urbana recente de Ciudad Juárez, nos perguntamos como as autoridades responsáveis pelo planejamento urbano do centro têm abordado as rugosidades espaciais que caracterizam esta zona e que lhe atribuem um caráter único e singular. O que notamos é que as sucessivas tentativas de “revitalizar” o centro, cada uma à sua maneira, têm encontrado no argumento de renovação da imagem urbana o álibi perfeito para não atacar de frente os problemas mais profundos relacionado à degradação do centro, que estão relacionados à impossibilidade da realização da vida pública plena no centro histórico, longe da ameaça permanente imposta pela insegurança e consequente esvaziamento desta zona.

Nesse caminho, encontramos algumas possíveis respostas levantadas por diferentes agentes à questão de “por que nunca se consegue reabilitar o centro histórico?”. A primeira delas, está relacionada à falta de coordenação entre os três níveis de governo, sobretudo estadual e municipal, refletida na dificuldade em concretizar um projeto de refuncionalização da Zona Centro, formalmente em curso desde 1988. Apesar deste argumento apresentar um vasto respaldo empírico, é facilmente instrumentalizável pelos investidores privados que pretendem se apropriar ainda mais das funções públicas relacionadas ao planejamento urbano, alegando a ineficiência do Estado em comparação à dos agentes privados para gestão do território. Outra resposta comumente alegada é a questão orçamentária e a falta de dinheiro público que uma cidade subdesenvolvida teria para investir em obras de grande porte que tornassem o espaço do centro mais atrativo aos investimentos privados. Essa questão também esbarraria na anterior, uma vez que ainda que haja investimentos públicos, a máquina governamental mexicana, tal como se configura hoje, inviabiliza uma série de logros a partir de obstáculos políticos-institucionais vinculados a interesses próprios e pessoais dos agentes governamentais.

De acordo com nossa investigação, as duas respostas que melhor dão conta desta questão são, por um lado, o estigma territorial que hoje caracteriza Ciudad Juárez e, por

outro, a resistência dos “indesejáveis” que permanecem no espaço do centro impedindo sua valorização no mercado. Ambas as hipóteses se referem a rugosidades – isto é, resquícios de eventos anteriores da história urbana de Juárez que, assumindo novos traços e funções, se mantiveram no território. O historicídio e o alisamento do território correspondem aos métodos através dos quais se tem buscado forçosamente fechar um ciclo gentrificador que tem se realizado de maneira “bem sucedida” em diferentes cidades do mundo, tanto em países desenvolvidos, como nos emblemáticos casos de Nova York, Londres e Paris (CARPENTER & LEES, 1995), quanto em países subdesenvolvidos, como ocorreu no centro histórico de Puebla, México (JONES & VARLEY, 1999).

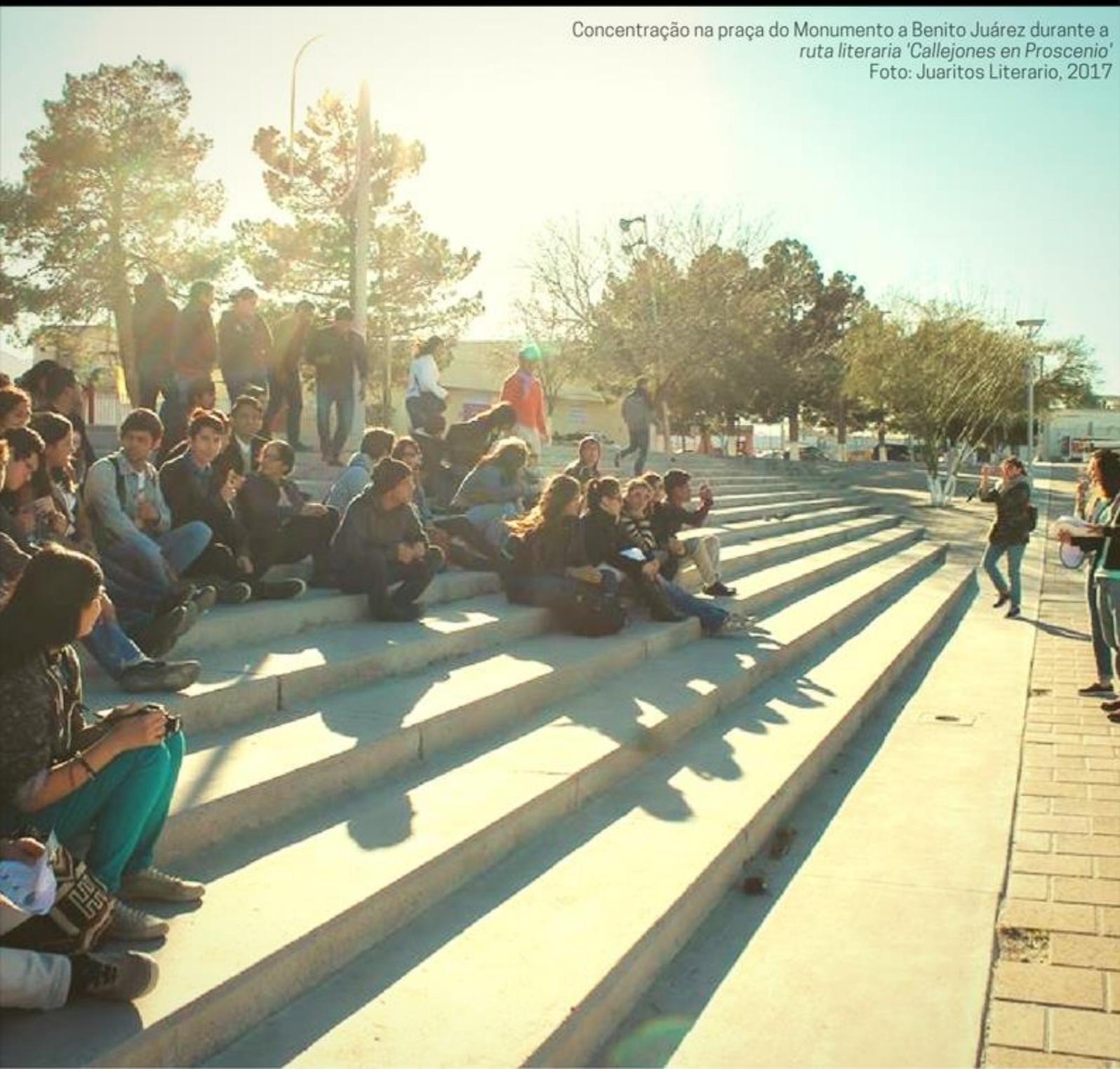
Por mais que estes investimentos de longo prazo não tenham logrado sucesso, não podemos afirmar que o projeto de gentrificação é um completo fracasso no centro histórico de Ciudad Juárez. O processo de valorização fundiária, sobretudo em casos marcados por um estigma tão consolidado historicamente, leva tempo. As intervenções “historicidas” de menor escala têm se efetivado ainda que a passos lentos, e os projetos para continuá-las seguem se delineando. Além disso, é importante ressaltar que este ciclo, ainda que se refira a um processo global, não opera uniformemente em todas as formações sócio-espaciais na escala internacional e mesmo nacional. Acreditar nisso seria cometer o mesmo erro dos planejadores que acreditam que a limpeza social e o apagamento da história – via destruição das rugosidades – são as alternativas mais viáveis para se alcançar um centro regenerado.

3

O PAPEL DAS RUGOSIDADES NA SUPERAÇÃO DE UM ESTIGMA TERRITORIAL

PROJETO 'CARTOGRAFÍA LITERARIA DE CIUDAD JUÁREZ'

Concentração na praça do Monumento a Benito Juárez durante a
ruta literaria 'Callejones en Proscenio'
Foto: Juaritos Literario, 2017



A leitura da paisagem enquanto elemento revelador de uma época e de uma cultura é uma ferramenta muito potente para tomar consciência do espaço e de sua dinâmica contemporânea de valorização (MORAES, 2005). O objetivo deste capítulo é analisar uma estratégia (das várias existentes) de apropriação do centro histórico proposta por um coletivo chamado *Juaritos Literario*, responsável pelo projeto *Cartografías Literarias de Ciudad Juárez*. Este coletivo tem desenvolvido uma base de dados *online* de obras literárias inspiradas pelos cenários de Ciudad Juárez, organizando-as por localização (na cidade) e por temas em um blog, através do qual veiculam reflexões produzidas por qualquer pessoa que tenha entrado em contato com Ciudad Juárez a partir de um texto literário. Gostaríamos de nos deter, entretanto, nas chamadas *rutas literarias*, que correspondem a caminhadas pelo centro histórico, guiadas por um mapa que reúne pontos de encontro entre os espaços de ficção e os espaços reais que compõem a geografia da cidade.

A ideia do coletivo é expandir as *rutas literarias* para além do centro histórico, alcançando diferentes regiões tratadas pelo vasto acervo literário a respeito de Ciudad Juárez, não obstante, as primeiras experiências partiram do centro. A experiência estética das caminhadas literárias propõe uma outra forma de se relacionar e de se apropriar das rugosidades do centro histórico, a partir do ato de caminhar e conhecer duplamente a cidade: através das páginas das obras selecionadas e pelos trajetos reais guiados por roteiros preparados pelo coletivo. Em meio a uma tendência generalizada “à esterilização que a mercantilização da cidade impõe aos espaços públicos” (BERTELLI, 2017, p. 18), a proposta das *rutas literarias* se constitui como uma intervenção estética de cunho político reivindicatório. Elas reclamam um lugar historicamente negado por uma sucessão de violências, como pudemos observar nos capítulos anteriores. Diferente das intervenções promovidas por coletivos de artes plásticas, que deixam uma marca visual na paisagem do centro histórico, a proposta do coletivo *Juaritos Literario* se preocupa em tirar proveito das marcas deixadas por outrem, seja nas páginas dos livros, seja no chão do centro, criando experiências que por sua vez marcam os participantes das *rutas*.

Ciudad Juárez é o paradigma urbano de um espaço de transição que se renova constantemente também a partir de sua literatura. Uma cidade dinâmica e ponto de encontro entre duas nações muito distintas, caracterizada pelo movimento de diferentes agentes que produzem essa cidade cotidianamente. A mobilidade da fronteira descreve um dinamismo presente nos textos que recriam a cidade, os quais se distinguem por sua rica intertextualidade e por um constante universo referencial na relação direta com o espaço que os juarenses habitam e podem ler diariamente. A redução simbólica à qual a imagem nacional e internacional de Juárez tem sido submetida é desafiada pela imagem literária da vida cotidiana na fronteira. Esta imagem traz consigo uma série de aventuras, mistérios, tensões e emoções que apontam para a formulação de uma imagem capaz de superar os estigmas. É verdade que algumas obras recriam os momentos violentos que a cidade atravessou nos últimos anos, entretanto, este tipo de experiência estética parte do

pressuposto que o esquecimento destes momentos não é o caminho mais razoável para enfrentar os desafios impostos por esta realidade de violência.

A proposta de resgate do patrimônio literário de Ciudad Juárez é indicada pelo coletivo *Juaritos Literario* como “peça chave para reconstrução da identidade regional” (JUARITOS LITERARIO, 2016). É diante dessa questão – a de reconstruir uma identidade – que o coletivo articula suas estratégias de intervenção na cidade, confrontados diariamente com uma realidade de segregação e estigma, bem como com a urgência de “inventar e fazer valer um modo de vida que ultrapasse o suportável” (BERTELLI, 2017, p. 14). É no sentido de desconstruir o discurso normativo acusatório e construir uma contra narrativa a partir das rugosidades que se organizam as experiências estéticas das *rutas literarias*. Na essência dessas estratégias, pulsa um conteúdo político que reivindica e tensiona o espaço público, a partir do ato “transgressor” de ultrapassar certos limites urbanos, outrora confiscados pela intensa violência que tem historicamente moldado a cidade. Ao mesmo tempo, epistemologicamente, observa-se um esforço cognitivo conduzido pelo coletivo para compreender estes espaços desde uma perspectiva relacional das dinâmicas urbanas, confrontando a paisagem com o texto literário em um contexto de coletividade, fora do qual as *rutas* não podem ocorrer.

Neste trabalho, as *rutas literarias* são entendidas como estratégias de reterritorialização dos territórios percorridos, capazes de atribuir um novo uso material e simbólico aos mesmos (HAESBAERT, 2014). O conteúdo destes territórios só se adquire através do uso, e o uso proposto pelo coletivo em questão envolve um processo de apropriação a partir do ato de caminhar e reconhecer essas paisagens. Este processo, mediado pelas obras literárias selecionadas, evidencia a relação intrínseca existente entre território e identidade, uma vez que ao desafiar a reclusão territorial produzida pela insegurança na cidade, essas práticas buscam resgatar uma identificação positiva dos caminhantes participantes das *rutas* com a cidade. A análise dessa prática local de resistência nos possibilitará conclusões valiosas a respeito de uma verdadeira superação da ideologia geográfica que tem orientado a produção de uma cidade como Juárez, historicamente conformada por diferentes tipos de violência, como pudemos observar nos capítulos anteriores.

Dessa forma, neste capítulo buscaremos tratar brevemente da relação do centro histórico com diversas manifestações artísticas, a partir de dois importantes símbolos atualmente impressos nas rugosidades do centro: o ator Germán Valdés, mais conhecido como Tin-Tan, e o cantor Juan Gabriel, também conhecido como o divo de Juárez. Em seguida, nos deteremos sobre a proposta do coletivo *Juaritos Literario* com as *rutas literarias*, mais precisamente em como estas sugerem uma forma diferente de lidar com as rugosidades do centro histórico. Por fim, a partir do caso do centro histórico de Ciudad Juárez, discutiremos o papel das rugosidades na construção de uma territorialidade libertadora capaz de efetivamente desafiar estigmas historicamente consolidados.

1. Os artistas e o Centro, a arte e o território

*“Juárez que viva por siempre, que viva su historia
que le ha dado gloria
que viva su gente”
Juan Gabriel*

Duas personagens fundamentais para a composição identitária do centro histórico de Ciudad Juárez são Tin-Tan e Juan Gabriel. O último tinha no primeiro um ídolo, ao qual rendeu diversas homenagens em seus concertos. Nenhum dos dois nasceu em Ciudad Juárez, ainda que tenham passado muitos anos de sua vida nesta fronteira. Dois *foráneos* – como se costuma dizer em Juárez aos que vêm de outros lados – que se imortalizaram nas ruas do centro histórico, seja através de pinturas que os referenciam em murais, monumentos em sua homenagem, edifícios ou casas. Esse é provavelmente um dos elementos que mais aproxima estes dois personagens do povo juarenses, constituído em grande medida a partir de ondas de migração que foram responsáveis pela construção e crescimento da cidade.

Germán Valdés nasceu em 19 de setembro de 1915, 75 anos antes do monumento a Tin Tan ser inaugurado em frente ao Mercado Juárez, em 1990. O Museu Tin Tan (fotografia 11), foi inaugurado em 2014 e reaberto em 2016 na *calle* Mariscal, zona que em um passado recente se caracterizava pela presença de prostíbulo de *puntos* de drogas (FIERRO, 2016). O projeto do centro cultural em sua homenagem, que custou cerca de 6 milhões de pesos ao governo federal e 350 mil ao governo municipal, faz parte do processo de refuncionalização do centro histórico ao qual nos referimos nos capítulos anteriores. A influência de Germán Valdés em Juárez é notável não apenas nas formas espaciais, como também nas práticas cotidianas dos *pachucos* – muito deles, pessoas idosas – nas ruas do centro. Nos fins de semana é comum encontrarmos pessoas vestidas ao estilo *pachuco* – calça bombacha, uma corrente pendurada ao lado e um chapéu com uma pena pendurada – dançando o famoso mambo *pachuco* (fotografia 12). O centro histórico é amplamente ocupado por essa faixa etária, que encontra nas ruas – durante o dia – e em ambientes como o café *La Nueva Central* (fundado em 1958) seus espaços de sociabilidade e convivência.

Fotografia 11: Mural do Museu Tin Tan, com bicicletas estacionadas durante “recorrido noturno” do coletivo *Fixie Beat* em Ciudad Juárez

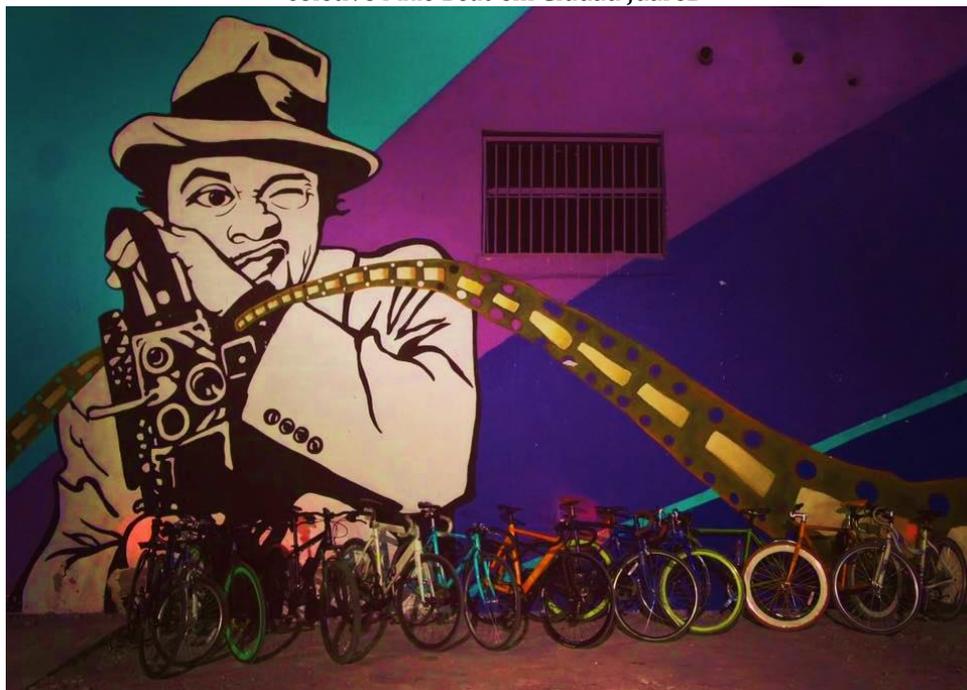


Foto: Cynthia Lopez, 2017

Fotografia 12: “Pachucos” dançando em frente ao Museu da Revolução na Fronteira



Foto: Larissa Santos, 2017

O *pachuco* nada mais é do que o “malandro” *fronterizo*³³, cujo estilo foi transformado por Tin Tan em mais do que uma moda, uma identidade para os marginalizados da fronteira. Trata-se da metáfora dos “*sin papeles*” que iam aos Estados

³³ Termos localmente utilizado para se referir ao modo de vida na fronteira norte do México.

Unidos – sobretudo a Los Angeles, Califórnia – na década de 1940 em busca de trabalho e acabavam por vezes se associando (ou principalmente sendo associados) às gangues criminosas (FIERRO, 2016). Além de comediante, Valdés também foi bailarino, cantor e diretor, conhecido por suas piadas de duplo sentido que o aproximava ainda mais do povo. O apelo popular de Tin Tan é ainda ressaltado pela escultura de corpo inteiro presente na *Plaza de Armas*, localizada no centro do centro histórico, como se pode observar na imagem de capa deste trabalho. Sentado sobre uma fonte em frente à *Catedral de Nuestra Señora de Guadalupe*, com seu chapéu e cigarro nas mãos, Tin Tan, o comediante do povo, encontra-se representado na condição de centralidade que ocupa no arcabouço cultural de Ciudad Juárez.

A identificação e apelo populares é um elemento que aproxima Tin Tan a Juan Gabriel, dois ícones tão importantes para o centro histórico. De acordo com o escritor *fronterizo* Willyvaldo Delgadillo,

A Juárez que aludia Juan Gabriel só existiu a partir do idílio que manteve com a cidade ao longo de seus anos. E exatamente nessa reinvenção se pode entender a aproximação identitária que criou com todo o marginal. Mais do que a controvérsia pela estética de suas composições, construiu uma pátria imaginária, na que conhecidos e estrangeiros acharam espaço (DELGADILLO, 2016, tradução livre).

Natural de Morelia, Michoacán, Alberto Aguilera Valadez iniciou sua carreira aos 16 anos cantando nos bares de Juárez em meados dos anos 1960 e início dos 1970, período de grande efervescência econômica e cultural nesta fronteira. Além do icônico *El Noa Noa*, bar da Avenida Juárez onde o cantor fez seu debut e inclusive lhe dedicou uma canção, ao longo dos anos 1970, o divo de Juárez foi considerado rei absoluto do *Maquilú* – como era popularmente conhecido o bar Malibú, salão de bailes frequentado pelas trabalhadoras das maquilas aos fins de semana. Autor da trilha sonora do coração de uma época, Juan Gabriel escreveu canções que reivindicavam a vida na fronteira e evidenciavam seu “apego incondicional aos submundos que habitam os abandonados do país” (DELGADILLO, 2016, tradução livre).

A morte de *Juanga*, como também era chamado Juan Gabriel, no ano passado gerou comoção generalizada na cidade, cuja geografia encontra-se profundamente marcada pelos passos do artista, que se encontra na vida cotidiana dos juarenses não apenas em suas canções – que no imaginário dos habitantes desta urbe se passam todas em Ciudad Juárez. Uma das estradas mais importantes da cidade leva seu nome. Bem como o Ginásio, localizado próximo à Grand Plaza Juan Gabriel, no cruzamento das *calles* Mariscal e Ignacio Mejía. Porém, sem dúvida, os referentes urbanos mais importantes associados a seu nome são suas casas (fotografia 13), que chegam a ocupar quarteirões inteiros. O fato é que seu nome é parte do vocabulário toponímico de Ciudad Juárez. Em agosto de 2017, o prefeito Armando Cabada desvelou uma placa de cimento com a marca das mãos e a

assinatura de Juan Gabriel (fotografia 14) como forma de inaugurar o *Paseo de las Estrellas* no centro histórico de Juárez (NOTIMEX, 2017).

Fotografia 13: Uma das casas de Juan Gabriel em Juárez, localizada na *calle Colombia*, com altar em homenagem ao cantor no jardim frontal

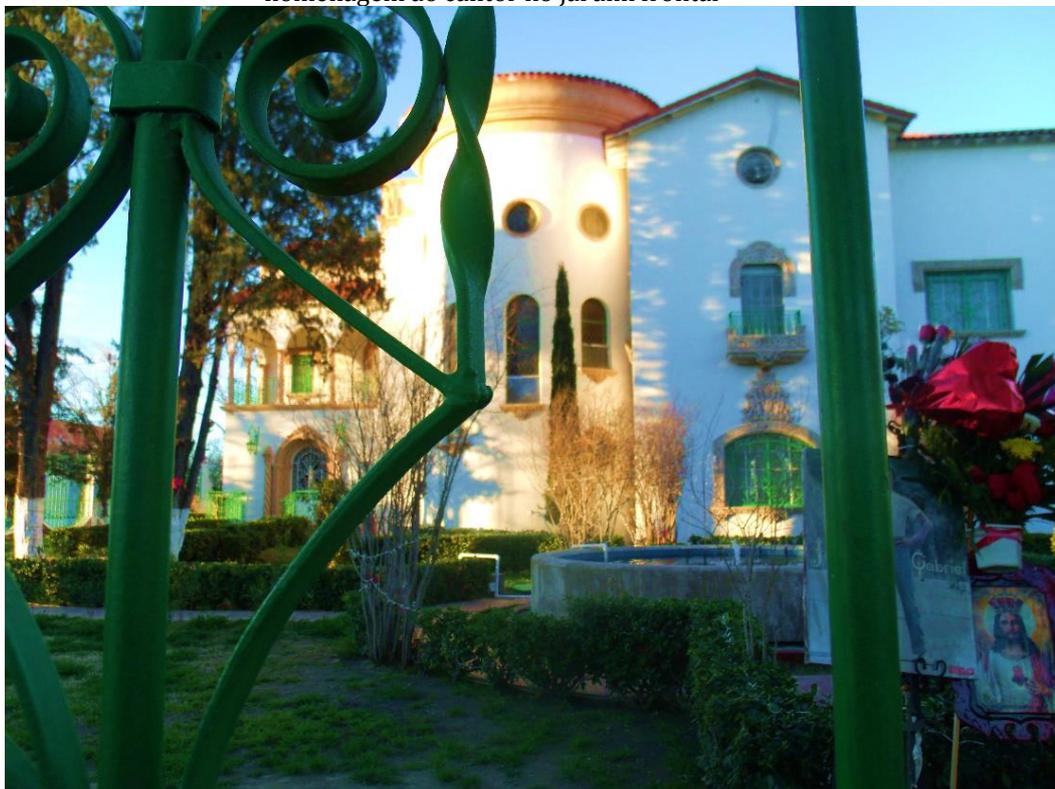


Foto: Larissa Santos, 2017

Fotografia 14: Inauguração do “*Paseo de las Estrellas*”



Fonte: Notimex, 2017

Além do apelo popular dos dois personagens mencionados, ambos tinham por característica a exaltação do modo de vida *fronterizo* em seus respectivos campos de atuação artístico. Esse modo de vida, historicamente associado à dificuldade e resiliência de um povo que, assim como esses artistas, chegaram a Juárez desde outros lugares em busca de oportunidades. Enquanto Tin Tan fazia piadas da vida incerta e arriscada dos *pachucos*, Juanga cantava a uma cidade fronteira em tempos políticos nos quais essa população era considerada como detentora de um “*déficit de mexicanidad*” e os migrantes eram vistos como traidores da pátria (DELGADILLO, 2016). Sempre ressaltando aspectos com os quais as camadas mais populares se identificavam, a arte destes dois ícones poderia ser chamada de uma estética das massas.

2. *Juaritos literario: a prática estética das “rutas literarias”*

As cidades são um conjunto de muitas coisas: memórias, desejos, signos de uma linguagem, são lugares de intercâmbios, como explicam todos os livros de história da economia, mas esta troca não é só de mercadorias, senão também de palavras, de desejos, de recordações (CALVINO, 1999, p. 6, tradução livre).

Desde março de 2016, o coletivo *Juaritos Literario* é formado por estudantes e acadêmicos, inicialmente da área de literatura, mas atualmente de outros campos disciplinares, como sociologia, história, filosofia e geografia. O objetivo primário do coletivo, com o projeto *Cartografías literarias de Ciudad Juárez*, é vincular os espaços de ficção que retratam Ciudad Juárez ao seu equivalente real dentro do traçado urbano. A tarefa que têm assumido é a de identificar e preparar objetos de estudo – as *rutas literarias* – com os quais seja possível “cenografar” o encontro de novos leitores com estes lugares. A coincidência espacial entre a cidade real e imaginária é o ambiente deste encontro. Por isso, o permanente movimento entre ficção e realidade, arquivo e repertório, leitura e aventura, se mostra tão vital.

A coincidência entre o literário e a paisagem urbana, perceptíveis através da experiência das *rutas literarias*, desempenha distintas funções. A cidade enquanto lugar percorrido diariamente, em contínuo movimento e transformação se compõe de elementos arquitetônicos e urbanísticos que são rastreáveis pela literatura. Por exemplo, a visita aos antigos bares da *calle* Ignacio Mariscal por parte de um personagem de um conto – como é o caso de “*Callejón Sucre*” (1994), de Rosario Sanmiguel – se mostrou como uma oportunidade de criar um *link* entre a leitura e a visita ao atual corredor desta rua, que imediatamente, do ponto de vista visual, não guarda memória do que já foi. Esta é uma das obras que influenciou a elaboração da primeira *ruta literaria* (figura 5), realizada em dezembro de 2016 e reprisada em abril de 2017, a partir de uma caminhada pela Avenida Juárez e pela *calle* Ignacio Mariscal. Outro exemplo, que também inspira a primeira *ruta literaria*, é a voz do eu lírico do poema “*Bar Papillón*” (2001), de Jorge Humberto Chávez, que segue os passos de uma musa inspiradora até encontrá-la finalmente em um bar da Avenida Vicente Guerrero.

Nem sempre as referências são tão diretas. Por vezes, a narrativa literária recorre aos componentes citadinos de maneira metonímica, como faz o dramaturgo Antonio Zuniga em sua obra *“Juárez Jerusalem”* (SHILLOP, 2013) com a *rutera* – como são popularmente conhecidos os ônibus em Juárez. Esta atua como um símbolo de movimento em direção a uma industrialização acelerada, para se referir a dinâmicas sócio-espaciais bem conhecidas pelos usuários do transporte público na cidade. A obra de Zuniga serviu de inspiração em um dos pontos de parada da segunda *ruta literaria* (figura 6), realizada em fevereiro de 2017 e baseada inteiramente em peças teatrais.

O coletivo se orienta por cinco grandes linhas de ação (anexo III). A primeira delas é a leitura como prática cidadã. Segundo Julio Cortázar, o leitor “ao descobrir por fim a seus próprios autores, dá um passo adiante no descobrimento de sua própria identidade cultural” (CORTÁZAR, 1984, p. 42). Nesse sentido, o coletivo assume que a produção escrita **de** e **sobre** Ciudad Juárez deve ser conhecida em seu lugar de inspiração.

Em segundo lugar está a criação de um repositório documental, isto é, uma base de dados que armazene e difunda as obras. O blog *Juaritos Literario* inclui a digitalização do patrimônio literário em forma de texto e áudio, visando a conformar um acervo que reúne toda a produção escrita que tenha retratado Ciudad Juárez.

A terceira linha se refere à memória urbana, isto é, como tem se desenvolvido esta metrópole. A antiga *Paso del Norte* já foi de tudo: missão, presídio, refúgio e capital do país. A coordenada temporal dá sentido e continuidade ao desenvolvimento espacial da urbe e por isso se faz tão necessário um permanente esforço de revitalização destas memórias.

A quarta linha de ação, na qual gostaríamos de nos deter com mais profundidade, é a cartografia literária. De acordo com o coletivo, a melhor forma de valorizar o patrimônio literário de uma região é percorrendo-a na leitura. A emoção de cada página oferece a primeira pista para traçar o caminho entre um espaço de ficção e sua localização real. Seus “mapas” (figuras 5 e 6) atuam como guia para realizar as *rutas literarias* por Ciudad Juárez. A seguinte citação, extraída da obra *“Maps of Imagination: The Writer as a Cartographer”* (2004) do escritor estadunidense Peter Turchi, é muito significativa a respeito da forma que o coletivo instrumentaliza a cartografia para atingir seus objetivos:

Organizamos a informação em mapas com o fim de visualizar o conhecimento em uma nova conformação. Como resultado, os mapas sugerem explicação; e enquanto simplificam trabalhos cotidianos, também nos inspiram a formular mais perguntas, a considerar outras possibilidades. Pedir um mapa quer dizer: “me conte uma história” (TURCHI, 2004, p. 11, tradução livre).

A questão que subjaz à elaboração de uma cartografia literária de Ciudad Juárez é: em quais espaços físicos, virtuais ou imaginários está depositado o patrimônio literário

de Ciudad Juárez? Essa pergunta conduz a decifrar um processo de autorreconhecimento e de elaboração de consensos sobre lugares comuns, tanto da tradição literária da metrópole como das paisagens emblemáticas do tecido urbano juarense. Nesse sentido, os membros do coletivo estudam a herança literária subjacente aos textos antes de projetá-la fora deles e torná-la acessível aos residentes da cidade. Esses descobrimentos são progressivamente disponibilizados em uma plataforma online na forma de posts em um blog, que atua de modo a reunir e organizar os conteúdos produzidos, incluindo para além das obras digitalizadas na íntegra, pedaços de análises críticas, porém acessíveis, destes textos, permanentemente confrontados com os espaços que retratam. A classificação destes conteúdos é geograficamente orientada a partir de quatro categorias: coordenadas, que se referem a lugares específicos da cidade, onde se localizam as referências; lugares insígnia ou *landmarks* da fronteira; símbolos; e processos, tanto de mobilidade quanto de mudança.

Quadro 1: Estrutura dos conteúdos blog *Juaritos Literario*

Coordenadas	Lugares insígnia/ <i>landmarks</i>		Símbolos	Processos
	Interiores	Exteriores		
Av. 16 de Septiembre, Av. López Mateos, Avenida Juárez, Bar Papillon, Bellavista, Catedral de Nuestra Señora de Guadalupe, Club 15, El Chamizal, El Diario, El Paso, El Recreo, Hotel Juárez, La Chaveña, La Mariscal, Librería Acapulco, Los Herrajeros, Mercado Juárez, Misión de Guadalupe, Monumento a Benito Juárez, Parque Borunda, Plaza de Armas, Presidencia Municipal, Río Bravo, Segundo Barrio e Zona Pronaf.			Água/rio	Contratação
	Aduana	Cidade	Arame farpado	Cruzamento (da fronteira)
	Aeroporto	Centro	Arma	Deportação
	Bar	Deserto	Bebida/cerveja	Ecosistema
	- Baile	Fronteira	Música	Feminicídios
	- Barra/mulher	<i>La línea</i>	<i>Migra</i> (polícia migratória)	Fundação
	- Cantina	Parque	Pó	Linguagem
	Hotel	Rio	Ponte	Migração/chegada
	Maquila		Transporte - <i>Ruta</i> - Taxi - Trem	Morte
	Necrotério			Narcotráfico
			Vida cotidiana	

Elaboração própria, 2017

A quinta e última linha de ação explica em grande medida o apoio que o coletivo recebeu por parte da administração pública municipal e estadual, pois se refere expressamente à imagem da cidade. A “imaginação geográfica” é colocada pelo coletivo como elemento que nos permite compreender a relação entre o espaço urbano, a própria biografia de cada cidadão e as transações com o entorno. “Tomar consciência de nosso

Figura 6: Segunda ruta literaria, "Callejones en Proscenio" (2017)



Fonte: *Juaritos Literario*, 2017

O contexto de tomada dos espaços públicos pelo narcotráfico e pelo Estado, através das estratégias de militarização tratadas no primeiro capítulo deste trabalho, tornam as propostas de ação de coletivos como Juaritos Literário ainda mais desafiadoras. O ato de se organizar para sair às ruas, por si só, constitui uma forma de lutar contra a “psicosfera do medo” (MELGAÇO, 2010, p. 106) que tem tomado a cidade sobretudo desde os anos 1990, condicionando ações e alterando formas. Ademais dos diversos movimentos e coletivos culturais que tomam como bandeira a apropriação e a criação de espaços públicos em Ciudad Juárez, encontramos ao longo dessa investigação alguns outros grupos que lutam pelo direito à mobilidade nesta fronteira. Destacamos, para além das *rutras literarias*, o trabalho do coletivo ciclista *Fixie Beat* e as caminhadas inspiradas pelo movimento global *Jane’s Walk*.

O *Coletivo Fixie Beat* (fotografia 15), além de organizar passeios coletivos em bicicleta pela cidade, difunde os benefícios ambientais e de saúde do uso da bicicleta como meio de transporte alternativo em uma cidade completamente planejada para os automóveis. Com frequência também denunciam as condições de insegurança às quais os ciclistas são particularmente submetidos na cidade. Já os passeios de *Jane’s Walk* são parte de um movimento menos centralizado em Juárez, uma vez que se referem a uma proposta global inspirada pelo trabalho da urbanista Jane Jacobs, principalmente em sua obra *The death and life of great American cities* ([1961] 1992). Trata-se de um coletivo que encoraja pessoas no mundo inteiro a compartilhar suas histórias sobre seus bairros, descobrir aspectos de suas comunidades e usar o caminhar como forma de se conectar com seus vizinhos. Pode ser organizado por qualquer pessoa interessada em conduzir uma caminhada pela cidade, a partir de um cadastro na plataforma *online* do *Jane’s Walk* com mais detalhes sobre a caminhada como ponto de encontro, pontos de parada, objetivos etc.

Fotografia 15: Coletivo *Fixie Beat* em percurso pelo Centro Histórico, ao fundo o *Museo de la Revolución en la Frontera*

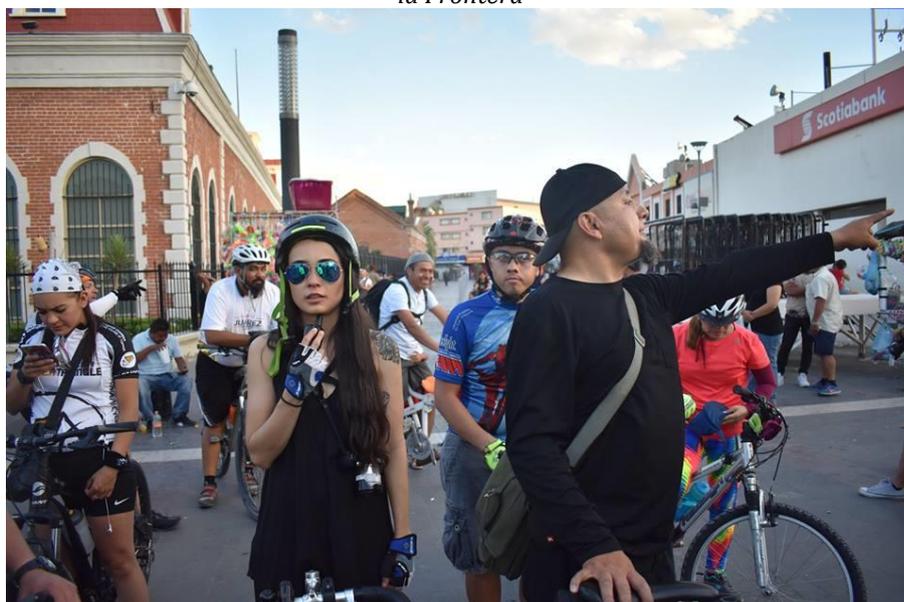


Foto: Alex Sarellano, 2017

Uma das caminhadas em Juárez foi organizada por Carolina Rosas, uma das idealizadoras do projeto *Bazar del Monu*, um bazar cultural que acontece quinzenalmente no Monumento a Benito Juárez, e por Vanessa Vargas, ocupante da comuna *Xolombia*, e teve como roteiro a seguinte proposta:

Iniciaremos nosso recorrido no Parque do Monumento a Benito Juárez, no centro histórico de nossa cidade, onde se estará levando a cabo *El Acustikazo*. Daí partiremos ao *Museo Espontaneo de Arte Contemporaneo*, caminharemos pelos becos do bairro Partido Romero enquanto conversamos sobre como foi o bairro, como é agora, como desejamos que seja e o mais importante: o que estamos fazendo para ele? Posteriormente chegaremos à *Xolombia: Espaço Cultural Fronterizo*, para conhecer sua proposta, descansar e aprofundar nossas emoções e sensações durante o passeio. Finalmente regressaremos ao Monu para conviver enquanto escutamos o som de músicos locais (HEIMPEL, 2016).

A realização das caminhadas *Jane's Walk* resultou na construção do laboratório de urbanismo colaborativo *De.siertos Andantes*, que desenvolve uma série de atividades de apropriação do espaço público em Ciudad Juárez. O coletivo se autodefine como “um grupo de agitadores urbanos que buscam uma mudança na forma de fazer a cidade por meio de ações reflexivas para reivindicar o direito ao espaço” (DE.SIERTOS ANDANTES, 2017, tradução livre).

3. Resistir desde uma territorialidade dissidente: a importância das rugosidades

A proposta de sociabilidade que subjaz às duas estratégias supracitadas – dos coletivos *Fixie Beat* e *De.siertos Andantes* – é compartilhada pela ideia das *rutas literarias*, de modo que as três experiências constituem-se desde a sua concepção enquanto articulações simbólicas coletivas, isto é, que constroem suas representações a partir de uma dinâmica intersubjetiva (GOFFMAN *apud* DREW & WOOTTON, 1988). O processo de reconhecer e se apropriar destes espaços, consagrado pela prática estética do caminhar/pedalar pela cidade, não se dá individual e verticalmente, mas a partir de uma mobilização conjunta, que traz à tona modelos de espacialização da cidade que provocam inquietações e distúrbios nas distribuições hegemônicas. Este processo produz nos atores envolvidos em tais experiências estéticas o que chamamos de territorialidade dissidente, isto é, uma forma de usar o território que diverge dos propósitos hegemônicos de refuncionalização gentrificadora do centro.

Estas práticas, sempre gratuitas e abertas ao público, desafiam a lógica de apropriação material daquilo que possa alimentar os interesses mercantis. Não podemos negar, entretanto, os limites que estes coletivos enfrentam em romper com uma estrutura urbana centralizada na cultura do automóvel, na retração social à esfera da família, sedimentada pelos anos de terror e medo que assolaram esta fronteira, e também na falta de disponibilidade para o lazer e o descanso, consolidada pelas condições esgotadoras de trabalho que caracterizam a indústria maquiladora.

Para além do sentido coletivo desta territorialidade dissidente produzida pelas *rutas literarias*, sua particularidade reside na mediação exercida pelo patrimônio literário local, que atua de modo a produzir processos específicos de singularização estética. Tais processos reconfiguram linguagens e âmbitos coletivos, que passam a se exercer no espaço público das ruas, vielas, praças, bares e museus, passando novamente a ganhar vida. Essa revitalização promove uma reviravolta simbólica no plano político, uma vez que reivindica – ainda que sem vocalizar nesses termos – a possibilidade de interlocução e de produção de narrativas alternativas sobre os lugares percorridos, através de um reconhecimento de um patrimônio de dimensão literária, histórica e geográfica. A criação de outros imaginários, alternativos aos estigmas historicamente consolidados, é entendida inseparavelmente da materialidade sobre a qual circulam. Essa nova forma de experiência estética toma a palavra e afirma a positividade, as possibilidades e competências de Ciudad Juárez, iniciando sua atuação pelo centro histórico – um microcosmo de um conjunto de processos enfrentados pela cidade nos últimos anos repleto de rugosidades que atuam com centralidade na dinâmica das *rutas literarias*. Ao mesmo tempo, o teor crítico e reflexivo do projeto não deixa margem para uma idealização dos espaços percorridos, uma vez que o patrimônio literário em questão retrata amplamente episódios de violência e sofrimento.

Apesar das diferentes mobilizações mencionadas e das intensas manifestações sociais e culturais aí presentes, o centro histórico continua repleto de lugares inacessíveis para a maioria dos que transitam por ele. Os lugares que supostamente cumprem de maneira mais segura a função da convivência social em Ciudad Juárez atualmente são as *plazas* – shopping centers – onde, por sua vez, “não há uma verdadeira convivência no sentido de compartilhar a vida pública, pois a qualidade desta acabou se deslocando a zonas de “mais acessibilidade e segurança” (CARPIO, 2010, p. 12, tradução livre). A produção de uma territorialidade capaz de libertar Ciudad Juárez e particularmente o centro histórico da ideologia geográfica que os estigmatiza, se refere à transgressão da proposta de uma vida pública árida e empobrecida mediada pelo consumo, como sugerem projetos de refuncionalização pautados no alisamento do território, abordados no capítulo dois.

O processo de estigmatização, isto é, a criação de um imaginário negativo que justifica um conjunto de ações políticas, atua em nível global, estabelecendo-se como um processo de geração de desigualdades que polariza diferentes partes do mundo. Ou seja, existem implicações materiais decorrentes deste processo essencialmente simbólico da criação de ideologias territoriais. Como aponta Moraes, ainda que muitas reflexões espaciais não sejam nomeadas como geográficas, “é através delas que a geografia material do planeta vai sendo desenhada”, e moldar/idealizar uma imagem para determinado espaço é “um dos condutos mais eficazes de poder” (MORAES, 2005, p. 33).

As ideologias territoriais, entretanto, “alimentam tanto as concepções que regem as políticas territoriais do espaço, quanto a autoconsciência que os diferentes grupos

sociais constroem a respeito de seu espaço e de sua relação com ele” (MORAES, 2005, p. 44). Uma territorialidade dissidente, portanto, também é influenciada e impulsionada pelas ideologias que temos tratado desde o primeiro capítulo. Para além dos documentos diretamente relacionado ao planejamento territorial, a literatura é outra plataforma de construção e veiculação de representações do espaço.

A proposta das *rutas literarias*, de confrontar os textos com os espaços por eles representados por meio de um processo de apropriação do espaço público a partir de caminhadas coletivas, constitui-se em uma prática estética que se propõe a reimaginar. Nesse contexto, a imaginação se torna um “campo organizado de práticas sociais, uma forma de trabalho e uma forma de negociação para todas as formas de agência” (GUTIÉRREZ, 2010, p. 74). O confronto diário com a segregação e o estigma que caracteriza particularmente o centro histórico sinaliza a “urgência de inventar e fazer valer um modo de vida que ultrapasse o suportável e se aproxima ao máximo do justo e desejável” (BERTELLI, 2017, p. 15). A ruptura com uma ideologia geográfica estigmatizadora só pode ser produzida a partir de uma consciência despertada pelos conteúdos identitários inerentes a este território. Essa consciência é ativada pelo contato contundente com estas rugosidades, proposto pelas *rutas literarias* acima mencionadas.

As ideologias territoriais têm uma importância fundamental em países subdesenvolvidos, que são constituídos por espaços derivados (SANTOS, [1971] 2009), isto é, fruto de uma expansão que lhes é externa e organizada em função dos interesses das grandes potências. Como pudemos observar no capítulo dois, a construção de uma ideologia geográfica estigmatizadora atua como eixo central na justificativa de um conjunto de medidas reparadoras que intervêm diretamente na produção de novas formas espaciais no centro histórico.

As rugosidades, por sua vez, materializam localmente nexos globalmente articulados, uma vez que correspondem a resquícios de momentos anteriores de uma divisão internacional do trabalho que, no caso de Ciudad Juárez, se manifesta a partir de uma exacerbação das políticas neoliberais. Desvendar estes nexos é uma possibilidade que se desenha quando os sujeitos em questão se dão conta de que são capazes de ler a paisagem e ter nela um elemento revelador de uma época, de uma cultura (MORAES, 2005) e das relações de poder que historicamente a constituem.

No caso do centro histórico, notamos que além da existência de uma maior disponibilidade de rugosidades – o que explica em grande medida sua escolha como laboratório inicial das *rutas literarias* – estas são fortemente influenciadas pela arte popular e por seus ícones. Isso denota a inclinação histórica desta zona ao entretenimento e à vida pública, elementos que se reivindicam na prática estética das *rutas literarias* através de um processo duplo: de resgate do patrimônio literário da cidade e de apropriação das rugosidades a partir de um uso público – amplamente negado pelas diferentes formas de violência que a cidade tem enfrentado – dos lugares que estas ocupam.

A confrontação do texto com a realidade materializada nas rugosidades potencializa a capacidade de uma mobilização política que reivindique a virtual aparição de outra cidade possível. Essa potência reimaginativa do território é endossada pelo caráter coletivo e público dessas práticas estéticas, que se propõem expressamente a promover uma “identidade regional” (JUARITOS LITERARIO, 2016) a partir do que Moraes chama de “consciência do espaço” (2005, p. 27). A identificação de um vínculo cognitivo indissociável entre o escrito e o observado *in situ* abre caminhos não apenas para a criação de novas representações destes lugares, mas à constituição de territorialidades dissidentes e efetivamente capazes de romper com uma ideologia geográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo compreender que tipo de abordagem deve ser dada às rugosidades espaciais para se obter uma efetiva superação de ideologias geográficas que têm caracterizado Ciudad Juárez tanto nacional quanto internacionalmente desde o início do século XX. Essa preocupação se justifica pela consciência de que uma concepção estigmatizada dos lugares, como acontece com o centro histórico de Ciudad Juárez, influencia diretamente não apenas a maneira como esse território será gerido pelo Estado, como também o tipo de relação que os sujeitos que por aí passam cotidianamente estabelecerão com o mesmo, como sugere Moraes (2005). Nesse sentido, buscamos, antes de tudo, caracterizar os diferentes estigmas territoriais que marcaram Ciudad Juárez ao longo do século XX enquanto ideologias geográficas, isto é, construções discursivas que orientaram, de um lado, as políticas formuladas para a Zona Centro ao longo deste período, e de outro, a autoconsciência que diferentes grupos sociais construíram a respeito do centro histórico.



A partir da periodização dos estigmas, desprendemos que o processo de degradação simbólica que ocorre nesta metrópole, e particularmente em seu centro histórico, acompanha o movimento que, de acordo com Santos ([1978] 2004), ocorre com as rugosidades espaciais. Os diferentes estigmas mencionados no primeiro capítulo não foram sucessivamente substituídos por novos em cada um dos períodos identificados. De alguma forma, aspectos da “cidade dos feminicídios” se perenizaram no imaginário que caracteriza a cidade em contexto nacional e sobretudo internacional, endossando ainda mais o caráter perverso da “cidade do narcotráfico”, por exemplo.

É importante ressaltar que o processo de produção ideológica que trabalhamos nesta reflexão não apresenta uma dinâmica uniforme em outros contextos que também sofrem com a estigmatização territorial. As diferentes paisagens resultam de tramas históricas de múltiplas determinantes, referentes a suas diferentes dinâmicas sócio-espaciais. Além disso, não é possível afirmar a perenidade eterna dos estigmas sobre Ciudad Juárez, uma vez que, como pudemos observar, existem narrativas alternativas que disputam novos significados para o centro histórico.

Em seguida, no capítulo dois, nos dedicamos a, a partir de uma análise documental dos projetos de intervenção no centro histórico nos últimos 30 anos, caracterizar a abordagem que o Estado tem dado a esta zona com o objetivo de lidar com estes estigmas. Uma recorrência fundamental encontrada nesta análise foi o argumento de “renovação” e “recuperação” da “imagem urbana” do centro histórico, com objetivos alegadamente relacionados a uma “reativação econômica” do mesmo. A partir de uma contextualização destes documentos, pudemos observar que o projeto de refuncionalização desta zona foi amplamente amparado pelas ideologias geográficas descritas no primeiro capítulo.

Em termos de aplicação, os projetos enfrentaram inúmeras dificuldades político-institucionais para se concretizarem, sobretudo em função da falta de coordenação existente entre os diferentes níveis de governo. O “historicídio” via alisamento do território, implicitamente situado na base dos argumentos de renovação da imagem urbana, se mostraram como outro ponto comum entre os planos, que atribuíam à memória – marcada pelos estigmas – uma condição absolutamente marginal na estruturação das intervenções propostas. A partir dessa análise, pudemos perceber que os estigmas territoriais têm ainda a possibilidade de retirar direitos de certos grupos associados negativamente a estes territórios, considerados agentes de degradação, para dar lugar aos agentes que supostamente têm a capacidade de usufruí-los de maneira mais satisfatória.

Por fim, a partir do projeto *Cartografías Literarias de Ciudad Juárez*, pudemos concluir que a efetiva superação de uma ideologia geográfica passa necessariamente por um processo “reimaginativo” que atribui centralidade à consciência do espaço por meio da memória. A emergência do que chamamos de territorialidades dissidentes, isto é, de uma relação com o território que não seja primariamente mediada pelo consumo, mas por

uma apropriação coletiva capaz de ressignificar os territórios, encontra-se intimamente conectada à reivindicação destes espaços enquanto portadores de conteúdos históricos passíveis de serem apropriados por qualquer pessoa que os percorra. Para que isso ocorra, o direito a percorrer é condição básica, e é exatamente neste ponto onde reside a potência política de movimentos que reivindicam a possibilidade de construir novas narrativas a respeito do centro histórico a partir do que o mesmo já oferece por meio de suas rugosidades. A indissociabilidade entre a possibilidade de reconstruir narrativas e o direito a acessar fisicamente estes territórios, perceptível no caso do coletivo *Juaritos Literario* e em outras práticas de resistência aqui mencionadas, é uma evidência da dimensão material e imaterial dos processos de produção ideológica aqui estudados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMODÓVAR, A. 'El racismo del que no se habla, la cuestión Tarahumara en Ciudad Juárez'. *La Izquierda Diario*, 9 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.laizquierdadiario.com/El-racismo-del-que-no-se-habla-la-cuestion-Tarahumara-en-Ciudad-Juarez>>. Acesso em 26 out. 2017.

AMAYA, S. D. and ARELLANO, J. D. A. *Patrimonio de Ciudad Juárez Hipódromo y Galgódromo*, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nIWzEKKt9Vk>>. Acesso em 14 abr. 2017.

ANTAS JR, R. M. Notas sobre o uso do conceito de Circuitos Espaciais Produtivos para estabelecer o nexu entre a Reestruturação Urbana e as Refuncionalizações do Espaço: um estudo sobre os fixos de saúde no Estado de São Paulo. *Anais do XIV Encontro Nacional da ANPUR*, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://ricardoantasjr.org/wp-content/uploads/2012/03/notas-sobre-refun-reestr.pdf>>. Acesso em 12 out. 2017.

ARENDRT, H. *The origins of totalitarianism*. San Diego: Harcourt, Inc., 1968.

ARTEAGA, R. C. 'Tarahumaras presos viven "calvario" en Estados Unidos'. *Racismo Ambiental*, 16 fev. 2017. Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2017/02/16/tarahumaras-presos-viven-calvario-en-estados-unidos/>>. Acesso em 25 out. 2017.

BARBA, G. O. *Participación Política y Administración Municipal: el Caso de Ciudad Juárez (1980-1989)* [dissertação de mestrado], Ciudad Juárez: El Colegio de la Frontera Norte, 1990. Disponível em: <https://www.colef.mx/posgrado/wp-content/uploads/files/Tesis%20MDR_Gerardo%20Manuel%20Ordonez%20Barba.pdf>. Acesso em 07 set. 2017.

BARRIOS, D. R. *Las ciudades imposibles. Violencia, miedos y formas de militarización contemporánea en urbes latinoamericanas: Medellín – Ciudad Juárez*. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Estudios de Posgrado, 2014.

BEJARANO, C. 'Las súper madres de Latinoamérica', *Frontiers*, n. 23, n. 1, pp. 126-150, 2002.

BERNDT, C. 'Assembling market b/orders: violence, dispossession, and economic development in Ciudad Juárez, Mexico', *Environment and Planning A*, n. 45, pp. 2646-62, 2013.

BERTELLI, G. B. Introdução. In: BERTELLI, G. B. & FELTRAN, G. S. (orgs.) *Vozes à margem: periferias, estética e política*. São Carlos: EDUFSCAR, pp. 13-18, 2017.

BOUDIEU, P. 'Effects of Place'. In: BOURDIEU, P. *et al. The Weight of the World*, Cambridge: Polity Press, pp. 123-129, [1993] 1999.

BOURGOIS, P. 'The Power of Violence in War and Peace: Post-Cold War Lessons from El Salvador', *Ethnography*, v. 2, n. 1, pp. 5-34, 2001.

BOWLING, B. 'The rise and fall of New York murder: zero tolerance or crack's decline?' *British Journal of Criminology*, v. 39, pp. 531-554, 1999.

CABAÑAS, M.A. 'Narcoculture and the Politics of Representation' *Latin American Perspectives*, v. 41, n. 2, pp 3-17, 2014.

CALVINO, I. *Las ciudades invisibles*. Madrid: Unidad Editorial, 1999. Disponível em: <http://www.doooss.org/libros/ciudades_invisibles_Italo_Calvino.pdf>. Acesso em 23 out. 2017.

CARPENTER, J. & LEES, L. 'Gentrification in New York, London and Paris: An International Comparison'. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 19, n. 2, pp. 286-303, Jun. 1995.

CARPIO, E. M. Introdução. In: *Relatos de la memoria: la erosión del centro histórico en la ciudad fronteriza*. Ciudad Juárez: Editora UACJ, pp. 7-12, 2010.

CASTAÑEDA, C. E. *Las lecciones de Ciudad Juárez: Herramientas personales para una crisis*. Ciudad Juárez: Editorial Hibribooks, 2015.

CASTAÑÓN, A. & OROZCO, B. E. C. Tirarán edificios en la Juárez. Plan de remodelación del Centro incluye demolición de varios bares y discotecas de esa avenida. *El Diario*, Ciudad Juárez, Chih., p. 3, sección A, 07 fev. 2009.

CASTAÑÓN, A. 'Crearán patronato para rehabilitar el centro histórico'. *El Diario*. 21 fev. 2017 [online]. Disponível em: <http://diario.mx/Local/2017-02-20_edf4b7f3/crearan-patronato-para-rehabilitar-centro-historico/>. Acesso em 07 set. 2017.

CD. JUÁREZ. Problemática del centro de la ciudad hasta 1989: Programa Nuestro Centro, 1989.

CHAPARRO, L. 'If Ciudad Juárez is back, why haven't the killings stopped?' *Vice News* 25 Jun. 2014. Disponível em: <<https://news.vice.com/article/if-ciudad-juarez-is-back-why-havent-the-killings-stopped>>. Acesso em 08 mar. 2016.

CHÁVEZ, J. H. *Bar Papillón*. Ciudad Juárez: Sociedad de la mano fría Editores, 2001.

CHÁVEZ, M. Á. *Policía de Ciudad Juárez*. Ciudad de México: Editorial Oceano, 2012.

CORONADO, M. 'Regresan centro de convenciones a fase de planeación'. *El Diario de Juárez*, 23 Nov. 2016. Disponível em: <http://diario.mx/Local/2016-11-22_c45a64fc/regresan-centro-de-convenciones-a-fase-de-planeacion/>. Acesso em 14 abr. 2017.

CORTÁZAR, J. 'Literatura e identidad'. In: *Argentina: años de alambradas culturales*, Buenos Aires: Muchnik Editores, 1984. Disponível em: <<https://clasesparticularesenlima.files.wordpress.com/2015/06/julio-cortazar-argentina-ac3b1os-de-alambradas-culturales.pdf>>. Acesso em 19 out. 2017.

DE.SIERTOS ANDANTES. Sobre. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/de.siertosandantes/about/?ref=page_internal>. Acesso em 24 out. 2017.

DOMÍNGUEZ, E. 'Me siento segura en Cd. Juárez'. *El Mexicano*, 16 Mar. 2016. Disponível em: <<http://www.oem.com.mx/elmexicano/notas/n4109160.htm>>. Acesso em 28 Mar. 2016.

DPR-BARCELONA. *Zones of Contention: Between Borders and Frontiers*, 24 fev. 2011. Available at: < <https://dprbcn.wordpress.com/2011/02/24/zones-of-contention/>>. Acesso em 14 abr. 2017.

DREW, P. & WOOTTON, A. *Erving Goffman: Exploring the Interaction Order*. Boston: Northeastern University Press, 1988.

DUDLEY, F. 'Juárez After The War', *InSight Crime*, 13 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.insightcrime.org/images/PDFs/2016/juarez.pdf>>. Acesso em 08 Mar. 2016.

ESTROP, A. 'Fraude millonario en Cd. Juárez'. *Reporte Indigo*, 23 set. 2012. Disponível em: <<http://www.reporteindigo.com/reportes/fraude-millonario-en-cd-juarez/2/>>. Acesso em 10 Out. 2017.

FELBAB-BROWN, V. *Calderón's Caldron: Lessons from Mexico's Battle Against Organized Crime and Drug Trafficking in Tijuana, Ciudad Juárez, and Michoacán*. Washington, DC: Brookings Institution Latin American Initiative, 2011.

FIERRO, L. Ciudad Juárez festeja a "Tin Tan", su pachuco querido. *El Universal*, 26 ago. 2016. Disponível em: <<http://www.eluniversal.com.mx/articulo/estados/2016/08/26/ciudad-juarez-festeja-tin-tan-su-pachuco-querido#imagen-1>>. Acesso em 23 out. 2017.

FRAGOSO, J. E. M.; SIMENTAL, R. F.; SALINAS, D. L. G. La ciudad y el feminicidio en los textos académicos. In: FRAGOSO, J. E. M. *et al* (coord.). *Violencia contra las mujeres e inseguridad ciudadana en Ciudad Juárez*, México, El Colegio de la Frontera Norte y Miguel Ángel Porrúa, pp. 65-122, 2010.

FR-EE. Juárez's C. C. Disponível em: <<http://www.fr-ee.org/project/26/Juarez+C.C.>>. Acesso em 14 abr. 2017.

FREGOSO, R. L. "We Want Them Alive!" The Politics and Culture of Human Rights. *Social Identities*, v. 12, n. 2, pp. 109-138, 2006.

GASPAR DE ALBA, A. e GUZMÁN, G. *Making a Killing: Femicide, Free Trade, and La Frontera*. Austin: University of Texas Press, 2010.

GOFFMAN, E. *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. New York: Simon & Schuster, 1963.

GUATTARI, F. 'Espaço e poder: a criação de territórios na cidade'. *Espaço & Debates, Revista de Estudos Regionais e Urbanos*, Ano V, n. 16. São Paulo, pp. 109-129, 1985.

GUTIÉRREZ, S. S. 'Del Centro a la Centralidad: representaciones territoriales. In: CARPIO, E. M. (org.) *Relatos de la memoria: la erosión del centro histórico en la ciudad fronteriza*. Ciudad Juárez: Editora UACJ, pp. 71-105, 2010.

GUTIÉRREZ, S. S. 'Systemic Violence, Subjectivity of Risk, and Protective Sociality in the Context of a Border City: Ciudad Juárez, Mexico' *Frontera Norte*, v. 26, n. 51, pp. 137-56, 2014.

HAESBAERT, R. *Viver no Limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de insegurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2014.

HEIMPEL, C. R. 'Ciudad Juárez: re-viviendo el barrio', *Jane's Walk*, 2016. Disponível em: <<http://janeswalk.org/mexico/ciudad-juarez/re-viviendo-el-barrio>>. Acesso em 23 out. 2017.

HERNÁNDEZ, V. V. Entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: Maria Larissa Silva Santos. Ciudad Juárez, 2017. 1 arquivo .mp3 (51'17").

HIERRO PÉREZ-CASTRO, G. Las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez. In: CASTAÑEDA, G. G. (coord.). *Violencia sexista: algunas claves para la comprensión del feminicidio en Ciudad Juárez*, México, Universidad Nacional Autónoma de México/Programa Universitario de Estudios de Género, pp. 125-129, 2004.

IMIP. *Plan Maestro de Desarrollo Urbano del Centro Histórico de Ciudad Juárez*, 2014.

_____. *Plan Maestro de Revitalización Social y Urbana del Centro Histórico*, 2007.

_____. *Plan Parcial del Centro Histórico de Ciudad Juárez*, 1998 [2001].

INEGI. *Encuesta Intercensal 2015*, Población de Chihuahua, Juárez. Disponível em: <<http://www.beta.inegi.org.mx/proyectos/enchogares/especiales/intercensal/>>. Acesso em 28 out. 2017.

_____. Datos de población, estado de Chihuahua. In: *II Censo de Población y Vivienda 2005*. Disponível em: <http://www.beta.inegi.org.mx/contenidos/proyectos/ccpv/2005/tabulados/Cont2005_Chih_Poblacion.pdf>. Acesso em 25 out. 2017.

JACOBS, J. *The death and life of great American cities*. New York : Vintage Books, [1961] 1992.

JONES, G. A. & VARLEY, A. 'The reconquest of the historic centre: urban conservation and gentrification in Puebla, Mexico', *Environment and Planning A*, v. 31, n. 9, pp. 1547-1566, 1999.

JUARITOS LITERARIO. '1. ¿Y ustedes qué?', 2016. Disponível em: <<https://juaritosliterario.com/proyecto/por-que/>>. Acesso em 23 out. 2017.

LEES, L.; SLATER, T.; WYLY, E. *Gentrification*, New York: Routledge, 2008.

MÁRQUEZ, C. S. *La balada de los arcos dorados*. Ciudad de México: Almadía, 2014.

MARTÍNEZ, A. F. G. 'Breve historia del centro y su ciudad'. In: CARPIO, E. M. (org.). *Relatos de la memoria: la erosión del centro histórico en la ciudad fronteriza*. Ciudad Juárez: Editora UACJ, pp. 15-28, 2010.

MARTÍNEZ, A. M. Necesaria la ayuda privada para el rescate de Juárez. *Norte de Ciudad Juárez*, Ciudad Juárez, Chih, p. 3, sección A, 09 mar. 2012.

MARTÍNEZ, F. 'El programa "Todos somos Juárez", modelo a aplicar a escala nacional', *La Jornada*, 15 fev. 2013. Disponible em: <<http://www.jornada.unam.mx/2013/02/15/politica/003n1pol>>. Acesso em 10 Out. 2017.

MBEMBE, A. *Necropolítica seguido de Sobre el Gobierno Privado Indirecto*. Madrid: Editorial Melusina, 2011.

MELGAÇO, L. *Securização Urbana: da psicosfera do medo à tecnosfera da segurança*. [Tese de Doutorado] Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

MÉXICO, Secretaría de Desarrollo Urbano y Ecología. *Plan Parcial de Desarrollo Urbano, Zona Centro*, 1988.

MISRA, T. 'Instead of Trump's Wall, Why Not a Binational Border City?', *Citylab*, 19 Sep. 2016. Available at: <<http://www.citylab.com/design/2016/09/instead-of-a-wall-build-a-binational-city-us-mexico-border-trump/499634/>>. Acesso em 14 abr. 2017.

MORAES, A.C.R. *Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil*. São Paulo: Annablume, 5ª ed., 2005.

MORONES, M. Difunden bondades del adobe. *El Diario de Juárez*, 13 mai. 2016 Disponible em: <http://diario.mx/Local/2016-05-12_68cc91e3/difunden-bondades-del-adobe/>. Acesso em 07 set. 2017.

MURILLO, C. 'La ley de Leyzaola', *El Sentido*, 25 jan. 2012. Disponible em: <<http://elsentido.com/noticias/opinion/ley-de-leyzaolapor-carlos-murillo/>>. Acesso em 22 mar. 2016.

NOTIMEX. Develan placa con manos de Juan Gabriel en Ciudad Juárez. *Notimex*, 29 Ago. 2017. Disponible em: <<http://www.excelsior.com.mx/funcion/2017/08/29/1184926>>. Acesso em 23 out. 2017.

OLIVAS, J. D. 'Gastan 630 mdp y sigue atorado rescate del centro'. *El Diario de Juárez*, 19 fev. 2017. Disponible em: <http://diario.mx/Local/2017-02-19_e781b864/gastan-630-mdp-y-sigue-atorado-rescate-del-centro/#DmxBox>. Acesso em 07 set. 2017.

ORTEGA, J. A. 'Cd. Juárez, por Segundo año consecutivo, la ciudad más violenta del mundo'. *Seguridad, Justicia y Paz*, 11 jan. 2010. Disponible em: <<http://www.seguridadjusticiaypaz.org.mx/sala-deprensa/58-cd-juarez-por-segundo-ano-consecutivo-la-ciudad-mas-violenta-del-mundo>>. Acesso em 07 set. 2017.

ORTEGA, L. C. Es Juárez una de las ciudades con más vivienda abandonada. *Norte de Ciudad Juárez*, Ciudad Juárez, Chih., p. 1, sección A, 23 mar. 2014.

_____. Ex hipódromo: el gigante dormido. *Norte de Ciudad Juárez*. Ciudad Juárez, Chih., p. 3, sección A, 25 set. 2011.

PADILLA, H. 'Política y violencia en Ciudad Juárez'. *Metapolítica*, pp. 97-99, 2003.

PALLAMIN, V. 'Apresentação'. In: BERTELLI, G. B. e FELTRAN, G. (orgs.). *Vozes à Margem: periferias, estéticas e política*. São Carlos: EDUFSCAR, 2017.

PAREDES, M. Lincoln Center and the Continued Gentrification of El Paso. *El Paso News Border Politics*. 29 mai. 2014 [online]. Disponível em: <<http://elpasonews.org/2014/05/lincoln-center-continued-gentrification-el-paso/>>. Acesso em 07 set. 2017.

PEREYRA, Rutilio García. *Ciudad Juárez: La fea*. Ciudad Juárez: Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, 2010.

QUIJADA, G. S. *Políticas Federales e intervención empresarial en la configuración urbana de Ciudad Juárez, 1940-1992*. Ciudad Juárez: Universidad Autónoma de Ciudad Juárez y El Colegio de Michoacán, 2013.

QUIÑONES, J. 'Silent Screams in Juárez', *ABC News 20/20 Downtown*, 1999, Disponível em: <<https://vimeo.com/14280714>>. Acesso em 28 mar. 2016.

RODRÍGUEZ NIETO, S. *La Fábrica del Crimen*. Ciudad de México: Planeta, 2012.

RODRÍGUEZ, M. *De Obregón... El Recreo*. Sedito. Ciudad Nezahualcóyotl: Sedito Ediciones, 2012.

ROMERO, F. *Hyperborder: The Contemporary U.S.-Mexico Border and Its Future*. New York: Princeton Architectural Press, 2008.

SÁENS, B. A. *Everything Begins and Ends at the Kentucky Club*. El Paso, Texas: Cinco Puntos Press, 2014.

SAINZ, E. M. *Arquitectura Nacionalista: El proyecto de la Revolución Mexicana en el Noroeste (1915-1962)*. Ciudad de México: Plaza y Valdez, 2004.

SALAS, L. A. Entrevista [feb. 2017]. Entrevistadora: Maria Larissa Silva Santos. Ciudad Juárez, 2017. 1 arquivo .mp3 (1h35min).

SANMIGUEL, R. *Callejón Sucre*. Tijuana: El Colégio de la Frontera Norte, 1994.

SANTOS, M. O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo. Tradução de: Sandra Lencioni. 5ª Ed. São Paulo: EDUSP, [1971] 2009.

_____. *Por uma Geografia Nova: da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo: Edusp, 6ª ed., [1978] 2004.

_____. *Por uma outra globalização*. São Paulo: Ed. Record, 1ª ed., 2001.

SASSEN, S. The repositioning of citizenship: Emergent subjects and spaces for politics. *Berkeley Journal of Sociology*, v. 47, pp. 4–26, 2002.

SCHMITT, C. *Théologie politique*. Paris: Gallimard, 1988.

SCHMIDT, S. *En busca de la decisión: La industria maquiladora en Ciudad Juárez*, Colección Sin Fronteras, Ciudad Juárez: Universidad Autónoma de Ciudad Juárez, 1998.

SEDESOL. Modernización administrativa para el desarrollo urbano. In: *Documento Base. Sedesol*, Ayuntamiento de Juárez, Ciudad Juárez, p. 5-42, 1992.

SHILLOAP, D. 'obra "Juárez Jerusalem"'. *Youtube*, 53'32", 01 abr. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pPMEX57KQiU>>. Acesso em 23 out. 2017.

SIERRA, S. C. Violencia y jóvenes: pandilla e identidad masculina en Ciudad Juárez. *Rev. Mex. Sociol*, México, v. 76, n. 4, p. 613-637, dez. 2014.

SIMPICH, J. 'Along our Side of the Mexican Border'. *National Geographic Magazine*, vol. XXXVIII, pp. 66-67, jul. de 1920.

SMITH, N. 'Revanchist Planet'. *The Urban Reinventors Online Journal*, n. 3, 2009. Disponível em: <<http://www.urbanreinventors.net/3/smith1/smith1-urbanreinventors.pdf>>. Acesso em 08 mar. 2016.

_____. 'New globalism, new urbanism: gentrification as global urban strategy'. *Antipode*, n. 34, p. 427–50, 2002.

_____. *The New Urban Frontier: Gentrification of the Revanchist City*, London: Routledge, 1996.

SWANSON, K. 'Zero Tolerance in Latin America: Punitive paradox in urban policy mobilities'. *Urban Geography*, v.34, n. 7, pp. 972-988, 2013.

TURCHI, P. *Maps of imagination: The Writer as Cartographer*. San Antonio, TX: Trinity University Press, 2004.

UACJ/CENAPRA. *Encuesta de Percepción Ciudadana sobre Inseguridad en Ciudad Juárez, 2009*. Ciudad Juárez: Centro de Investigaciones Sociales, 2009.

VALENCIA, N. 'After years of violence and death, 'life is back' in Juarez'. *CNN Mexico*, 21 Abr. 2015. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2015/04/21/americas/mexico-ciudadjuarez-tourism/>>. Acesso em 28 mar. 2016.

VARGAS, M.S.V. 'Desplazamientos forzados: migración y violencia en Ciudad Juárez, Chihuahua, México'. *Estudios Regionales en Economía, Población y Desarrollo. Cuadernos de Trabajo de la UACJ (7)*, pp. 3-21, jan-fev 2012.

VELARDE, S. F. Juárez y su deterioro socio-urbano. *El Diario*, Ciudad Juárez, Chih., p. 8, sección A, 20 jan. 2015.

VILLAPANDO, R. 'Discriminan a tarahumara en bar de Juárez'. *La Jornada*, 27 Nov. 2016. Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2016/11/27/estados/037_n2est>. Acesso em 05 out. 2017.

VULLIANY, E. 'Has "El Chapo" turned the world's former most violent place into a calm city?', *The Guardian*, 19 Jul. 2015. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/jul/19/mexico-drugs-cartel-joaquin-guzman>>. Acesso em 08 mar. 2016.

WACQUANT, L. *Punishing the poor: the neoliberal government of social insecurity*. Durham, North Carolina: Duke University Press, 1ª ed., 2009.

_____. *Urban Outcasts: A Comparative Sociology of Advanced Marginality*. Cambridge: Cambridge Polity Press, 1ª ed., 2008.

_____. 'Territorial Stigmatization in the Age of Advanced Marginality', *Thesis Eleven*, v. 91, n. 1, pp. 66-77, 2007.

WHITE, O. P. *The Autobiography of a Durable Sinner*. New York: G. P. Putnam's Sons, 1942.

_____. 'El Paso', *American Mercury* 2, n. 8, Ago. 1924.

_____. *Out of the Desert: The Historical Romance of El Paso*. El Paso: The McMath Co, 1923.

WILSON, J. Q. e KELLING, G. L. 'Broken Windows: The Police and Neighbourhood Safety', *Atlantic Monthly*, v. 249, n. 3, pp. 29-38, Mar. 1982.

WRIGHT, M. 'Femicidio, narcoviolence, and gentrification in Ciudad Juárez: the feminist fight'. *Environment and Planning D: Society and Space*, n. 31, pp. 830-845, 2013.

_____. 'Necropolitics, narcopolitics, and femicide: gendered violence on the Mexico-U.S. border' *Signs*, v. 36, n. 3, pp. 707-731, 2011.

APÊNDICE I

Quadro de entrevistas realizadas no trabalho de campo em Ciudad Juárez

Entrevistadx	Ocupação/ Filiação institucional	Local da entrevista	Duração
Carolina Rosas Heimpel	Artista, professora do IADA/UACJ e realizadora do <i>Bazar del Monu</i>	IADA/UACJ, Sala de professores	42'
Vanessa Vargas Hernández	Socióloga, estudante de Artes Plásticas e ocupante da <i>Xolombia</i>	<i>Xolombia</i>	51'17"
Cesar del Real Rodríguez	Artista de rua e ocupante da <i>Xolombia</i>	<i>Xolombia</i>	4'47"
Gabriel García Moreno	Professor do IADA/UACJ e ativista do coletivo <i>De.siertos Andantes e Tácticas para una ciudad humana</i>	<i>Centro Cultural Fronterizo</i>	13'59"
Hector Antonio Padilla Delgado	Cientista Político e professor da UACJ	ICSA/UACJ	41'21"
Leobardo Alvarado Salas	Pesquisador independente da UACJ	ICSA/UACJ	95'54"
Vaneza Chávez	Arquiteta e professora do IADA/UACJ	El Colef	49'46"
Maricela Morelos	Jornalista do El Diario	El Colef	52'44"
Gabriela Minjáles	Jornalista do El Diario	Restaurante <i>Sanborns</i>	17'15"
Mário Dena	Empresário e coordenador da <i>Mesa Interinstitucional para la Renovación de Ciudad Juárez</i>	FICOSEC	21'57"
Cynthia Lopez Dela Fuente	Subdiretora de Desarrollo Económico de Ciudad Juárez A. C.	FICOSEC	26'45"
Felipe Galán Uribe	Funcionário de Desarrollo Económico de Ciudad Juárez A. C.		
Salvador Barragán	Coordenador geral do PMDUCH	IMIP	44'24"
Patricia Castillo	Arquiteta responsável pela análise urbana do PMDUCH		
Miriam Castellanos	Arquiteta responsável pela análise urbana do PMDUCH		

APÊNDICE II

Roteiro das entrevistas com funcionários do IMIP

1. El Plan Maestro de Desarrollo Urbano del Centro Histórico de Ciudad Juárez constituye una estrategia bastante ambiciosa de rescate y revitalización del perímetro del centro histórico. ¿Podría hablarme más sobre el plan? ¿Cuál fue el principal objetivo de esta estrategia urbana?
2. ¿Cuáles son las principales motivaciones que guiaran la elaboración del Plan Maestro de Desarrollo Urbano del Centro Histórico de Ciudad Juárez?
3. ¿Cuánto tiempo e cuantas personas estuvieron involucrados en el proceso de elaboración del plan? ¿Con base en que criterios fueron elegidos?
4. El Plan Maestro de Desarrollo Urbano del Centro Histórico de Ciudad Juárez se inspiró en larga medida en las directrices del Banco Interamericano de Desarrollo para gestión del espacio urbano. ¿El BID tuvo alguna participación más efectiva en la ejecución del plan?
5. ¿De cuál instancia viene el presupuesto responsable por las ocho intervenciones disparadoras del proyecto? ¿Es de todo público o también cuenta con apoyo de la iniciativa privada?
6. ¿Hay alguna relación entre el Programa Nacional de Prevención del Delito (PRONAPRED) y el Plan Maestro de Desarrollo Urbano del Centro Histórico de Ciudad Juárez?
7. ¿Qué lecciones Juárez podría compartir con otras ciudades que actualmente enfrentan problemas de estigma territorial relacionado a la inseguridad urbana?
8. ¿Qué diferencias se pueden esperar en términos de planeación urbana de la nueva administración de la Presidencia Municipal, por la primera vez con un representante independiente después de cerca de 14 años bajo el gobierno del Partido Revolucionario Institucional?
9. ¿Cuál es la importancia del mejoramiento de la imagen urbana de Juárez para que el desarrollo urbano del centro histórico?
10. A todo momento en el documento, la revitalización económica es considerada un resultado casi directo del mejoramiento de la imagen urbana, una vez que este es capaz de atraer empresas y generar empleos. ¿Cuáles fueron las empresas que pasaran a actuar en la región con la implementación del PMDUCH?
11. ¿Qué tipo de beneficios el mejoramiento de la imagen urbana trae para la gente que vive en la zona central y para los juarenses en general?
12. ¿Qué lecciones podríamos sacar de la experiencia de elaboración e implementación del PMDUCH para otras ciudades en Latinoamérica que pasan por problemas similares?

Total de entrevistados nesse grupo: 3

APÊNDICE III

Roteiro das entrevistas realizados com membros da sociedade civil organizada

1. Cómo/cuándo empezó esta organización? ¿Cuál fue su objetivo inicial?
2. Cómo/donde actúan hoy?
3. ¿Con qué frecuencia ustedes se reúnen? ¿Qué discuten en esas reuniones? ¿Son abiertas a toda la comunidad?
4. ¿Quién(es) son los integrantes de la institución?
5. ¿Cómo se mantienen? ¿Hay algún fondo colaborativo de los miembros o inversión externa?
6. ¿Hay alguna cercanía entre esta organización y partidos políticos locales?
7. ¿Cuál es la participación de esta institución en la gestión urbana de la ciudad?
8. ¿Cuál es la importancia de esta institución para usted?
9. ¿Hay otras organizaciones/colectivos que han desarrollado actividades similares a las de ustedes en el centro?
10. ¿Hay alguna pregunta que no he hecho pero le interesaría responder?

Total de entrevistados neste grupo: 4

APÊNDICE IV

Roteiro das entrevistas realizadas no Fideicomiso para la Competitividad y Seguridad Ciudadana (FICOSEC)

1. Cómo/cuándo empezó el FICOSEC? ¿Cuál fue su objetivo inicial?
2. En años anteriores a la creación de la Mesa de Seguridad y Justicia de CJ, ¿cuáles los principales desafíos que un emprendedor se enfrentaba para actuar en Juárez?
3. ¿Actualmente cuáles son los retos más importantes?
4. ¿Cuáles/cuántos sectores empresariales están representados en la Mesa de Seguridad y Justicia de CJ?
5. ¿Cómo se planean los proyectos en la Mesa de Seguridad y Justicia de CJ que beneficien a todos estos sectores?
6. ¿Cómo es que interviene la Mesa en la gestión urbana de la ciudad?
7. ¿En cuál(es) parte(s) de la ciudad ustedes han actuado con mayor intensidad? (¿centro histórico?)
8. En 2014, fue aprobado un plan para revitalización económica del Centro Histórico. ¿Cómo su implementación ha favorecido emprendedores que actúan o desean actuar en esta área?

Total de entrevistados neste grupo: 3

ANEXO I

Convite para o evento “Comentemos el Centro”

- Académico: estudios, investigaciones y análisis.
- Cultural: actividades culturales, grupos artísticos y colectivos.
- Institucional: intervenciones y proyectos a desarrollar.



Ejes de las Mesas
de Trabajo



CENTROHISTÓRICO
HEROICA CIUDAD JUÁREZ

“COMENTEMOS EL CENTRO”

Espacio de expresión para intercambiar opiniones
sobre la reconfiguración del proyecto del
Centro Histórico



JUÁREZ
INDEPENDIENTE
GOBIERNO MUNICIPAL 2016-2018

IMIP

Sábado 25 de febrero de 2017
10:00 hrs - 13:00hrs
ENTRADA LIBRE

Av. Benjamín Franklin 4185, Progresista, 32310 Cd Juárez, Chih.

OBS.: O encontro do dia 25 de fevereiro de 2017, realizado no *Instituto Municipal de Investigación y Planeación*, foi o segundo da série de eventos promovida pelo governo municipal desde os dias 10 e 11 de fevereiro, no edifício da *Antigua Presidencia Municipal*, do qual também tive a oportunidade de participar, embora não tenha sido amplamente divulgado. Neste evento, se pronunciaram Juan Enrique Díaz, organizador do evento e atual responsável pela Zona Centro; Joe Gudenrath, presidente da *El Paso Downtown Management District*; e de Margarita González, professora da Universidad Autónoma de Zacatecas e autora do livro *“Circo sin pan: regeneración y mercantilización en el Centro Histórico”*. O evento do dia 25 contou com a presença e o pronunciamento do atual Presidente Municipal Armando Cabada.

ANEXO II
Folder de programación do evento
“2.do Encuentro [Re]imaginando la ciudad desde el borde”



MIÉRCOLES 22 DE FEBRERO

8:30 - 9:00 HRS	REGISTRO
9:00 - 9:15 HRS	BIENVENIDA Dr. Erick Sanchez, Dra. Elvira Maycotte Panza y Mtra. Alpha Escobedo
9:15 - 10:00 HRS	Presentación de resultados del 1er encuentro de Imaginando la Ciudad desde el Borde Mtra. Brenda Ceniceros / Mtra Laura Ochoa
10:00 - 12:00 HRS	MESA I: CIUDAD Y ARQUITECTURA POSIBLE HAD-VD Arquitectos: Technology HUB Parque de emprendimiento e innovación: Colectivo CHOPEKE: Proyecto de alto impacto-restaurativo Arquitectura (TECHO) digna Arq. Alba Luz Máynez: Juárez Mágico
12:00 - 12:15 HRS	Receso
12:15 - 14:15 HRS	MESA II: CIUDAD, GÉNERO Y ARTE Alejandra Aragón: Las Noches Invisibles: Documentando a Ciudad Juárez desde una mirada oriunda Mónica Blumen: 13,500 volts Gracia Chávez: Arte Público a través del modelo de ciudadanía cultural, ejercicios tácticos
14:15 - 16:00 HRS	Comida libre
16:00 - 18:00 HRS	CONFERENCIA: Dra. Selva Chew: La destrucción del Barrio Duranguito (El Paso Tx.): Un Proyecto neoliberal Fronterizo
18:00 - 20:00 HRS	INAUGURACIÓN EXPOSICIÓN: ⁺Re

JUEVES 23 DE FEBRERO

9:30 - 10:00 HRS	REGISTRO
10:00 - 11:45 HRS	CONFERENCIA: DÉRIVE LAB. FRANCISCO PAILLIE
11:45 - 12:00 HRS	RECESO
12:00 - 14:00 HRS	MESA III: CIUDAD Y ESPACIO PÚBLICO De ciertos andantes: Jane's Walk Juaritos Literario: Cartografía Literaria de Ciudad Juárez Colectivo Calavera: Calavera Studio
14:00 - 16:00 HRS	MESA IV: CIUDAD, EDUCACIÓN Y CULTURA Maria Tereza Vazquez: Universidad y Ciudad: Explorando el Patrimonio de la Colonia Bellavista Luis Pegut: Plataforma Cultural HUBarte Dora Ivette Rivero Caraveo: "Talleres gratuitos para desarrollar videojuegos para plataforma Web y Android para niveles de primaria y secundaria" Alukandra: Charlas Fotográficas
16:00 - 18:00 HRS	CONFERENCIA: Colectivo Caracol Urbano. Lirba Mayela Cano Alarcón

VIERNES 24 DE FEBRERO

10:00 - 11:30 HRS	MESA REDONDA: La intervención como instrumento para transformar y reconstruir las ciudades
11:30 - 13:00 HRS	MESA: Diálogo de la exposición con artistas
13:00 - 15:00 HRS	Comida libre
15:00 - 18:00 HRS	Actividad de Cierre: Juaritos Literario - Caminata Literaria: Callejones Proscenios



ANEXO III

Folder de divulgação do coletivo *Juaritos Literario*

5 Líneas de acción:

- LECTURA COMO PRÁCTICA CIUDADANA**
La producción escrita en y sobre Ciudad Juárez debe ser conocida en su lugar de inspiración. Es cosa sabida, afirmaba Julio Cortázar, que el lector, "al descubrir por fin a sus propios autores, ha dado un paso adelante en el descubrimiento de su propia identidad cultural".

- REPOSITORIO DOCUMENTAL**
Nuestro blog almacena y difunde las obras. La digitalización del patrimonio literario, en forma de texto o en audio, irá conformando un acervo bibliográfico que reúna toda la producción escrita que haya retratado a la ciudad.

- MEMORIA URBANA**
¿Cómo ha crecido la metrópolis? El antiguo Paso del Norte ha sido de todo: misión, presidio, rancho y capital del país. La coordenada temporal da sentido y continuidad al desarrollo espacial de la urbe.

- CARTOGRAFÍA LITERARIA**
La mejor forma de valorizar el patrimonio literario de una región es recorriéndolo en la lectura, pero también por medio de nuestra vista. La emoción de cada página ofrece la primera pista para trazar el camino entre un espacio de ficción y su ubicación real. Nuestros mapas serán la guía para realizar notas literarias a través de Juárez.

- IMAGEN DE LA CIUDAD**
La imaginación geográfica nos permite comprender la relación entre el espacio urbano, la propia biografía y las transacciones con el entorno. Tomar conciencia de nuestro territorio mejorará la idea que tengamos y compartamos de Ciudad Juárez.
